



© *de [illegible]*  
*S. Paulo, 21 de [illegible]*

GENERAL COUTO DE MAGALHÃES

# OS GUAYANÁS

CONTO HISTORICO SOBRE A FUNDAÇÃO DE S. PAULO

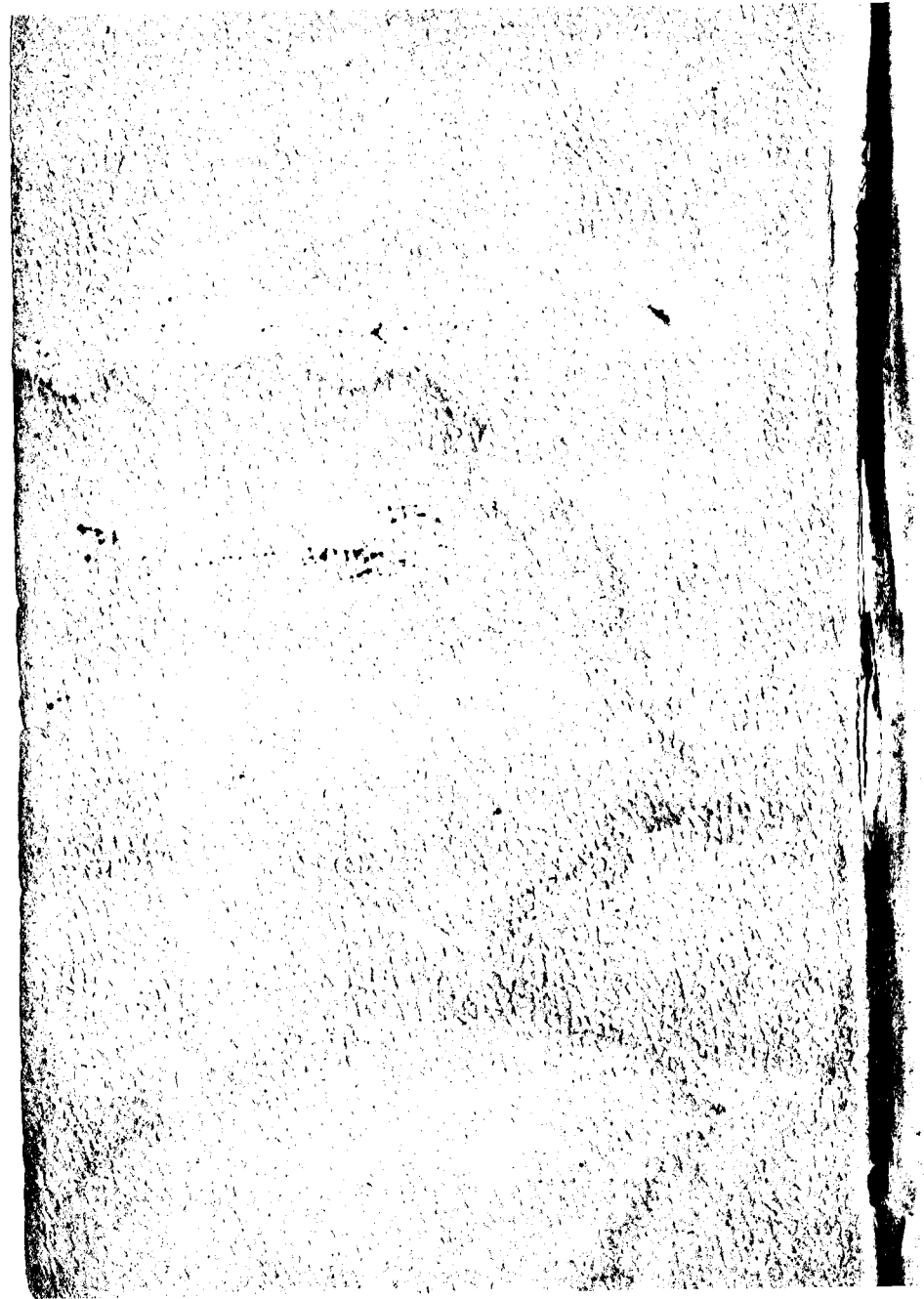
Mas tu, ó musa, que piedosa choras,  
Chevada sobre a urna do passado;  
Tu, que jamais negaste ao infornio  
Um canto expiatorio, eia! consola  
Do pobre indiano os erradios manes  
E, sobre a ingloria cinza dos proscriptos,  
Com teus cantos ao monco uma lagrima  
Faze correr de compaixão tardia.

B. GUIMARÃES

*(Cantos da Solidão)*

**EDIÇÃO DEFINITIVA**

S. PAULO  
Typ. ESPINDOLA, SIQUEIRA & COMP.—Rua Direita, 10-A  
1902



Octavio Martins de Liguira.

S. Paulo, 17-11-915.

Três Marquez d'Almeida

OS GUAYANÁS





GENERAL COUTO DE MAGALHÃES

---

# OS GUAYANÁS

CONTO HISTORICO SOBRE A FUNDAÇÃO DE S. PAULO

Mas tu, ó musa, que piedosa choras,  
Curvada sobre a urna do passado;  
Tu, que jamais negaste ao infortunio  
Um canto expiatorio, eia! consola  
Do pobre indiano os erradios manes  
E sobre a ingloria cinza dos proscriptos,  
Com teus cantos ao menos uma lagrima  
Faze correr de compaixão tardia.

B. GUIMARÃES

*(Cantos da Solidão)*

Publicação dirigida por

JOSÉ COUTO DE MAGALHÃES

E

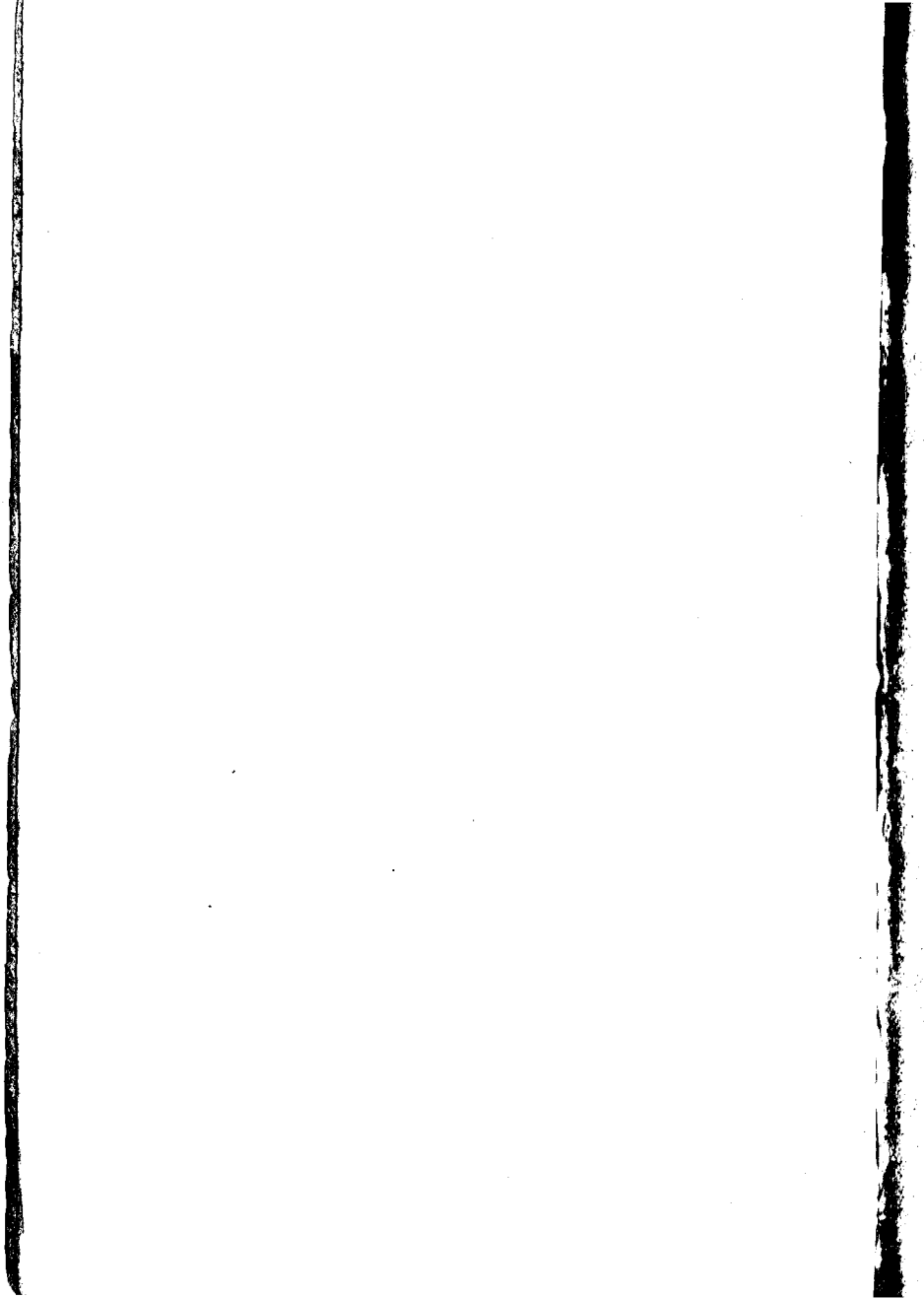
DR. COUTO DE MAGALHÃES SOBRINHO

---

EDIÇÃO DEFINITIVA

---

S. PAULO  
TYP. ESPINDOLA, SIQUEIRA & COMP.—Rua Direita, 10-A  
1902



AO  
INSTITUTO  
HISTORICO E GEOGRAPHICO  
BRASILEIRO

0.

*C. Auctor*



PREFACIO



O sr. José Couto de Magalhães resolveu publicar, em edição definitiva, todas as obras do seu illustre pae, algumas das quaes se conservam até hoje inéditas, sendo outras pouco conhecidas, por terem vindo a lume sómente em revistas e jornaes.

Não é pequena a bagagem scientifica e litteraria do general Couto de Magalhães, que, começando a escrever para o publico quando ainda estudante de Direito, publicou na *Revista da Academia*, em 1859, (1) dous interessantes estudos—*Destino das lettras no Brasil* e *Traços biographicos dos poetas academicos*, o conto em estylo quinhentista *O estudante e os monges* e outros trabalhos que só agora vão ser colleccionados.

Vêm tambem dessa data o seu romance historico sobre a fundação de S. Paulo, *Os Guayanás*, e o estudo *Revolta de Felippe dos Santos em 1720*, que lhe deu entrada no Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Seguiram-se-lhes mais tarde a *Viagem ao Araguaya*; a memoria *Região e Raças Selvagens*,

---

(1) O primeiro numero da *Revista da Academia* appareceu em abril de 1859, impresso na *Typographia Dous de Dezembro*, de Antonio Louzada Antunes, á rua das Flôres, 35. Eram seus redactores Couto de Magalhães e Joaquim Augusto de Camargo, figurando como collaboradores Antonio da Silva Prado, Martins Pereira, Manoel Jorge Rodrigues, C. M. Galvão Bueno, J. T. Nabuco de Araujo e outros.

Da *Revista* sahiram poucos fasciculos, formando, ao todo, 319 paginas; pelo menos, não conhecemos mais numeros dessa interessante publicação, que o leitor encontrará na bibliotheca da Faculdade de Direito. Parece que, pouco tempo depois do incendio da typographia onde era impressa a *Revista*, esta suspendeu a publicação.

por elle lida, em 1874, naquella antiga e respeitavel associação scientifica; *O Selvagem*, curso da lingua geral, com o texto original de lendas tupis; a conferencia sobre *Anchieta e as raças e linguas indigenas do Brasil*,—além de muitos artigos sobre assumptos varios, publicados na imprensa, e de grande numero de estudos, que ficaram inéditos.

D'*Os Guayanás* appareceu uma unica edição em 1860, impressa nesta cidade, na *Typographia Imparcial*, do sr. Joaquim Roberto de Azevedo Marques.

*O Selvagem*, cuja parte segunda é a reproducção da memoria *Região e Raças Selvagens*, foi composto a pedido de S. Magestade o Imperador D. Pedro II, para figurar na bibliotheca americana da Exposição Universal de Philadelphia, em 1877, e foi impresso no anno anterior, por ordem do governo, na *Typographia da Reforma* (Rio de Janeiro, rua Sete de Setembro, 181).

A *Viagem ao Araguaya* foi impressa na capital de Goyaz, em 1863 (*Typographia Provincial*), quando o seu auctor era presidente daquella provincia; mais tarde, em 1889, foi reimpressa nesta capital, na *typographia d'O Federalista*, em incompleta e defeituosa edição que o auctor não reviu.

Exgottaram-se rapidamente as edições das obras do general Couto de Magalhães, sobretudo a d'*O Selvagem*, livro que despertou extraordinario interesse em toda parte, até em centros

scientificos da Europa, onde o traduziram mais de uma vez; é muito citado pelos escriptores nacionaes e estrangeiros que se occupam da materia.

D'*O Selvagem*, o general preparava nova edição, refundida e augmentada com o vocabulario tupi do padre Anchieta e uma grammatica da lingua geral, com o respectivo vocabulario (<sup>2</sup>); era seu intenso desejo entregal-a ao publico por occasião do IV centenario do descobrimento do Brasil. Mas infelizmente a morte o surpreendeu no Rio de Janeiro, em 14 de setembro de 1898, quando apenas esboçara o plano dessa segunda edição, que, mesmo assim, com ligeiras emendas e annotações do auctor, será publicada opportunamente.

Attendendo a que estão ha muito tempo exgottadas as edições dos livros do general Couto, os quaes hão de ser lidos sempre com interesse por todos quantos têm amor á terra brasileira, o sr. José Couto de Magalhães em boa hora tomou a si a louvavel empresa de entregar ao publico, em edição definitiva, as

(<sup>2</sup>) Na conferencia anchietana (1897), o general Couto de Magalhães refero-se assim á projectada segunda edição d'*O Selvagem*:

«Estou preparando uma segunda edição desse livro, que já foi traduzido em linguas européas.

A segunda edição será impressa no anno vindouro e trará, além do que já foi publicado, o vocabulario tupi do padre José d'Anchieta, que nos dá a lingua tal qual era falada pelos paulistas em 1570, as lendas, lingua e litteratura dos actuaes indios de S. Paulo.» (*III Centenario do Veneravel Joseph de Anchieta*, pag. 268.—Aillaud & Comp., editores. Paris —Lisboa.

obras completas do seu illustre pae:—cumpriria apenas um dever de filho, se não prestasse tambem relevante serviço á litteratura patria.

\* \* \*

O romance *Os Guayanás* <sup>(2)</sup>, que apparece agora a lume, é o mesmo *Os Guayanazes*, de 1860, com ligeiras alterações feitas pelo auctor, quando, a pedido do dr. Eduardo Prado, o imprimiu em folhetins n' *O Commercio de São Paulo* <sup>(4)</sup>. Anteriormente, fôra elle publicado em diversos diarios da imprensa brasileira.

No presente volume, encontrará o leitor, em appendice, algumas notas explicativas dos termos tupis e de outros nomes que apparecem no correr da narração:—são do sr. José Couto de Magalhães, que é um estudioso cultor da historia do Brasil e da lingua dos nossos aborigenes.

\* \* \*

---

<sup>(2)</sup> «Escrve-se *guayanás*, porque assim o escreveram os chronistas, desde a descoberta de Piratininga, 1531. O nome exacto é *goiá-ná*. isto é, «proximos ou parentes dos *goiá*». Os *goiá* eram tribus procedentes do archipelago de Bahama ou, melhor, Antilhas, e perseguidas pelos *caribs*. As que cruzaram com *tupis* denominaram-se *goiá-ná*, que, por isso, eram tambem *tupi-ná-ki*. Por egual, *tupi-ná*, «parentes de tupi». (DR. JOÃO MENDES DE ALMEIDA, *Algumas notas genealogicas*, pag. 293. Typ. Baruel, Pauperio & Comp. - 1886 - S. Paulo).

<sup>(4)</sup> *O Commercio de São Paulo*, de 1.º de janeiro a 2 de fevereiro de 1897.

### XIII

---

Sob o ponto de vista litterario, se algo deixa a desejar este pequeno romance historico, a critica deve ter em consideração que foi essa a primeira tentativa de Couto de Magalhães em tão difficil genero litterario.

Accresce ainda a circumstancia de o haver elle escripto quando estudante,—já lá vão mais de quarenta annos!—nas férias academicas de 58-59. O quintannista de Direito aproveitava os mezes das férias para compôr o livro e preparar as theses que dentro em pouco deviam dar-lhe a investidura doutoral; não dispunha, com certeza,—e elle proprio o confessa, na carta a Homem de Mello—de tempo sufficiente para retocar o seu romance, e foi quasi em borrão que o entregou á typographia.

Apesar disso, quantas bellezas não encerra este livro! O estylo é claro e correcto, simples e attrahente, destacando-se sobretudo nas descripções das paizagens brasileiras, que o auctor já então conhecia e admirava, como observador entusiasta da nossa Natureza.

A sua narração singela, desataviada de floreios de estylo, tem o dom de seduzir e encantar o leitor e, á força de simples e natural, chega por vezes a ser tocante.

Estão ahí, para exemplo, entre outras, as scenas em que descreve os passios de noivado de Caá-Ubi e Ina e o idyllio, tão poetico e tão puro, dos dous selvagens, na praia dos Pinheiros, á sombra dos pés de ingá; e ahí estão ainda essas scenas encan-

tadoras do sabiá pousando na palmeira, por sobre o banco de pedra onde o velho padre Manoel de Paiva vinha sentar-se á tarde, em contemplativa meditação. Quanta poesia, nessa singela passagem da narração, em que o pardo cantor da floresta como que comprehende os receios do bom jesuita pelo futuro dos dous amantes, cuja felicidade elle preparava carinhosamente; ainda mais tocante é aquella scena final do romance, em que o mesmo passaro, tempo depois, vem completar a ventura do jesuita, trazendo da floresta a prole que creára!

Os dialogos são espontaneos e succedem-se naturalmente, sem estudada affectação dos interlocutores; ora graves e respeitosos, entre os dous jesuitas Nunes e Paiva, ora cheios de vivacidade e encanto, entre o virtuoso sacerdote e o indio Caá-Ubi.

N'Os *Guayanás*, Couto de Magalhães já se revelava investigador apaixonado da historia nacional e das nossas lendas e costumes; adivinha-se nas paginas deste livro o futuro auctor d'*O Selvagem*, o patriota a quem muito cedo a vida e a sorte dos nossos aborigenes interessam e preoccupam.

A acção do romance, desenvolvendo-se quasi toda na nascente aldeia de S. Paulo de Piratininga, apresenta ao leitor, — de um lado, no padre Manoel de Paiva, o typo do jesuita virtuoso e austero, admiravel de bondade e de prudencia, na sua humanitaria missão de catechisar por meios brandos os *brasís*; de outro, em Pero Lopes, o typo, tão commum no Brasil colonial, do ini-



migo implacavel do gentio, do perseguidor deshumano do selvagem.

As figuras de Pero Lopes, do capitão Lacerda e de outros portuguezes são mal esboçadas; Couto de Magalhães não quíz, propositalmente, dar-lhes no quadro senão o aspecto de sombras fugidias; o primeiro plano da narração, o auctor o destinou ao jesuita virtuoso e meigo, na pessoa do padre Paiva, e ao typo *indio*, tão bem representado nos personagens de Caá-Ubi e da innocente e formosa Ina.

Algumas considerações sobre os indios nos suggere, desde logo, o livro de Couto de Magalhães, porque, sempre que tratarmos dos nossos aborigenes, precisamos insistir em collocal-os em seu verdadeiro logar deante da civilisação, e não como os têm pintado alguns historiadores mais ou menos suspeitos.

Descoberto o Brasil, os *tupininkins* receberam muito bem a Alvares Cabral e, bravos, trataveis e fieis (expressões de SALVADOR HENRIQUE DE ALBUQUERQUE), assistiram admirados, mas reverentes, a todas as cerimoniaes catholicas que Cabral fez celebrar sobre uma ára levantada entre inculto arvoredado (ROCHA PITTA, *America Portuguesa*).

Apesar de sua hospitalidade, foram mal recompensados, porque, algum tempo depois do estabelecimento dos primeiros portuguezes, abandonaram a costa e refugiaram-se no interior. (NIEMEYER BELLEGARDE, *Resumo da Historia do Brasil*).

A principio, os indios não eram considerados «homens verdadeiramente humanos»; os europeus, por isso, julgavam-se no direito de mata-los, *sem peccado, e sem crime*, para com sua carne sustentarem os cães, como praticavam no Mexico os hespanhoes, (6) barbaridade atroz que motivou a bulla de Paulo III, de 9 de junho de 1537, declarando-os homens *rationaes e libertos*.

Escreve SIMÃO DE VASCONCELLOS, em suas curiosas *Noticias das cousas do Brasil*, que os primeiros povoadores entendiam «que os indios da America não eram verdadeiramente homens; que podia tomar-los para si qualquer que os houvesse e servir-se delles, da mesma maneira que de um camello, de um boi ou de um cavallo, feril-os, maltratad-os, mata-los... Testemunha frei Bartholomeu, bispo de Chiapa, que chegaram os hespanhoes a sustentar seus cães (lebreus) com a carne dos pobres indios, que para tal effeito matavam e faziam em postas, como a qualquer bruto do matto. (*Livro II, n. 4*).

A D. Manoel foi enviado um indio, «vestido ao modo do seu paiz, com pennacho, arco e carcaz»; muitos cortezãos do rei *Venturoso* tentaram, ainda assim, convencer o monarcha de que taes habitadores do Brasil não podiam gosar do beneficio da catechese, porque não eram *homens da verdadeira especie humana*.

(6) Leia-se a *Chronica da provincia do Mexico*, do padre Fr. Agostinho de Avila. Veja-se o *Plano sobre a colonisação dos indios do Brasil e principalmente para a capitania da Bahia*, por Domingos Alves Branco Muniz Barretto.—*Revista do Instituto*, tomo XLX, 3.ª série, 1856

Por ahí se evidencia, não a ignorância dos europeus, mas a sua prevenção hostil contra o gentio brasileiro; com effeito, só o excesso de perversidade podia negar aos nossos selvagens a qualidade de seres racionaes.

Não é, porém, para estranhar que esse facto se dêsse nos primeiros annos após o descobrimento do Brasil, porque ainda hoje, depois de tão brilhantes conquistas da civilisação, ha brasileiros que desconhecem completamente as suas origens e a historia das tribus indianas que existem distribuidas pelos nossos sertões, segregadas dos centros civilisados, devido á manifesta incuria do governo em materia de catechese.

Como muito bem observa um illustre compatriota, a mocidade das escolas estuda a historia do Brasil de preferencia em livros de escriptores estrangeiros que, occupando-se dos nossos selvagens, revelam completa ignorancia a respeito de sua indole, usos e costumes, collocando-os quasi que no mesmo plano de animaes ferozes.

As fontes mais seguras de informação a respeito dos nossos indios são, ao que parece, ou desprezadas ou esquecidas; e essas constam de diarios de viagens, memorias ou simples narrações de pessoas que viveram entre os selvagens, que lhes estudaram a lingua, que observaram longamente os seus usos e costumes.

Desses documentos de informações, o mais antigo é a carta de PERO VAZ DE CAMINHA, escripta de Porto Seguro, em 1.º de

maio de 1500, em que o escrivão da armada lusitana descreve as relações amistosas que os índios desde logo travaram com os portugueses e a atenção e respeito com que assistiram ás ceremonias religiosas mandadas celebrar por Pedro Alvares Cabral.

«Com que confiança e innocencia—exclamava GONÇALVES DE MAGALHÃES, em 1860—receberam os indigenas a comitiva de Cabral! O espectáculo estranho dessas naus alterosas e desses homens armados de ferro não lhes inspirou a menor suspeita e medo. Vaz de Caminha, na sua veneranda carta, os mostra lançando a um aceno os seus arcos em terra, e apresentando-se em grande numero desarmados, para dissipar os receios dos portugueses, a quem em outras occasiões ajudam a fazer lenha e aguada para os navios. Mas essa boa fé e benevolencia com os estrangeiros são para o homem civilisado attributos de ignorancia. A' vista de tanta boa-fé, não pôde Caminha deixar de dizer: *são mais nossos amigos que nós seus!*»<sup>(6)</sup>.

Da mesma fórma, foram recebidos com franca hospitalidade pelos indigenas do Rio de Janeiro (1531) Martin Affonso e os seus; os tripulantes mandados á terra voltaram a bordo dous mezes depois, captivos pelos obsequios dos selvagens.

---

<sup>(6)</sup> D. J. G. DE MAGALHÃES, *Os indigenas do Brasil perante a Historia*—Memoria offerecida ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro. *Revista Trimestral*, tomo XXIII, 1860, pag. 29. Esta memoria vem publicada tambem nos *Opusculos Historicos e Litterarios*, Rio de Janeiro, 1865.

LERV julgava-se mais seguro entre *este povo que chamamos selvagem* do que em alguns logares de França. (*Je me fierois et me tenois lors plus à seureté entre ce peuple que nous appellons sauvages, que je ne ferois maintenant en quelques endroits de notre France, avec les François desloyaux et degenez*).

Reclamariam muito espaço todos os testemunhos a respeito da docilidade dos nossos indios, mais propensos á conservação que á destruição, conforme observa o já citado GONÇALVES DE MAGALHÃES, depois VISCONDE DE ARAGUAYA; «facilmente se ligavam aos portuguezes, aldeiavam-se e cegamente obedeciam aos jesuitas, a cuja voz abandonavam suas usanças e ritos».

O padre IVES D'EVREUX (*Voyage dans le nord du Brésil*) demonstrou com factos a grande aptidão dos nossos selvagens para todas as artes e sciencias e pratica da virtude, julgando-os mais propensos á civilisação do que o commum dos aldeãos de França.

Ainda mais uma prova da docilidade dos indios do Brasil está na generosa acolhida do portuguez Antonio Rodrigues entre os selvagens da aldeia de Ururay; desposou uma filha do chefe Piquerooby e constituiu familia numerosa, cujos descendentes muito se distinguiram, por sua actividade e energia, na historia de São Paulo; simultaneamente, João Ramalho desposava a filha de outro chefe indio, Tibiriçá, conseguindo grande ascendencia sobre o gentio.

Deante dos innumerables factos que a nossa historia registra, não podemos deixar de reconhecer, com o VISCONDE DE ARAGUAYA, que os nossos indios, ao tempo do descobrimento do Brasil, eram homens simples, de bôa-fé, trabalhadores e sempre dispostos a unir-se aos portuguezes, se os não maltratassem.

Deram sempre provas de amizade e dedicação aos europeus; luctaram pela unidade do paiz, auxiliando os portuguezes na expulsão dos francezes e hollandezes de diversos pontos do Brasil; ensinaram-nos a construir casas, vasos de barro para conducção de agua, diversas embarcações de mar e de rio; industriaram-nos nas habilidades da caça e da pesca, revelaram-lhes o segredo das propriedades medicinaes de muitas plantas, cascas e raizes, etc., etc.

Podiam os indios constituir desde logo um magnifico elemento para a colonisação do paiz, se os europeus não correspondessem aos seus serviços com tanta ingratição e crueldade; em vez de attrahil-os por meios brandos, firmando com elles tratados de amizade, maltrataram-nos, como a escravos, e perseguiram-nos, como a feras.

Já antes de 1539, havia em S. Vicente uma feitoria para escravisar indios, segundo affirma o escriptor hespanhol HERRERA, citado pelo general Couto de Magalhães, em sua interessante conferencia anchietana.

Os colonisadores exploravam quanto possivel o trabalho dos indios e, á custa do suor e do sangue do gentio, só tratavam

no Brasil de amontoar grandes riquezas. O padre ANTONIO VIEIRA escrevia a D. Affonso VI, em 20 de abril de 1657, ácerca do systema portuguez de colonisação no Maranhão: «Muitos governadores adquiriram grandes riquezas, e nenhum delles se logrou, nem elles se lograram, nem ha cousa adquirida nesta terra que permaneça, como os moradores della confessam, nem ainda que vá por deante, nem negocio que aproveite, nem navio que aqui se faça que tenha bom fim, porque tudo vai misturado com o sangue dos pobres, que está sempre clamando ao céu!»

«Os indios do Brasil não mereceram dos portuguezes,—como muito bem observa o dr. JOÃO MENDES, em suas monumentaes *Notas genealogicas*—senão o rigor e o mau trato e, por sobrecarga, o desprezo dos proprios que delles descendem e que consentem no apagamento de todos os signaes de sua natural procedencia.»

«Isto mostra,—escreveu o general COUTO DE MAGALHÃES—que desde o primeiro passo dos europeus nas Americas, tanto do Norte como do Sul, sua acção foi sempre cruel, tyrannica e sanguinaria, e não admira que os aborigenes se vingassem, fazendo-lhes guerra de morte (1)».

Os indios passaram então a ser *perfidos, traidores, indomaveis, sem religião, sem moral, sem politica.*

(1) *III Centenario do Veneravel Joseph de Anchieta*, cit., pag. 260.

«Os pobres selvagens, reconhecendo que estavam expostos á escravidão, não podiam deixar de ser dissimulados e de desenvolver todos os recursos de aggressão, segundo a regra: *na guerra, como na guerra*. Porque não se sujeitavam a servir de escravos aos civilisados, preferindo morrer nos combates,—eram indios *de corso*, contra os quaes tudo era licito, mesmo que fossem postergadas as leis divinas <sup>(6)</sup>».

Os colonisadores classificavam de *rebellião* o facto de não quererem os indios deixar suas terras e sujeitar-se ao captiveiro. A esse respeito, ha uma eloquente carta do padre ANTONIO VIEIRA, de 5 de outubro de 1653, ao padre provincial Francisco Gonçalves, e que o leitor poderá ver na *Historia da Companhia de Jesus na extincta provincia do Maranhão e Pará*, do padre JOSÉ DE MORAES.

A escravidão dos indios provocou de FILINTO ELVISO a apostrophe a Cabral:

*Aos povos que te hospedam*

*Ignaro do futuro os grilhões lanças <sup>(7)</sup>*

e só foi reprimida com a intervenção do governo de Lisboa, que se fez sentir por diversos decretos protectores do gentio.

Não conhecendo a sua historia e recorrendo a fontes suspeitas de informação, escriptores têm ainda hoje reeditado sobre

<sup>(6)</sup> *Algunas notas genealogicas*, cit., pag. 308.

<sup>(7)</sup> *Ode á liberdade*, cit. por D. J. G. de Magalhães, na memoria já referida.



os nossos selvagens os maiores erros e disparates: os índios continuam a não ter para esses a menor idéa de familia, de sociedade, de moral e de religião; são maus e indolentes, polygamos e anthropophagos.

Poupando-nos ao trabalho, que seria longo, de refutar as considerações que a esse respeito fizeram VARNHAGEM e os que o acompanham, limitamo-nos a repetir a lição do dr. JOÃO MENDES sobre o casamento entre os selvagens:

«Eram tão rígidos na instituição matrimonial, que o casamento era um dever geral, logo que attingiam a idade precisa. Os filhos bastardos, conforme seu sexo, tinham a denominação geral—*mi-çatikoera* ou *ami-çatikoera*, «filho ou filha de borra».

«A *temiricó*, esposa, que adulterava, era expulsa da aldeia, como indigna; não mais a denominavam *temiricó*, esposa, nem mesmo *mendaçara*, casada, mas, desligando-a de todos esses laços, a designavam simplesmente por *cunhã-ímena-momoxiçara*, mulher que envergonhára o marido. Também isso equivalia sua separação do marido ou o divorcio, *jemombóre-ixui*, além do desprezo geral<sup>(10)</sup>.»

E' verdade que a instituição do casamento não é uniforme em todas as tribus selvagens do Brasil; mas é também verdade que, naquellas em que a regra é o *communismo* das mulheres,

(10) *Algumas notas genealogicas*, cit., pags. 314 e 315.

ha normas reguladoras das relações de familia, sendo tidas em grande desprezo as prostitutas.

O general COUTO DE MAGALHÃES, em suas excursões, esteve em mais de cem aldeias de selvagens, e de suas observações concluiu que, na familia indiana, existem «desde as instituições rígidas e de uma severidade de costumes que excede a tudo quanto a historia nos refere, até á communhão das mulheres» (11).

Em geral, a mulher indigena é recatada; a adúltera é, em algumas tribus, queimada, como se dá entre os *Chambiods*, na bacia do Amazonas, segundo o testemunho do missionario capuchino frei Francisco do Monte de S. Victo; os *guatós*, que habitam os immensos campos paludosos do Alto Paraguay, S. Lourenço e Cuyabá, são na familia de um *singular recato, modestia e honestidade*, conforme notou, entre outros, um illustre medico do exercito brasileiro, que se viu obrigado a refugiar-se entre elles, depois do insuccesso de um combate na guerra do Paraguay; diz o auctor d'*O Selvagem* que para o *guató* não ha offensa maior do que o desacato á sua familia; até hoje esse povo conserva profunda animosidade contra os hespanhoes, pois não se esquece de que, ha muitos annos, diversos europeus dessa nacionalidade lhe roubaram algumas mulheres.

A polygamia é uma excepção na familia selvagem; em algumas tribus, o indio tem duas, tres, quatro mulheres, segundo

(11) *O Selvagem*, II, pag. 111. Rio de Janeiro, 1876.

«a agilidade que mostra na caça, pesca e colheita dos diversos fructos, que constituem a base de sua alimentação.»

O padre IVES D'EVREUX só menciona a polygamia entre os *tupî-nâ-abâ*, entendendo o dr. JOÃO MENDES que esses índios estavam já viciados pelo contacto com os portuguezes e os francezes na Bahia, Pernambuco e Parahyba, sem falar nos que teriam estado no Rio de Janeiro.

A consequencia que devemos tirar dos factos—como muito bem observa o general COUTO DE MAGALHÃES—é que a familia selvagem é tão respeitavel como a européa, dadas as circumstancias de seus costumes, religião e meios de vida.

Os nossos selvagens não são anthropophagos. Quem os qualificou assim foram os primeiros colonisadores do Brasil, que tinham nisto mais um pretexto para continuar a perseguil-os.

O general COUTO DE MAGALHÃES refere na conferencia anchietana que nunca soube de uma só tribu de anthropophagos—elle, que percorreu o Brasil do nascente ao poente, do norte ao sul, em toda a sua extensão, vivendo largos annos nos sertões do Araguaya, no centro dos selvagens de Goyaz, Matto-Grosso e Pará!

«E' certo,—escreve elle—que algumas tribus matam os prisioneiros que capturam nas guerras, e que comem suas carnes. Fazem-no, porém, por vingança, e não como alimento, e tanto assim que, antes de matar um prisioneiro, dirigem convites para

todas as aldeias com quem estão em relação; reúnem-se, ás vezes, quatro a seis mil índios, para comer um só homem. Ora, suppondo que um homem na média tenha cincoenta kilos de carne, afóra ossos e liquidos, dividido por seis mil, dá menos de uma gramma para cada um, ou menos da quarta parte de uma oitava» (12).

Ainda a esse respeito, diz Gabriel Soares:

«A qual carne se não come por mantimento, senão por vingança, e os homens mancebos e mulheres moças provam-na sómente.»

Por ahí se vê que a falada anthropophagia attribuida aos nossos selvagens não passa de exaggero de certos historiadores.

Não foi feliz o illustre padre Americo de Novaes, quando, em sua conferencia anchietana, enumerou os «impecilhos insuperaveis para que se derramasse a luz da fé na mente do selvagem»; s. exa. limitou-se nesse particular a informações que nem sempre são confirmadas pelas observações dos chromistas que estudaram de perto e em grande extensão de territorio os nossos aborigenes.

Os jesuitas encontraram, com effeito, impecilhos para iniciar com bons resultados a catechese, mas esses não foram certamente a falta de religião do selvagem, a embriaguez, a polygamia, o instincto de guerra e a anthropophagia.

(12) *III Centenario do Veneravel Joseph de Anchista*, pag. 265 e 266.

O padre MANOEL DA NOBREGA, em carta que dirigiu da Bahia ao dr. Navarro, seu mestre em Coimbra, datada de 10 de agosto de 1549, diz que os indios eram doces, «como o papel branco para se escrever á vontade as virtudes mais necessarias».

Na carta escripta da Bahia em 1559 aos padres da Companhia, diz que «muitos tomam já por injuria lembrar-lhes o tempo em que comiam carne humana».

Na carta a Thomé de Souza, escripta no mesmo anno, refere que muitos dos europeus intrigam os indigenas e nas «*guerras passadas* que tiveram com o gentio sempre dão carne humana a comer, não sómente a outros indios, mas a seus proprios escravos, e já se achou christão a mastigar carne humana, para darem com isto un exemplo ao gentio».

Vê-se por ahi que, se entre os indios havia anthropophagos, não deixava tambem de havel-os entre os seus pretendidos civilisadores e, certamente, pelo mesmo espirito de vingança.

Quando o referido padre Manoel da Nobrega, chefe da primeira missão jesuitica, chegou ao Brasil,—já os colonisadores portuguezes exerciam contra o gentio toda sorte de perseguições, de tal fórma que este, para fugir á escravidão, se viu na necessidade, em mais de um ponto do Brasil, de declarar guerra ao branco. Para os jesuitas podiam, pois, a principio, ser *intrataveis* os nossos aborigenes e isto constituir um impecilho á catechese. Mas esse obstaculo, como outros, foi facilmente removido, pois os

## XXVIII

missionarios conseguiram desde logo o aldeamento pacifico de milhares de indios, aos quaes converteram por meios brandos— prova de que tendem sempre a ligar-se aos civilisados, uma vez que contra elles não se empregue a violencia.

Não é dessa opinião o erudito VARNHAGEM, que aconselha o captivo dos indigenas pelo emprego da força, chegando ao extremo de dizer que «as providencias de mal entendida philanthropia, decretadas depois pela piedade dos reis e sustentadas pela politica dos jesuitas, foram causa de que os indios comessem pouco a pouco a ser unicamente chamados á colonisação pelos demorados meios da catechese, e que ainda restem tantos nos sertões, devorando-se uns aos outros, vexando o paiz e degradando a humanidade.» (*Historia Geral do Brasil*, tomo I, secção XIII).

Não fosse a guerra que dos portuguezes soffreram os jesuitas em suas missões, e, provavelmente, poucos selvagens restariam hoje nos sertões do Brasil; e se espectáculo degradante ha para a humanidade é esse da perseguição que ainda hoje soffrem, dos que se dizem civilisados, os nossos irmãos das selvas.

Em mais de um ponto dos sertões de S. Paulo, organisam-se periodicamente, ainda hoje, caçadas aos indios. O *Diario Popular*, de abril de 1888, transcreveu de uma folha de Taubaté a seguinte noticia, cujos commentarios deixamos ao leitor:

«Fuão Bueno, residente em Campos Novos, tem sob suas ordens cerca de setenta pessoas, occupadas na perseguição e ex-

tincção dos índios. Ha dias atacaram um aldeamento e puzeram em fuga todos os índios, que abandonaram aos perseguidores as suas palhoças.

«Em roda de cada uma destas habitações ha tres poços ou buracos: um, o mais fundo, é a cacimba que fornece agua aos habitantes; noutro guardam uma bebida de milho fermentado, a que dão o nome de *piksi*, e que é o seu vinho ou aguardente; e noutro guardam as caças, aves e peixes salgados para alimentação.

«Logo que os atacantes se viram de posse do aldeamento, tendo ido munidos de grande dóse de *strychnina*, trataram de envenenar todos os poços: o das aguas, o do vinho e o da alimentação. Depois de praticada esta traiçoeira operação, retiraram-se, sem tocar em cousa alguma.

«Passados 6 dias, voltou Bueno, com seus sequazes, ao aldeamento, e já de longe comprehendiram o horror do espectáculo, pela nuvem de corvos que esvoaçavam sobre o theatro do crime, onde encontraram extendidos e esparsos tres mil cadaveres!

«Não param aqui os crimes. Dias depois, atacaram e exterminaram outro aldeamento de 800 índios, onde, em falta de *strychnina*, se serviram de solimão pelo mesmo processo, envenenando os depositos d'agua, vinho e comestiveis.

«Bueno diz que tem o apoio de gente poderosa e de cinco deputados provinciaes, e preparava-se para atacar outro aldeamento de 5 000 índios.»

Não é, pois, para surprehender, á vista de factos tão revoltantes de crueldade, que os indios nutram cada vez maior odio ao branco ou, pelo menos, que desconfiem sempre do homem civilisado e assim difficultem as missões dos catechistas.

Mas fiquemos por aqui. Poderíamos ir muito longe nas considerações a respeito dos nossos aborigenes e das grandes vantagens que de sua catechese adviriam para o Brasil, se os poderes publicos a encaminhassem devidamente; mas este prefacio já vai longo e outro foi o nosso intuito quando resolvemos traçal-o,—o de collocar no seu verdadeiro logar o indio brasileiro, e de dizer, em conclusão, que, «se compararmos os nossos selvagens com os homens eminentes dos povos cultos e os da classe média, a vantagem é toda destes; mas se os compararmos a essa immensa população ignara e embrutecida da Europa, em que o habito da miseria, da obediencia, da servidão e do rude trabalho da terra sem descanso, e sem lucro sufficiente para matar-lhe a fome, extingue pouco a pouco todos os nobres sentimentos, e a idéa mesmo de que são homens,—a vantagem é toda do selvagem, que, na independencia do seu character, na força de sua vontade, na altivez do seu espirito e no garbo do seu porte, conserva todos os bellos attributos da especie humana.» (13)

---

(13) D. J. G. DE MAGALHÃES, cit., pag. 65.



N'Os *Guayandás*, occupa plano superior, ao lado do typo *indio*, o typo *jésuita*, representado principalmente no padre Paiva, personagem que Couto de Magalhães transplantou da historia para o seu romance, afim de assignalar a influencia que sobre o gentio exerciam esses admiraveis apóstolos da fé, em boa hora incumbidos por D. João III da evangelisação do Brasil.

E' sabido que por alguns annos esteve a nova terra por assim dizer esquecida e abandonada por Portugal, mais preoccupado então com os negocios do Oriente. Nos trinta annos que decorreram após o descobrimento, os europeus visitavam frequentemente as costas do Brasil, principalmente tripulantes de navios que, em caminho para as Indias, tocavam em Porto Seguro.

Terra do degredo, Santa Cruz passou a ser tambem a terra de exploradores do *pau brasil* e de aventureiros de toda sorte, attrahidos á America pela ambição do ouro.

Foi esse o periodo das *bemfettorias*, de resultados deploraveis para a colonisação do Brasil; constituíam «focos de torpeza, centros de pilhagem, sementeiras de odio» (14).

Vieram depois as *capitanias*, que foram mal succedidas; sem elementos que as protegessem, entraram desde logo a decahir. Os donatarios tiveram de luctar, não só com ra bandos de aventureiros, mas tambem contra o selvagem, que, «amigo e alliado

---

(14) *III Centenario do Veneravel Joseph de Anchieta*, cit. Conferencia do dr. Theodoro Sampaio, pag. 106.

dos primeiros tempos, conhecida a indole e a moral dos invasores, atacava agora e destruía o que havia ajudado a levantar e a augmentar.» (15).

Convém notar que as guerras entre os portuguezes e os indios eram sempre provocadas pelo mau proceder dos colonos,—affirma-o erudito historiador.

Essas luctas foram de consequencias funestissimas para as capitánias, e entre ellas encontrou morte obscura, além de outros, o donatario da capitania da Bahía, Francisco Pereira Coutinho, victima dos tupinambás. Refere SOUTHEY (16) que o filho de um dos chefes desses indios fôra morto pelos portuguezes, por motivo injusto, e dahi, provavelmente, a ferocidade com que se bateram, depois, contra os inimigos.

Declarada a guerra entre o selvagem e o branco, comprehendeu a metropole a necessidade de enviar missionarios á nascente colonia, appellando nesse sentido para os discipulos de Loyolla, cuja missão se resumia nas palavras de Christo:—*Prediccate Evangelium omni creaturæ*.

Foram bem succedidos os missionarios, porque encontraram nos indios homens doces, promptos a ouvir a sua palavra e os seus conselhos e, assim, bem depressa innumeros selvagens foram

(15) Conferencia do dr. Theodoro Sampaio, cit., pag. 107.

(16) R. SOUTHEY, *Historia do Brasil*, traduzida pelo dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro e annotada pelo conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro. Tomo I, pag. 75.

### XXXIII

reduzidos á fé e cooperaram effcazmente para a prosperidade das nascentes povoações.

O padre Manoel de Paiva, do romance de Couto de Magalhães, é um exemplo do quanto valiam os jesuitas na sua gloriosa cruzada da catechese dos indios; energico e prudente, meigo e virtuoso, conquista pela palavra a confiança e a amizade dos *guayanás*, vivendo entre elles como um pae entre seus filhos.

Couto de Magalhães, em summa, andou muito bem collocando no seu romance, ao lado de Caá-Ubi, o padre Paiva:— celebrou a raça de um e glorificou a missão de outro.

Taes são as considerações, ligeiras e despretenciosas, que nos suggeriu o trabalho do illustre patriota ou, melhor, do joven estudante de Direito, que já se revelava investigador apaixonado da historia nacional e das nossas lendas e costumes e que já se interessava pelo selvagem brasileiro, que elle descreve tão bem nas paginas adeante.

*Couto de Magalhães Sobrinho*

CARTA

A

*HOMEM DE MELLO*



## *Homem de Mello*

Em vez de fazer prologo para este meu conto, escrevo-lhe. Sophismo assim com o respeitavel e soberano publico, porque, em vez de conversar com elle—o que me acanharia—converso com V. sobre o que escrevi.

Este pequeno conto é, como tudo o que tenho escripto, feito aos trambolhões e ás carreiras.

Lembra-se ainda daquelle nosso bom tempo, de saudosa memoria, da rua da Forca? Formavamos um grupo engraçado e comico, sobretudo quando nos reuniamos na sala de jantar. O Ferreira Dias palpitava de enthusiasmo, lendo o Lamartine; V. estudava historia patria como um fanatico, gesticulava repetindo os energicos pedaços dos discursos fervorosos da epoca da Independencia; eu passeava de um lado para outro, com uma gravidade tudesca, estudando o allemão.

Eramos tres entusiastas, vestidos diversamente. Nossa vida era então um agitar constante: ora escreviamos artigos de politica, ora discutiamos, ora corriamos apressados para as aulas, passeavamos, faziamos gymnastica, jogavamos espada, liamos poesias, exercitavamo-nos na conversação franceza... era, emfim, um constante agitar.

Pois bem; assim como foi a nossa vida de caloiros, assim continuou a minha, com a differença—que a confusão e o labyrintho já não eram tão alegres, mas era sempre tanto ou mais complicado. Foi no meio desse remoinhar que escrevi o

opusculo intitulado—*Destino das letras no Brasil*, que escrevi os *Traços biographicos dos poetas academicos* e outras cousas que estão ainda inéditas.

Nas férias de 58 para 59, deu-me a veneta de escrever romances. Estudava, então, o portuguez e assentei de traçar um pequeno ensaio em estylo quinhentista: foi o conto *O estudante e os monges*, que publiquei na *Revista da Academia* conclui aquelle original typo que havia começado quando morávamos juntos, isto é, o *Dr. Calmirú*, e escrevi o que agora publico. Não falo aqui de uns tres ou quatro que comecei e que ficaram mortos, logo ao primeiro ou segundo capitulo; de correspondencias para jornaes e de artigos scientificos.

Já vê, portanto, que não podia sobrar-me muito tempo, para emendar estes *Guayanás*. Quando o escrevi, parecia-me que uma voz me murmurava ao ouvido aquelle mimoso estribilho duma das melhores canções de Béranger:

*Aimons vite,*  
*Pensons vite,*  
*Tout envite,*  
*A vivre vite.*  
*Aimons vite,*  
*Pensons vite,*  
*A galop,*  
*Mon fallot!...*

O redactor do *Correio Paulistano* quiz publical-o agora, porque é historico; agora que eu cuido de defesa de theses!... Concebe V., porventura, que seja possivel que um homem, assentado junto de uma mesa, onde se ergue, grave como o phantasma da velha Roma, o fossil *Corpus Juris*; onde o Valasco, o Pegas, Phebo *et magna committante* disputam entre si, ator-doando-me a cabeça com repetidas e interminaveis citações; concebe, digo eu, que se possa emendar nada? Não! é impossivel. Parece-me que, se fosse agora lançar algumas linhas no meio do borrão do romance, era capaz de citar as Ordenações, para provar que o meu heroe é bello ou generoso. Portanto, sai como estava escripto, isto é, incorrecto e apenas esboçado.

V. não faria isto; a perfeição e o cuidado com que está escripta a sua obra *Estudos historicos* mostram-me claramente que V. é mais methodico do que eu; mas que quer que eu faça? V. teve tempo e, depois, escrevia uma obra puramente historica, e eu escrevo um conto fundado na historia; o seu trabalho é de sciencia; o meu, de imaginação; portanto, não é de estranhar-se que o meu tenha extravagancias, porque é isso um caracteristico dessa faculdade doudejante que Deus poz no cerebro do homem para fazel-o passar mais alegremente essa cousa prosaica que se chama a vida.

A todas estas razões accresce que isto é ainda um ensaio, uma simples experiencia num genero novo e quasi que insondado ainda.

Offereço-o ao Instituto Historico e, portanto, em parte a V., como membro delle. Não sei se a offerenda é digna do altar em que a colloco; se não fôr, imite o Deus dos christãos, isto é, accete a intenção.

Para uma pequena obra já vai longa esta carta. Paro aqui, fazendo votos por que se não apague no seu coração o sagrado fogo do enthusiasmo. Adeus; até quando o destino nos quizer pôr um á face do outro.

Do seu amigo

COUTO DE MAGALHÃES

---



Handwritten scribble or signature, possibly containing the word "Muller".

Handwritten scribble or signature.

Handwritten scribble or signature.

# OS GUAYANÁS

## CAPITULO I

Que é feito, pois, dessas guerreiras tribus  
Que outr'ora estes desertos animavam?  
Onde foi esse povo inquieto e rude,  
De bronzea cór, de torva catadura,  
Com seus cantos selvaticos de guerra  
Restrugindo no fundo dos desertos,  
A cujos sons medonhos a panthera  
Em seu covil, de susto, estremezia?  
Ó floresta, que é feito de teus filhos?

B. GUIMARÃES

(Cantos da Solidão)

Como esses lençóis de nevoeiro que por vezes se estendem de madrugada sobre os nossos valles, e que os primeiros raios do sol dissipam, sem que fique o mais leve vestigio, assim têm passado as gerações por sobre a nossa terra da America.

Se pudesseis animar cada uma dessas figueiras gigantescas, que, cobertas de longas parasitas, se debruçam por sobre nossas estradas; se pudesseis animal-as, longa seria a historia das gerações indianas que dormiram á sua sombra. Quanto drama obscuro e interessante, que larga epopeia de extermínio e guerras não vos fariam ellas passar deante dos olhos!...

Como o beduino errante que segue atravez das pyramides do Egypto, sem admirar a obra gigantesca das gerações passadas, assim o brasileiro calca aos pés as magnificas tradições de sua historia: busca as lendas da velha Europa, esquecendo-se de

que debaixo de suas cidades ainda modernas fumam as ruínas das choupanas da America; e que esses mesmos logares, que os prosaicos filhos deste seculo XIX pollúem hoje com sua philosophia sordida, alimentaram outr'ora uma geração simples e rude, é verdade, mas que adorou a gloria até ao delirio.

Supponde que vos achais sentado junto a mim, debaixo de uma dessas arvores seculares—ouvi, que eu vou contar-vos uma historia simples desses tempos que já não são.

Quando surdirem em vosso espirito essas recordações da floresta; quando a phantasia vos pintar essas choupanas silvestres, dependuradas pelos cimos dos rochedos, e ouvirdes os echos do deserto passar sobre as azas dos ventos perfumados do sertão, lembrae-vos dos guerreiros de outr'ora que as povoaram; lembrae-vos tambem desses humildes e gigantescos sacerdotes, que semearam a palavra de Deus atravez de nossos desertos valles; cáia então de vossos olhos uma lagrima de saudade sobre esses augustos manes que a historia tanto desfigurou!

.....

A 15 de outubro de 1554, ao cahir da tarde, seguiam alguns cavalleiros, ao longo das varzeas do Tamanduatehy, o rumo da nascente aldeia de São Paulo de Piratininga. Eram elles dous padres velhos da Companhia de Jesus e dous portuguezes armados, que cavalgavam um pouco atraz; dous indios a pé marchavam adeante, á guisa de batedores da estrada. Estes ultimos paravam de quando em quando, para examinar a fundura das diversas passagens que a enchente havia tomado. A agilidade e a presteza com que realisavam este mister mostravam claramente o longo habito que tinham dos páramos, pela

maior parte desertos, das provincias brasilicas, como lhes chamavam os padres da Companhia.

Dos sacerdotes, era um o revmo. Manoel de Paiva, que fundou o convento e a actual igreja do Collegio, que se vê hoje em S. Paulo no largo do Palacio <sup>(1)</sup>, no anno do Senhor 1553, e na qual se celebrou pela primeira vez o sacrificio do cordeiro immaculado, a 25 de janeiro de 1554. O outro era o geral de S. Vicente, padre Manoel Nunes <sup>(2)</sup>.

Os dous sacerdotes eram respeitaveis e suas roupas sombrias iam perfeitamente com seus semblantes melancolicos.

A physionomia do padre Manoel de Paiva era perfeitamente lançada; não havia em seu rosto um só traço indeciso, e seus olhos, bem que fundos, dardejavam uma luz oscillante e rapida, na qual se traduzia a alma ardente e energica do sacerdote; sua estatura era um pouco acima da mediana; a cabeça pendia-lhe para o peito, ou por causa dos annos, ou pelo longo habito de reflectir e de meditar; teria de idade, quando muito, 52 annos. Seu companheiro de viagem, o padre Manoel Nunes, era mais baixo, de compleição mais herculea, mas sua physionomia, em compensação, não era tão intelligente como a do primeiro. Ambos montavam cavallos possantes e por cima de suas estamenhas brilhava a cruz com que viajavam em nosso paiz, — unica arma contra os indios e os aventureiros audazes que povoavam outr'ora essas chapadas de S. Paulo.

<sup>(1)</sup> A igreja que existe hoje não é a mesma que nessa data foi fundada pelos jesuitas em 1553, mas está no mesmo logar (Vide *Notas*).

<sup>(2)</sup> Frei Gaspar da Madre de Deus—*Historia da Cap. de S. Vicente*, pag. 111.

Morria o sol, quando dobraram a ultima encosta que ha antes de chegar-se a S. Paulo; o espectáculo era soberbo e arrebataria a homens menos illustrados do que os jesuitas: era a epoca das primeiras enchentes, e as varzeas, então desertas, que formam as margens do Tieté, estavam completamente alagadas,—como um mar immenso, a que os ultimos raios do sol davam um colorido phantastico de azul e purpura, e no meio desse mar calmo erguia-se a verde collina por onde se estende hoje a cidade, na qual só havia então algumas cabanas de indios, situadas no logar em que está hoje o mosteiro de S. Bento, e os nascentes alicerces das construcções jesuiticas <sup>(3)</sup>. Tudo era calmo nesse vasto horizonte, e os unicos sons que se ouviam eram o sibillar melancolico do vento e o cantar saudoso dos sabiás e das aves que animavam então aquelle deserto.

Chegados ao cimo da collina, os dous sacerdotes pararam como por instincto e ficaram mudos e silenciosos deante do espectáculo magnifico que lhes offerecia a Natureza; quem os visse assim, silenciosos e quedos, diria duas estatuas de pedra ou, melhor, os dous genios da civilisação européa extaticos deante das grandezas do Novo Mundo. Passado algum tempo, continuaram a viagem e o padre Nunes rompeu o silencio:

—A' fé, revmo. padre, que são bellos os vossos campos e magnificas as vossas paizagens!

—E' verdade, senhor, e muito folgamos que vossa paternidade approve o sitio que escolhemos, para assentar nossos lares, como diziam outr'ora os pagãos.

---

<sup>(3)</sup> Frei Gaspar, *cit.*, pag. 111.

—Deus vos hade abençoar, padre, e a mim, por vos ter escolhido para governo destes largos campos. Dizei-me; já tendes conseguido alguma cousa com os *brasis*? (4).

—Temos sido bem succedidos, senhor, e desde que por ordem de vossa paternidade transpuzemos a serra de Paranapiacaba (5) o anno passado, eu e os quatorze padres de nossa Ordem temos contado nossos dias pelo numero de almas que conquistamos para a fé, e isto sem falar na grande porção de meninos que os barbaros nos têm confiado e que, esperamos em Deus, serão fervorosas ovelhas de seu rebanho.

—E ha já muitos religiosos que falem a lingua do paiz?

—Sim, padre meu, e no que fomos mais felizes foi em encontrar nos dous chefes Cúa-Ubi e Tibiriçá algum conhecimento da nossa, de tal sorte que os gentios, por elles doutrinados, já falam algo de nosso lusitano; dos nossos portuguezes alguns ha que falam a lingua da terra como se nacionaes foram, de sorte que a obra da fé vai vingando a olhos vistos e como que levada por Deus; a não ser os de João Ramalho, muito adeante estariamos.

—E' verdade, e como ides vós com os Ramalhos?

—Apparentemente bem, mas entre nós e elles ha a guerra, porque é forçoso que uma das nossas povoações succumba—ou a villa de Santo André ou o collegio de Piratininga, e, como vossa paternidade bem sabe, não estamos de animo a ceder-lhes o passo.

(4) Nome pelo qual os jesuitas designavam os indios.

(5) Paranapiacaba é palavra tupi: significa—*vista do mar*.

—Sem duvida; eu já escrevi ao provincial Nobrega que fizesse entender ao governador que duas povoações no campo <sup>(6)</sup> eram inconvenientes e impossiveis: que o ensino se tornava nenhum e que a povoação de João Ramalho, por mal situada e em meio de brenhas, exposta estava aos frequentes ataques dos selvagens, e nesse sentido sei que já elle tem falado ao sr. general.

Ao concluir estas palavras, ouviram-se as lentas pancadas dos sinos do collegio, que tocavam Ave-Maria; era então de um effeito maravilhoso o echo do bronze;—reboando por aquelles páramos, parecia a voz do Christianismo chamando para o seio do Senhor os pobres filhos das florestas americanas.

Só quem desconhece a historia pôde negar a *suprema habilidade com que os jesuitas se intromettiam pelos desertos; em cada uma de suas obras, nos sitios que elles escolhiam para suas moradas, no methodo de que usavam para chamar a si os neophytos indianos, em suas cerimoniaes adequadas todas a prender a imaginação ardente dos filhos da America, vê-se sempre o sello de grandes e profundos homens que eram elles.*

E' sabido que o primeiro portuguez que penetrou atravez das solidões asperas da serra de Paranapiacaba foi João Ramalho. Este homem aventureiro e ao mesmo tempo prudente tratou de chamar a si a sympathia dos selvagens e fundou a povoação de Santo André, que foi elevada a villa pelo general Thomé de Souza, em 1553.

Os jesuitas, por traça e ordem do padre Nobrega, que foi nomeado provincial do Brasil em

---

<sup>(6)</sup> Os portuguezes habitadores de S. Vicente designavam por esse nome toda a região que fica superior á serra de Santos.

1550, subiram por sua vez a serra do Mar, em 1553; vinham em numero de quatorze e debaixo do governo do padre Manoel de Paiva, com quem o leitor já fez conhecimento, e escolheram para sua habitação o logar em que está hoje a cidade de São Paulo.

Eram poucos os povoadores e muitos os inimigos que tinham de combater: de um lado, as feras bravias, que viviam em abundancia por estes campos; do outro, a barbaridade das diversas hordas de selvagens, que viviam oscillando de um para outro ponto e dos quaes não estavam garantidos, porque minguidas eram suas forças.

Se, porém, poucas ou quasi nenhuma eram as de guerra, extrema era sua sabedoria: viam perfeitamente as cousas e, uma vez vistas, tinham uma vontade que não se quebrava deante de obstaculos e uma tenacidade e paciencia deante da qual tudo cedia.

Procuraram a amizade dos indigenas e sobretudo a dos dous poderosos chefes Caá-Ubi e Tibiriçá, a quem persuadiram que mudassem suas povoações para junto do collegio. Os indigenas fixaram-se, pois, nos logares em que está hoje o mosteiro de S. Bento e ao longo do angulo agudo formado pelo Anhangabahú (7) e Tamanduatchy (8).

Havia, porém, um obstaculo aos progressos dos padres da Companhia, e esse era o da colonia de Santo André, fundada pelo referido João Ramalho.

A historia não é bem clara a respeito desse aventureiro audaz e prudente, que se fixou em São

(7) Anhangabahú quer dizer: rio da arvore de Anhangá.

(8) Frei Gaspar, *cit.*, e Vasconcellos, *Chronica*.



Paulo muito antes da chegada de Martim Affonso. Eis aqui mais ou menos o que nos referem dous dos mais graves historiadores desta provincia, Frei Gaspar da Madre de Deus, a cuja historia constantemente recorremos, e Vasconcellos:

Chegado Martim Affonso ás costas de Santos, tratou logo de fortificar-se junto á barra da Bertioga; este nome é corrupção de *Buriquioca*, que na lingua tupi quer dizer *casa de buriquis*, especie de macacos que viviam num vasto monte, proximo ao lugar em que desemboca no oceano o lagamar de Santos. Os paúes que se dilatam ao longo da serra do Cubatão eram habitados por indios, que ahí passavam uma quadra do anno em pescas e alegrias. Ao verem, cheios de susto, os navios portuguezes, afundaram-se pelas solidões e vieram dar parte daquelle successo aos indios piratininganos <sup>(9)</sup>. Immediatamente reuniram-se os chefes e prepararam um exercito de dous mil homens, para atacar os portuguezes. Grande foi o assombro de Martim Affonso quando viu cobrirem-se as planicies daquelles homens ferozes e robustos, que atravessavam os mangues com a mesma agilidade que se tivessem azas nos pés. Resignados á batalha e provavelmente á morte, porque suas tropas não eram de força a resistir áquelle grande numero de indios que desembocavam os mangues de toda parte, e pequenas eram suas fortificações, porque havia apenas quatro dias que tinham deixado as naus, esperavam quedos dentro de seus frageis quartéis. Pararam, porém, as tropas dos indios a alguma distancia, e do meio delles destacou-se um homem, que, apesar

---

<sup>(9)</sup> Piratininga vem de duas palavras indias, que querem dizer *secca de peixe*, provavelmente por causa da abundancia deste nessas varzeas, sobretudo quando estão alagadas.

de vestido segundo o uso dos barbaros, trazia com-tudo uma bandeira branca, como se usaram os sel-vagens dos signaes europeus. Ficaram admirados, e seu terror foi seguido duma alegria frenetica, quando ouviram que esse homem pedia a paz para os filhos do deserto em lingua portugueza e invo-cando o nome do Deus dos christãos!... Esse homem, como o leitor já terá previsto, era João Ramalho.

Os jesuitas, como diziamos, não podiam ver com bons olhos o augmento da povoação de Santo André, porque acarretava o decrescimento de sua colonia, e desde logo determinaram a sua queda.

Emquanto os portuguezes que corriam para Santo André procuravam fazer com que os indios trabalhassem como escravos, os jesuitas faziam-nos trabalhar como filhos; emquanto os primeiros pro-curavam como que á força introduzir entre elles o uso da lingua portugueza, os segundos estudavam a lingua do Brasil; não é difficil prever-se a quem caberia a victoria.

As paixões politicas têm constantemente pin-tado os jesuitas como ambiciosos ferozes; elles o foram, talvez, na Europa; mas na America seu poder foi sempre doce e bemfazejo. O jugo a que sub-mettiam as tribus indianas era severo, mas não cruel: sabiam misturar o trabalho ao divertimento, o esforço ao descanso, o crescimento physico ao desenvolvimento moral.

Dados estes esclarecimentos historicos, indis-pensaveis para que o leitor possa conhecer a situação, proseguimos em nossa narração.

Os dous padres que atraz deixámos, ao dobrar da ultima encosta que, vindo-se de Santos, ha para

chegar-se a S. Paulo, tinham já entrado em seus aposentos, quando tratamos de continuar a nossa historia.

Foi geral o contentamento de toda a commu-  
nidade quando viram chegar os dous respeitaveis  
anciãos, tanto mais que naquelle tempo era um  
acontecimento notavel a chegada de qualquer pessoa.

---

## CAPITULO II

Era alta noite, e, carrancudo e triste,  
Negava o céu envolto em pobre manto  
A luz ao mundo: murmurar-se ouvia  
Ao longe o rio, e menear-se o vento:  
Respirava descanso a natureza.

J. BASILIO

(O *Uruguay*, canto III)

---

O padre Manoel de Paiva tratou, como era natural, de fazer as honras da casa ao seu hospede e superior.

A's 8 horas mais ou menos, estava preparada uma ceia, senão fina, ao menos abundante e succulenta; os indios contribuíram com a caça para o abastecimento do refeitório. Entre os manjares que o padre Nunes comeu com prazer, segundo reza a tradição, havia os coxões de porco do matto e a tenra e saborosa carne de pacca.

O refeitório do convento dava para a hoje denominada varzea do Carmo e que então se chamava Piratininga, como já observámos atrás,—de tal sorte que, ao innocente prazer da mesa, vinha juntar-se o da formosa vista que de lá se podia gosar. O convento dos jesuitas, sobre o pino da encosta que fórma a margem esquerda do rio Ta-

manduatehy <sup>(10)</sup>, alcança as planas e extensas varzeas que formam a bacia do Tieté <sup>(11)</sup> e que, alagadas em tempo de enchentes, parecem um pequeno mar.

Estava a terminar a ceia, quando se ouviu uma alegre serenata que vinha da parte dos lagos formados pela varzea; o padre Nunes levantou-se da mesa e curvou-se sobre uma das janellas: um luar magnifico cahia sobre a solidão vasta e plana daquelles sertões; viu uma porção de canôas, que singravam mansamente para o lado do convento e das quaes partia a harmonia. Esteve parado algum tempo; o pobre velho lembrou-se talvez da sua velha Europa! Chegou-se a elle o padre Paiva e, encostando-se tambem á janella, disse-lhe:

—E, então, que julga vossa paternidade de nossos trovadores?

—São magnificos, padre meu, e nem fazeis idéa do encanto em que me está o espirito! São brasis os vossos musicos?

—Alguns, sr.; a maior parte, porém, são ainda lusitanos; esperamos, porém, ter breve uma banda completa dos nacionaes, porque é rara a aptidão que têm esses barbaros para tal arte. Toda vez que sabemos que alguma tribu vaga nas proximidades destes campos, temos um meio seguro de encantar alguns, e é o de fazer que elles ouçam a nossa pequena orchestra.

Uma occasião, subimos o rio Tieté em algumas canôas e levámos diversos instrumentos para nos divertirmos; tive eu a lembrança de mandar tan-

<sup>(10)</sup> Tamanduá-tahy quer dizer: *rio dos tamanduás*.

<sup>(11)</sup> No vocabulario de Anchieta, Tieté quer dizer: *madre do rio*.

gel-os no matto; foi tal o alvoroço com que os indios os ouviram, que se precipitaram no rio para acompanhar os nossos baixeis oscillantes. Foi assim que adquirimos um dos mais bravos guerreiros de que ha fama nestes desertos, o corajoso Tubyra, de quem já tenho falado á vossa paternidade e cuja morte senti como se fôra de um irmão.

—E esse Tubyra não era o pae daquella indiazinha que adoptastes como filha?

—Sim, senhor.

Segundo notámos atraz, os jesuitas sabiam entremear os trabalhos dos indios aos prazeres que estes mais apreciavam; assim é que, aos sabbados, mandavam accender uma grande fogueira no hoje largo do Palacio e faziam tanger a musica, para que os selvagens executassem suas danças phantasticas.

O padre Nunes, apesar do cansaço da viagem, quiz assistir a esse festejo, para elle tanto mais curioso quanto mais desconhecido. Os indios acompanhavam de cantos sua dança; eram selvagens as harmonias e, por vezes, profundamente melancolicas, mas iam tão perfeitamente com a natureza grandiosa em que elles estavam, que pareciam o verdadeiro echo daquellas solidões <sup>(12)</sup>.

---

(12) O padre José de Anchieta aproveitou-se de uma dança religiosa dos indios, chamada *caatereté*, para attrahil-os ao Christianismo: introduziu-a nas festas de Santa Cruz, Espirito Santo, Conceição e S. Gonçalo. Subsiste este uso em S. Paulo, Rio, Minas, Goyaz, Matto Grosso, Pará, Amazonas e, provavelmente, em outros Estados.

O *caatereté*, sendo cantado com versos, tem a vantagem de desenvolver a intelligencia, creando os trovadores e cantores populares; possuem versos em tupi de Anchieta á Nossa Senhora, para a festa da Conceição.

Entre os que dançavam, notou o padre Nunes um joven, cujo corpo, comquanto fino e lançado, era todavia de uma agilidade quasi sobrenatural; sua voz sonora e seu canto ardente mostravam a alma de fogo que havia naquelle coração.

—Quem é aquelle joven tão agil e veloz? perguntou o geral de Santo André.

—E' Caá-Ubi <sup>(13)</sup>, filho de um dos chefes que lá estão sentados ao pé da fogueira, e, dizendo isto, apontou para o velho indio que tinha o mesmo nome desse moço e que, como o patriarcha daquella mocidade, olhava com satisfação para os exercicios que faziam.

—Deve ser valente, continuou o padre Nunes.

—Sim, senhor, valente como um leão, e ás vezes cruel como um tigre. Mas é necessario que o offendam: então só um ser tem poder de domal-o: é aquella innocente indiazinha de dez annos, que lá vedes, a quem já elle salvou a vida. Ella o trata de irmão e governa-o como habil caçalleiro a um ginete.

A moça de quem falava o padre era uma indiana orphan, filha do valente Tubyra, um dos chefes dos Carijós e que foi um dos poderosos arrimos dos jesuitas nos primeiros tempos de seu estabelecimento.

O factó, a que alludia, da salvação da vida da moça pelo joven Caá-Ubi, era o seguinte:

Entre as caçadas dos indios, uma ha perigosissima e que elles seguem com um prazer delirante: é a das onças. Estas, de quando em quando,

---

(13) Caá-Ubi significa—*Folha azul*.

arribavam do fundo dos sertões para atacar as aldeias. Aqui transcrevemos um trecho do livro de Frei Manoel da Fonseca relativo ao assumpto:

«E' terrivel este ameço a quem conhece a braveza deste animal, porque, imitando os gatos na ligeireza e disposição do corpo, tambem os imita na traição com que fazem presa; e crescendo alguns tanto que são como novillos, causa admiração vel-os tão rasteiros e cosidos com a terra, quando querem acommetter, que quem não tiver noticia delles os julgará pequenos cachorros. São tão subtis no andar, que, sendo bem conhecidos os rastos, não afugentam a caça com o estrondo dos pés; porque, tanto que a avistam, movem-se com tal attenção e ligeireza, que não é facil quebrar com o peso do corpo algum pau, ainda que seja pequeno e sêcco. Finalmente, se chegaram a provar alguma vez carne humana, são os peiores salteadores das estradas, porque, deixando os mais animaes, só de homens se querem sustentar. . . . Foi tal a quantidade destes animaes que, deixando as brenhas, buscavam a povoação, que bem mostraram ser executores da Divina Justiça: tanto que anoitecia, entravam como salteadores, infestando a casa dos moradores, etc.» (14).

Se assolavam esses animaes algumas vezes as povoações, os indios atacavam-nos constantemente, e tanto que sabiam que havia alguma arribação de onças, comquanto fosse quasi certo que muitos delles seriam devorados, comtudo a alegria que tinham em combatel-as era tal, que esqueciam os males que dahi lhes provinham, para sómente se lembrarem da gloria que cabia ao guerreiro que se vestia com muitos despojos desses animaes.

(14) Frei Manoel da Fonseca, *Vida de Frei Belchior de Pontes*, pag. 100, Lisbôa, 1752.



Diziamos que é perigosíssima a caçada e tanto mais temerosa quanto era naquelle tempo a abundancia de onças.

Tinha-se espalhado a noticia de que uma grande arribação assolava as aldeias vizinhas de S. Paulo; puzeram os indios alguns espias pelos mattos, afim de advertil-os da presença das feras, porque estas só atacam os povoados, ou ao cahir da noite ou ao romper da madrugada.

Os vigias vieram em pouco tempo annunciar que nas selvas que cobrem a serra da Cantareira e Jaraguá haviam ellas apparecido e que sua presença tinha sido annunciada por medonhos gritos.

Só quem alguma vez os ouviu de noite e em algum lugar desamparado pôde fazer uma idéa perfeita do terror que infunde a voz desta féra: tem tal força no peito, que seu grito, em alguma cousa semelhante ao urro do touro, vibra tão fortemente o ar, que parece tremer a terra; a não estar acostumado a ouvil-o, não é raro que se cáia por terra.

Para os indios, porém, foi a noticia recebida com tal alvoroço de satisfação, que immediatamente tomaram de suas armas e correram para os bosques, atroando os campos com gritos de alegria; e, não obstante as admoestações dos jesuitas, só ficaram na aldeia os velhos infirmes, as mulheres e crianças e alguns portuguezes. A' frente delles, corria mais veloz o pae da mocinha de quem já falámos, a qual nesse tempo tinha sete annos: ficou esta em casa, sósinha. Apesar da feroz caça que os indios davam, as onças saltaram a aldeia ao morrer do sol: uma dellas conseguiu penetrar pelo tecto da cabana em que dormia a menina. Era um vigoroso jagueté, de pelle negra e de largas manchas;

emquanto elle descobria o tecto de sapé, alguns indios, não ousando ataca-lo, gritavam por soccorro: um indio, ainda novo na idade, chegava nesse momento do campo, e viu a féra desaparecer dentro da cabana; com uma agilidade de raio, atravessou na bocca uma faca e, saltando sobre a casa, desapareceu por sua vez no buraco do tecto: ouviu-se um urro medonho, seguido de um grito feroz: era extrema a ancia com que todos olhavam para aquellas paredes. Ao grito succedeu um silencio profundo, que durou alguns minutos; abriu-se, finalmente, a porta, e o moço, com o peito coberto de sangue, arrastava o monstro ainda palpitante, no qual o punhal estava cravado até ao cabo; parou um pouco na porta, sacudiu para traz a cabelleira negra e longa, vacillou um instante e cahiu desmaiado.

Não é necessario dizer que o moço era Caá-Ubi. A india não soffreu o menor incommodo e Caá-Ubi, alguns dias depois, estava perfeitamente restabelecido.

Foi o que mais ou menos narrou o jesuita ao seu companheiro.

Depois de assistirem á dança e aos outros festejos, os dous velhos subiram para o dormitorio, e Deus, que dá aos justos a paz e a alegria, derramou-as largamente sobre o somno dos dous anciãos.

No dia seguinte, o padre Nunes visitou as diversas povoações dos indios e, ao cabo de alguns dias, desceu para S. Vicente, seguido de Pero Lopes, especie de guarda que acompanhava os padres nestas viagens.

Como tenha elle de apparecer por vezes nesta historia, vamos, seguindo a chronica, dar alguns traços

da sua pessoa: era de estatura regular, mas herculea, tinha os olhos pequenos e luzentes como os das feras. Alma mesquinha e cubiçosa, era ainda de uma sensualidade verdadeiramente brutal; tinham-lhe os indios um odio de morte. Caá-Ubi, quando se encontrava com elle, abaixava a cabeça, signal que, nelle, queria dizer—odio mortal; mas o portuguez ria-se, porque tinha quatro tantos de força do moço e era dez vezes mais cruel do que elle.

Deus havia talvez determinado que o feroz europeu cortasse aquella existencia ou talvez que o joven indio vingasse um dia, no sangue daquelle fera de sensualidade, os ultrajes feitos á sua raça: não o sabemos por ora.

Façamos agora uma interrupção e saltemos cinco annos: são vivos ainda todos os personagens de que atraz falámos; a índia, cujo nome é Ina, está já crescida e é de uma belleza prodigiosa; quanto ao mais, diremos no capitulo seguinte. Sendo alta noite, é mister que, seguindo o exemplo dos dous jesuitas que deixámos dormindo, apaguemos por nossa vez a lampada do estudo.

---

### CAPITULO III

Debaixo do tranquillo céu dos ermos  
Medrava meu amor de dia em dia;  
Lá pelos arvoredos sussurrantes,  
Nas recatadas sombras,  
Com o aroma das flores se alentava,  
Com os sons da brisa, com o gemer da fonte;

.....  
No respirar da viração serena  
Eu sentia seu halito, nos echos  
Do valle solitario ouvir cuidava  
Do seu falar o accento mavioso;  
A aurora me lembrava o seu sorriso,  
A tarde, o seu olhar.

B. GUIMARÃES

(*Inspirações da tarde*)

---

Não longe da cidade de S. Paulo, existe, ao lado do poente, um formoso sitio, banhado pelo rio dos Pinheiros <sup>(15)</sup>, que os indios escolheram para fazer uma aldeia, logo que as vexações dos portuguezes começaram a incommodal-os. Filhos da Natureza, livres como os ventos de seus campos, era natural que não quizessem soffrer a especie de captiveiro que se lhes impunha.

---

<sup>(15)</sup> O nome paulista ou tupi dos Pinheiros creio que era *Jerivatyba*.

Bem junto á margem do rio, naquella pittoresca volta que fica cincoenta braças mais ou menos acima da ponte, existia uma cabana, que pela posição em que se achava, pela graça com que era construida e pelos soberbos grupos de coqueiros que havia em torno, era a mais bella de todas.

O viajante europeu, quando atravessava a ponte, parava para olhar a cabana; a belleza rustica do sitio prendia-lhe a attenção, e se era de tarde, numa dessas horas de silencio e paz, em que tudo é melancolico, em que cada echo das florestas parece a voz do Senhor, era commum que o estrangeiro parasse, cruzasse os braços e, contemplando aquelle valle silencioso, passasse longo tempo absorvido em profundo scismar.

Se para os viajantes europeus esse logar era encantado, muito mais o era para o joven chefe Caá-Ubi. A principio, viam-no afundar pelos paúes que ficam defronte da cabana: era esse o logar onde elle caçava.

Haviam já notado os indigenas a imprudencia do moço, porque, não sendo esse logar o de mais abundante caça, era, comtudo, perigosissimo, pela grande quantidade de serpentes que viviam naquellas sébes. Protegidas pela aspereza do logar e pela quasi impossibilidade de ataca-las, as onças por lá se acoutavam. Nada, porém, se oppunha á coragem bellicosa do joven chefe; ou fosse porque gostasse de affrontar os perigos, para exercitar sua coragem, ou porque esses logares selvagens tivessem para elle algum encanto particular, o certo é que, para caçada, aquelle era o ponto por elle preferido; mesmo quando sahia sem o arco e as flechas, tomava como que distrahidamente aquelle caminho.

Por outro lado, observavam que, quando o joven indio se afundava pelas brenhas, uma india, filha da dona da cabana, sahia mais frequentemente a buscar agua ao rio: era a bella Ina.

O leitor já conhece Caá-Ubi; queremos agora apresentar-lhe Ina, a bella e candida filha de um dos mais valentes guerreiros que illustraram o nome dos Carijós. Vamos apresental-a tal qual a pintam as velhas tradições.

Era ella um desses poeticos seres que os jesuitas souberam, com sua philosophia profunda, arrancar do meio de nossas brenhas. Seu espirito já tinha algumas luzes do Christianismo, mas conservava toda a simplicidade das florestas. Era a filha adoptiva do padre Paiva, que a amava loucamente; elle, o bondoso sacerdote que vivêra cincoenta annos pela idéa, que nunca escutára pulsar-lhe o coração, que atravessára este mundo, onde todos se alegram, triste e melancolico como a sombra de um morto, tinha pela pobre orphan um verdadeiro amor de pae. E como não havia de ser assim, se Tubyra lh'a havia confiado na hora da morte? «Padre, disse o guerreiro, arrancando do peito uma flecha com que os inimigos o haviam ferido—esta é minha filha, que de hoje em diante só tem por si vós e Tupan.» O jesuita tomou nos braços a interessante menina de sete annos, que cahira em pranto sobre o cadaver de seu pae, e alli, á face de Deus e diante do sol magnifico que descambava, jurou velar pela vida daquelle ser tão fragil quão formoso.

Dizem que os cegos, surdos e mudos adquirem uma perfeição espantosa no tacto; do mesmo modo, os homens que matam suas paixões encon-

tram uma força admiravel nos sentimentos que lhes restam.

Aconteceu isto com o velho padre: sua filha adoptiva constituia para elle o resumo da terra, porque elle era jesuita e naquelles tempos de crença os padres viviam sómente para o céu.

Foi difficil vencer a febre da creança, febre delirada que se seguiu á morte de seu pae. O padre Paiva, porém, não perdeu nunca as esperanças: noites inteiras passou velando á cabeceira da orphan e supplicando ao Senhor que lhe não roubasse aquella filha que a America lhe dera, a elle, pobre velho, que não tinha paes, nem patria. nem outra raiz a não ser o altar a cujos pés havia chorado a vida inteira. Fazia pena vel-o assim e Deus compadeceu-se d'elle, porque lhe salvou a filha. Ina, com o crescer, adquiriu uma formosura espantosa e alguns dotes espirituaes, entre outros, o de falar o portuguez como se fosse sua lingua nacional. Não poudo, porém, perder o gosto pela vida livre em que havia passado os primeiros annos de sua infancia, e sua mãe, que já era um pouco velha, pedia constantemente ao padre consentisse que a filha fosse para sua companhia: o grande amor que elle lhe tinha dobrava-o a tudo, de sorte que, depois de resistir alguns annos, cedeu, finalmente, por ver que a saúde de Ina corria sérios perigos. Mandou construir a bella cabana com que já o leitor fez conhecimento, e vinha ahi visitar de quando em quando a filha de Tubyra.

Havia na porta da cabana um banco de pedra, junto do qual corria o rio, e por sobre o qual o grupo de palmeiras extendia uma fresca sombra; um sabiá costumava cantar, empoleirado na mais

alta das palmeiras. Quando era de tarde, o jesuita assentava-se nesse banco, punha de parte o seu bordão, encruzava os braços sobre o largo peito vestido de negro, lançava os olhos ao longo da solidão e começava a scismar.

O sabiá, que já se havia acostumado com a figura pacifica daquelle velho, vinha então da floresta, adejava um instante sobre elle, pousava na palmeira e começava a piar, chamando pela companheira; logo que esta chegava, elle saltava de galho em galho, até á mais alta flecha do coqueiro, encorujava as pennas, entre-abria as azas, levantava um pouco o bico e soltava então esse canto melodioso, cheio de gammas melancolicas, que tanto condizem com a voz do deserto e que tão perfeitamente traduzem a emoção que se sente deante desses profundos e silenciosos valles, cheios de alvas torrentes, da nossa bella patria.

O padre Paiva olhava-o melancolicamente, como quem comprehendesse o sentido mysterioso da selvagem harmonia do pardo cantor da solidão; seus olhos humedeciam-se e por suas faces corriam duas lagrimas quentes, que paravam, como dous botões de perola, sobre suas longas barbas.

Ina havia nesse tempo, pois que já tinha quatorze annos, chegado a uma belleza prodigiosa. Imagine o leitor uma physionomia perfeitamente contornada, uns olhos negros, grandes e inundados de luz, uma côr morena carregada, um corpo lançado e agil, uma voz sonora, vibrante e ao mesmo tempo suave, um ar de indefinivel innocencia, emfim um desses poeticos seres que nos surdem ás vezes na imaginação quando de tarde scismamos no futuro, e terá o reflexo da ingenua meça. Quando ella



via o jesuita assim triste, chegava-se a elle e, com os carinhos de uma terna filha, conseguia desenrugar a testa do ancião.

Entre todos os indios jovens que os jesuitas educavam, primava pela força o filho de Caá-Ubi, o que tinha o mesmo nome do pae. Era elle ardente e entusiasta e tanto que, se alguma vez acontecia não ganhar o premio nos diversos jogos guerreiros que existiam para educar a mocidade, ficava desesperado e absolutamente intratavel, até que, vencendo em outra qualquer occasião, lhe vinha, com a victoria, a alegria. Era bello de corpo, musculoso e agil; tinha uma magnifica cabelleira negra, a tez morena, os olhos rasgados e vivos. Generoso como um verdadeiro selvagem, era comtudo extremamente rancoroso e desde pequeno tinha mostrado que quem lhe fazia algum mal cedo ou tarde havia de pagar-lh'o.

O padre Paiva observava com cuidado o character rigido e ás vezes absurdo do moço, mas não podia deixar de estimar-lhe aquella generosidade agreste, mas verdadeira e decidida. Caá-Ubi era mais velho do que Ina quatro annos: eram ambos bellos, generosos e nobres: no logar, pois, da cabeça, em que o jesuita guardava seus sonhos mais doces, formulou o de um dia ligar pelo matrimonio estes dous corações que a Natureza parece havia creado um para o outro. Não communicou, porém, a ninguem essa idéa, nem mesmo aos dous mancebos, porque eram ainda muito jovens. tendo Ina quatorze annos e Caá-Ubi dezenove. Era ainda naquelle bom tempo de outr'ora, em que um moço não se devia casar senão de trinta annos, e, o que ainda é mais, chegava a essa idade perfeitamente casto e pudico, como uma donzella de dez annos no nosso seculo corrompido.

Eis aqui o que havia. Deixemos agora o passado e retomemos o fio da nossa historia.

Aos indios não passaram despercebidos os frequentes passeios do joven chefe e notaram que de tempos a esta parte andava elle melancolico, buscando constantemente a solidão.

Já o padre Paiva o havia notado; com o ser, porém, muito perspicaz e conhecedor do coração humano, não havia, comtudo, comprehendido o motivo daquella tristeza.

Decorreram assim tempos. Como acima dissemos, o jesuita ia algumas vezes passar o dia na cabana de sua filha adoptiva. Era um contraste agradável o que offerecia a alva e vasta testa do ancião europeu, cheia de rugas e de pensamentos profundos, com a simplicidade e candidez da moça indiana. Sua conversação offerecia ainda o contraste das duas civilisações: na do velho reflectia-se o frio ascetismo da religião; na da moça, a imaginação ardente que se embalou nos perfumes destes largos campos e florestas e que se desabrochava neste céu tão cheio de luz, tão bello e tão calmo!

Um dia em que o jesuita lá passava, appareceu a idéa de subirem o rio acima, em canôa, o que era agradável passeio. Corria o mez de dezembro; a tarde estava calmosa, as arvores que bordejam as aguas, todas em flôr, e dos paúes, que ha pela margem esquerda, bordados e cobertos de plantas e aves aquaticas, ressaltavam as flôres de larga corolla assetinada.

Montaram, pois, o oscillante baixel, no qual era o jesuita, Ina, sua mãe e dous possantes remeiros; ia a canôa só quatro dedos fóra da agua, mas para elles, que acostumados estavam a esses exercicios, era quasi impossivel um mau accidente.

Como com sua propria filha, ia o ancião praticando com a india e ouvindo e respondendo com satisfação a cada uma das perguntas simples que lhe dirigia a filha dos bosques.

—Na terra dos *imboaras* <sup>(16)</sup>, perguntava a moça, existe tanta gente bôa como vós?

—Sim, minha filha, dizia-lhe o padre; na nossa terra toda gente é muito bôa; mas, como ha muita gente e pouca terra, por isso viemos para cá.

—Ina não podia viver lá.

—Porque?

—Porque ella não ama senão as terras muito grandes que vão indo até ao céu.

—Mas lá temos muitas casas, cada uma mais alta do que estas perobas, e ha lá muitas festas, muitas egrejas, tanta cousa bonita, que me faz saudades...

O velho encostou a cabeça entre as mãos e permaneceu silencioso algum tempo.

Veu-lhe depois, qual raio de sol no meio da tempestade, aquelle sonho que havia formado sobre o casamento da moça com Caá-Ubi; era propicia a hora para falar de amores, porque as arvores em flôr, os passaros cantando sobre os ramos, as lagoas azuladas, cobertas de patos e garças selvagens, a claridade da atmosphera, aquella immensa e profunda calma da Natureza convidavam o coração a expandir-se.

—Minha filha, entre os guerreiros não ha algum de quem gosteis muito? perguntou o padre.

---

(16) Nome pelo qual os guayanás designavam a Europa.

Ina olhou-o, admirada; os índios acreditavam que os jesuitas adivinhavam. Corou a innocente, mesmo porque naquelle instante acabára de ver mal e mal a figura bella de Caá-Ubi desenhar-se passageiramente entre as folhas bastas da margem esquerda do rio e depois desaparecer. O jesuita percebeu a alteração da physionomia da moça e, como dissemos, julgava-a livre ainda de qualquer inclinação. «Este coração já bateu, disse elle de si para si; esta minha esperança será tambem uma illusão, como tantas que tenho tido na vida?» E, depois, continuou, alto:

— Eutão, minha filha, não me respondeis?

— Ina ama a todos os guerreiros valentes.

— Mas não ha entre elles um cuja presença vos seja mais agradável?

— Ina quer viver sempre com sua mãe.

— Mas, minha filha, vossa mãe já é velha; daqui a dias, ella vai para o céu e ficais sósinha neste mundo, porque eu tambem não posso aturar muito. Escutae: quando vos assentais de tarde na porta de vossa cabana, de todos os guerreiros que sobem ou descem o rio, não ha algum que vos faça bater o coração quando se approxima e junto ao qual desejarieis passar a vida inteira?

— Sim, padre; Ina vê que vós sabeis que ella ama a Caá-Ubi, mas não mandeis que ella não o ame, padre, porque o nosso Tupan quer que as moças amem a um dos guerreiros... O vosso não pôde mandar o contrario, porque senão eu me matava.

Ao dizer isto, a moça occultou o rosto no collo do jesuita e prorompeu em pranto; dos olhos do ancião correram duas grossas lagrimas de ale-

gria; tirou o chapeo largo e sombrio, que os jesuitas usavam, e agradeceu ao Senhor o realizar-se assim sua mais bella esperanza.

Formavam um curioso grupo: o padre, com sua fronte alta e já meio calva, que os ultimos raios do sol cercavam de uma aureola quasi divina; a india, bella, innocente e fragil, com seus longos cabellos e seu olhar ardente humido de lagrimas, as aguas negras do rio, o fragil batel, a profunda solidão daquelles desertos, era tudo tão grande, que a imaginação e o espirito deviam voar para Deus.

Amavam-se, pois, os dous, porque o jesuita já havia sabido dos passeios solitarios do moço por aquelles logares e, em vista da ingenua confissão de Ina, não havia que vacillar sobre a razão delles; tudo estava, assim, na medida dos desejos do velho padre. Seria tambem essa a vontade de Deus?

Voltaram para a cabana e ahi acharam sentado na porta Caá-Ubi, que trazia para sua irmã uma corôa de alvas pennas de garça. O padre perguntou-lhe bondosamente o que fazia por alli.

O indio, um pouco confuso, mostrou-lhe a alva corôa que tinha na mão.

—Para quem é isto, Caá-Ubi?

—E' para minha irmã, padre.

—E amais muito a vossa irmã?

O indio corou, olhou para o chão, olhou para Ina, e depositando-lhe a corôa sobre a cabeça, abraçou-a, dizendo:

—Sim, padre, mais do que a minha vida.

O jesuita contemplou-os por alguns momentos e, depois, erguendo a mão, com a magestade de

Moysés, abençoou, em nome do Deus dos christãos, os dous filhos das florestas,—bellos como o nosso céu e de paixões ardentes como os raios do nosso sol.

Desde esse dia, os dous moços andavam sempre juntos, conservando, todavia, sua innocencia. Já não occultavam seu amor, e para que o fariam? Porventura o velho sacerdote não o havia approvado?

Era bello vel-os subirem á tarde pelo rio acima, tão satisfeitos e tão felizes! As formosas margens do rio, cobertas de arvores florentes de ingá, as trepadeiras e parasitas que ostentavam o collo assetinado e embalsamado de suas bellas flôres, os passaros cantando sobre os verdes ramos inclinados para o rio, aquelles echos saudosos que subiam da solidão como uma harmonia de anjos errabundos pela terra, iam tão perfeitamente com sua mocidade, que era impossivel vel-os sem tambem amal-os.

Amar! Como não seria doce esse amor innocente e puro no fundo das solidões! Lá se não calculava o dote da noiva, não havia as incommo-das observações da sociedade, para envenenar-lhes a ventura; não eram obrigados a pautar suas palavras e gestos pelas frias convenções que nos regem. Amavam como se amam os passaros nos ares, como as flôres amam o orvalho do céu, como a Natureza ama os raios do sol! Longe delles a hypocrisia: falavam o que sentiam e as mais das vezes calavam-se, não sabendo dizer o que lhes ia n'alma; então, os olhos de Caá-Ubi, vivos e rasgados, fitavam-se nos de Ina e a moça ardente sentia os seus enlanguescerem-se, e seu seio moreno e assetinado arquejava, sob um desejo que ella ignorava.

Uma tarde desembarcaram elles numa das praias mais bellas que tem o rio; o calor ia ar-

dente e forte, e alli, debaixo das sombras dos arvoredos, aquella atmospherã quente e embalsamada os convidava ao descanso; deitaram-se um ao pé do outro e na sua lingua sonora murmuraram umas palavras que mal se distinguiam do leve zumbir das mil abelhas douradas que esvoaçavam em torno dos festões de flôres a cuja sombra estavam.

Quem foi que lhes ensinou as doces caricias com que se affagaram e por que razão seus labios tremulos e ardentes se tocaram num languido beijo? Perguntae ao passaro quem o ensinou a voar, aos peixes, a cortar as brancas ondas, á abelha dourada, a fabricar os doces favos, e elles vos responderão que foi o mesmo que ensinou o homem a exprimir por um beijo o seu amor. Nesse beijo, suas almas confundiram-se, mas seus corpos ficaram ainda virgens. Adormeceram um ao lado do outro. Quem os visse assim adormecidos sobre o verde musgo da margem, diria MARTE e VENUS, os sonhados deuses dos gregos, numa dessas rissonhas edades descriptas por seus poetas. Dormiram... e só Deus sabe os sonhos que lhes foram na alma! As brisas que de quando em quando agitavam a folhagem derramaram sobre elles uma infinidade de petalas de flôres aromaticas. Ao cahir da tarde, despertaram e, embarcando na canôa, vogaram mansamente para a cabana.

O padre Paiva ia algumas vezes visitar a cabana de Ina; o velho rejubilava-se com a felicidade que via derramada em torno de si e bemdizia ao Senhor, por tel-o escolhido para instrumento daquellas alegrias.

O contraste da mocidade do par indiano com a physionomia severa do jesuita daria aos grandes pintores o thema para um sublime painel.

Numa dessas occasiões, em que o jesuita lá se achava, appareceu aquelle portuguez de physionomia cruel e feroz, de quem já falámos atraz, e que acompanhava os dous padres que no principio desta historia vinham de Santos para S. Paulo. Tinha elle uma paixão violenta por Ina, não um amor puro e santo, desses que elevam o espirito, mas sensual e ardente, desses que não recuam deante do crime e da baixeza.

Approximou-se elle do jesuita e disse-lhe que o padre Nunes, chegado de S. Vicente, o esperava no collegio.

O indio, ao vel-o, ficou verde e pallido como o bronze; trocaram um olhar de odio, que passou despercebido ao padre Paiva.

.....

Alguns dias depois, um indio que subia o rio parou deante da cabana de Ina, por ter visto que uma larga lista de sangue, já meio denegrida, tingia o chão desde a porta da cabana até ao rio; abriu a porta, que estava apenas cerrada: tudo era deserto, e extincto o fogo, que parecia ter sido abandonado...

Dahi a algumas horas, Caá-Ubi parava tambem deante da porta; sua physionomia parecia calma e, a não ser o arquejar doloroso do largo peito e um rutilar sombrio dos olhos, era impossivel dizer-se o que elle havia sentido, porque por seus labios não passou a mais leve contracção e nem uma só lagrima lhe humedeceu a face.

Que era feito da pobre indiana? Ina! Ina! bradaram por todo o dia diversas pessoas, que procuravam a moça pelas florestas, acima e abaixo da cabana; mas as ondas negras do rio eram de uma



mudez desoladora, e aos gritos que chamavam a moça respondia o echo das desertas varzeas por onde ella e Caá-Ubi tantas vezes haviam divagado.

Quanto a este ultimo, viram-no apparecer diversas vezes na povoação, para tomar alguns alimentos, silencioso e frio como um tumulo: desde uma manhã, em que elle abraçou a seu pae e ao velho jesuita, ninguem mais soube do rumo que levára.

---

#### CAPITULO IV

Dorme em silencio o echo das montanhas,  
Sem que o acorde mais o rude accento  
Das guerreiras inubias:—nem nas sombras,  
Semi-núa, do bosque a ingenua filha  
Na preguiçosa rôde se embalança!  
Calaram-se p'ra sempre nessas grutas  
Os propheticos canticos do Piágu;  
Nem mais o valle vê esses caudilhos,  
Seus cocares na frente balançando,  
Por entre o fumo espesso das fogueiras,  
Com sombrio lentor tecer, cantando,  
Essas solennes e sinistras danças  
Que o festim da vingança precediam...  
.....  
Oh floresta! que é feito de teus filhos?

B. GUIMARÃES

*(Cantos da Solidão)*

---

A desaparição de Caá-Ubi foi largamente sentida na aldeia. As donzellas indianas, quando se reuniam para a dança, olhavam tristes e saudosas para tres assentos que desde então ficaram desertos: um, em que costumava descansar o velho jesuita; outro, o do mancebo guerreiro, e, finalmente, junto á poltrona do velho padre, o que pertencia á Ina. Havia um como que respeito religioso que os fazia não occupar aquelles logares; e como não havia de ser assim, se eram elles como que tres tumulos?

A desaparição mysteriosa de Ina e Caá-Ubi tinha prostrado o pobre velho. Durante os seis primeiros dias, encerrou-se elle em sua cella; diziam os irmãos que dormiam no andar inferior que o ouviram passear *de um lado para outro*. Quem entrasse, então, na sua cella, veria um espectáculo simples, triste e grandioso. Era pobre e severo esse pequeno quarto: uma cama de taboas, com uma velha bem que alva coberta, um tamborete, uma grande estante cheia de livros e uma mesa, na qual se levantava um grande crucifixo de ferro, eram os unicos objectos. Durante aquelles seis dias, o sacerdote havia envelhecido dez annos! Em torno de seus olhos havia um circulo vermelho; elle não havia chorado; sua cabeça estava pendida para o peito e suas cans alvejavam mais; fóra disto, a expressão de sua physionomia era doce e sua voz, bem que mais fraca, não vibrava com algum accento estranho. Parecia calmo: só Deus, só o Christo, junto de cuja cruz havia. elle vivido a vida inteira, via a dôr profunda e a chaga viva em que lhe estava o coração. Coitado! passar a existencia inteira ermo de sentimentos, como passaria um cadaver, alimentar nos ultimos annos de sua vida aquella tão doce esperanza sobre sua filha adoptiva, viver identificado com aquelle sonho que para si era o resumo de todas as alegrias que a terra offerece aos outros homens e, no momento em que o julgava tão proximo a realisar-se, vel-o desaparecer como desaparece na noite dos polos um risonho meteoro que um instante a doira, e ver-se só e junto da cruz, era para matar a outro que não fosse um desses heroes que nessa quadra da humanidade deram o grande exemplo de viver, como os apostolos, só pela Fé. Fazia pena vel-o assim tão pobre, com seu habito já velho e esgarçado, tão só e tão triste!

«Deus, meu Deus, exclamou elle, sou vosso servo; jurei viver em vós e sómente por vós, e pequei amando esses dous seres com o amor de pae; mas elles, pobres innocentes, que vos fizeram para punil-os tão rudemente? Oh! pela minha vida inteira, Senhor, fazei descer sobre mim vossa colera, mas pela vossa infinita bondade, ó Deus, afastae, se ainda é tempo, afastae dos labios desses innocentes o calice da amargura!» Seus joelhos dobraram-se como inanidos, e elle cahiu abraçado com a cruz! Deus compadeceu-se em parte de seu servo, porque então e pela primeira vez uma abundante torrente de lagrimas desceu de seus requeimados olhos—e, para os que soffrem, as lagrimas são uma felicidade...

Saltemos agora tres annos e prosigamos em nossa historia.

Era por uma dessas tardes melancolicas e sombrias, em que o céu é chumbado e o vento sibilante vem carregado de gottas frias de neblina. A noite se aproxima e dos paúes que rodeiam S. Paulo ergue-se o côro mysterioso dos reptis que o habitam; havia ainda no céu uma restea de luz fugidia, que concorria para augmentar o phantastico daquellas campinas dilatadas, no fundo das quaes, como sombrios gigantes rebuçados de nevoeiros, se erguiam os pincaros das serras.

Dous cavalleiros, que trotavam a passo largo para a aldeia de S. Paulo, pararam, apearam-se deante da portaria do convento, sacudiram seus capotes humidos das cerrações e deram alto o *Benedicat Deus servos suos*, saudação commum dos jesuitas. Um famulo desceu com um archote, porque dentro do edificio já fazia noite; ao clarão da luz, conheceu-se que um delles era o padre Nunes, e o outro, um soldado.

—Beijo as mãos á vossa paternidade, disse-lhe o famulo, com respeito.

—Deus vos dê paz e fortaleza, meu filho; ide depressa dizer ao padre provincial que desejo falar-lhe immediatamente.

O famulo subiu adeante com o archote, e o jesuita acompanhou-o, parando num dos aposentos da entrada. Dahi a alguns instantes, a figura pallida e sympathica do padre Paiva desenhou-se na porta. Suas faces eram cavadas, seu corpo um pouco curvado, e aquella antiga energia de outr'ora só tinha um reflexo naquelle corpo curvado ao soffrimento e ás dôres, e esse reflexo era o de seu olhar ainda vivo e penetrante como o da aguia.

—*Benedicat Dominus servum suum*, disse o padre Nunes.

—*Et a caro cum libera, Domine*, respondeu-lhe o padre Paiva.

—Vossa Rvdma. não me aguardava hoje por aqui...

—E' verdade, padre meu: esta casa não está comtudo menos alegre pela chegada de vossa paternidade.

—Trouxe-me negocio urgente, e para ouvir a opinião de V. Rvdma. vim á pressa, porque Deus faz pesar sobre nossa Ordem um flagello: o da guerra.

—Cumpra-se a vontade do Senhor!

—Não sabeis ainda o que tem havido por S. Vicente?

—Vossa paternidade m'o dirá agora.

—Assentemo-nos.

Os dous jesuitas approximaram duas poltronas e assentaram-se um junto ao outro. O padre Nunes continuou :

—Os nossos inimigos de Santo André têm mandado ao general mil calumnias e infamias a nosso respeito. Dizem que os padres deste collegio tratam de sublevar os brasís que estão debaixo do poder delle, para atrazar a sua colonia e engrandecer esta; que o modo pelo qual nós os aqui tratamos, mais humano e justo, não passa de um calculo subtil para chamar de lá os que elles a tanto custo têm amansado: que é um pernicioso exemplo o que damos, tratando aqui os indios como se foram livres; que isso compromette os interesses da colonia e que estas nações barbaras, acostumadas á liberdade, em breve se não quererão sujeitar ao jugo portuguez e que em breve serão talvez massacradas.

«Todos estes ditos são apoiados, como é natural: vossa reverencia não ignora a aspera escravidão a que os nossos compatriotas sujeitam estes indianos, e o grande proveito que dahi lhes vem. Nosso modo de portar é, pois, para elles um constante remorso, e prevêem elles que em breve seremos mais poderosos: querem, pois, com toda a força da inveja e ambição, destruir-nos.

«A todos estes boatos tenho eu contrastado, abrindo os olhos ao sr. general, mostrando-lhe que o caminho que seguimos é o verdadeiro. Não é tudo: com o ultimo comboio mandaram em segredo uma queixa a El-Rei nosso senhor, queixa formidavel e na qual vomitaram contra nós todo o fel que lhes ia n'alma, e arranjaram uma grande porção de pessoas para assignarem esse papel infame. O padre provincial escreveu-me que El-Rei, a princi-

pio, pouco corpo dera a esta noticia, mas, ajudados os queixosos com a raiva que nos têm os dominicanos, conseguiram indignal-o por tal sorte, que elle escreveu uma carta ao general muito em nosso desabono. Que diz a isto V. Rvdma.?

—Que vos heide eu dizer, senhor? Que nada disto estranho, porque estou acostumado a ver destas, desde que hei uso de razão: as longas jornadas se não fazem sem romper as plantas; esperemos em Deus, que elle se hade amercear de nós.

—Mas ouvi ainda outra: soube hoje, e de boa parte, que elles amotinam os indianos de suas aldeias, para atacarem os nossos; são elles em maior numero; as consequencias hão de ser-nos funestas.

—Só Deus sabe o que encerra o futuro, e só elle, e não o maior numero, decide da sorte das armas. Elles nos atiraram o guante? Parvos! Não vêem que cavam deante de si o abysmo?

—Mas não julgará V. Rvdma. que seria melhor atacarmos, antes de que nos sujeitarmos ao imprevisto?

—Descance vossa paternidade; para a nossa Ordem nada é imprevisto.

—Mas, emfim, padre meu, que faremos?

—Esperar em Deus e no futuro, que assim nos ensinou elle.

Os dous anciãos curvaram a cabeça e meditaram por algum tempo. Depois levantaram-se e a conversação tomou outro rumo.

A guerra de que falava o padre Nunes não era uma phantasia, nem tão pouco uma exaggeração: era mais que verdadeira. Era pe-

queno o odio que a principio os aventureiros portuguezes votavam aos jesuitas, mas foi crescendo pouco a pouco, á proporção que estes ultimos augmentavam em poderio. A lucta de sangue estava proxima. já que a da intriga estava travada; faltava um pretexto e esse elles acharam em breve:

Commerciavam os indios da aldeia de S. Paulo com os de Santo André; uma tarde, em que lá foram alguns, espancaram-nos e, apesar da resistencia, prenderam-nos: a estas violencias seguiram-se outras, de fórma que os de S. Paulo ficaram de tal sorte indignados, que resolveram lavar no sangue a injuria dos seus. Debalde os padres do collegio quizeram detel-os: era já impossivel.

Os indios são de natureza rancorosos e de um character heroico: acostumados á guerra e á vida errante desde a infancia, têm comsigo certas maximas, que atravessam as gerações como um legado santo, e entre essas ha a seguinte: «o guerreiro não deve erguer a cabeça enquanto aquelle que o affrontou não for punido».

—«Se Tubyra e Caá-Ubi ainda aqui estivessem, os imboavas já haviam perdido a vista do sol», era o que diziam os moços.



## CAPITULO V

*Eu vejo-a sempre, solitaria a fronte,  
Pensativa a scismar, triste e sem côres,  
Candida e bella, a filha de meus sonhos,  
A celete visão dos meus amores.*

SILVEIRA DE SOUZA

Pela conversação que atraz ouvimos entre os dous jesuitas, era inevitavel a guerra entre as duas povoações, a de S. Paulo e a de Santo André. Hoje, uma lucta entre duas cidades é cousa de nenhuma importancia, porque existe a força superior do governo para restabelecer a ordem. Naquelle tempo, porém, não era assim. Vemos no padre Jaboatão, em Vasconcellos, em Frei Gaspar e nos outros historiadores desta capitania que havia fazendeiros que possuiam debaixo do seu dominio quinhentos e mais indios, de sorte que, amigos da guerra como eram os selvagens, facilmente se levantavam grandes exercitos, cujo numero era extraordinariamente superior ao dos portuguezes; era esta a razão por que os jesuitas e todos os homens sensatos de uma e outra povoação viam na guerra uma verdadeira fatalidade.

Os jesuitas, porém, não eram homens de recuar: desde o seu começo, o caracteristico e se-

grede da força desta Ordem foi a tenacidade com que sabia levar avante o que havia uma vez emprehendido; e, no caso em questão, depois da queixa feita ao rei, a solução era, ou abandonar as fertes campinas de Piratininga, ou aceitar o guante que lhes atiravam. Aceitaram este ultimo alvitre. Como homens prudentes, tinham espias para verem o que se passava.

Entremos na cella do padre Paiva e ouçamos o que lá se diz, para nos orientarmos em alguns pontos desta historia. Um irmão menor da Companhia está deante d'elle; mostra ter 25 a 30 annos e sua physionomia é intelligente e sympathica. O padre falava-lhe:

—Dizias então, irmão, que lá viste Ina...

—E' verdade, senhor.

—Conta-me com minuciosidade tudo isso.

—Conforme as ordens de vossa paternidade, eu me dirigi a Santo André, para lá observar os preparativos que faziam para a guerra. Cheguei de tarde deante da povoação e esperei a noite, para poder entrar desconhecido. Emquanto isso, disfarçado como estava, entrei naquella venda do lado de cá, ao sahir da povoação, e assentei-me num dos cantos mais escuros, afim de attrahir menos a attenção dos que entravam e sabiam.

Estava assim, quando dous portuguezes embuçados, que eu não pude bem conhecer, porque dentro da casa já fazia algum escuro, entraram e começaram a conversar baixinho. Seu trajar dava mostras de que queriam passar desconhecidos e bastou esse factó para despertar a minha curiosidade. Fingi que dormia, porque elles se approximaram do logar em que me achava. Não descon-

fiando de que eu os pudesse ouvir, travaram mais ou menos a conversação seguinte:

—«Se eu a pudesse obter! Oh, como é bella! Tu a viste hontem?»

—«Sim, senhor: realmente, aqui por estes mattos nada vi de mais bello.

—«Por estes mattos? Podes dizer pelo mundo inteiro! Quando é que as nossas bellezas de Portugal hão de chegar á desta escrava? Qual dellas tem essa côr amorenada, esses olhos negros e languidos?»

—«Diziam que o padre Paiva a havia destinado áquelle mancebo de nome Caá-Ubi.

—«E' verdade; e o mais é que o diabo do Pero Lopes lhes prégoou um bom logro... Dizem que o tal indio morreu?»

—«Assim corre por aqui, mas eu duvido, porque esses brasis não são de tempera a morrer sem se vingarem; eu os conheço!

—«E's um nescio; então pensas que Pero Lopes foi dizer ao selvagem que ia roubar a moça? O negocio foi mais bem feito de que cuidas: elle lá entrou na cabana, depois de haver combinado commigo o plano; matou a velha mãe, apoderou-se da donzella e para aqui a trouxe. Atirou com a velha ao fundo do rio, com uma pedra amarrada ao pescoço, e deixou a cabana toda ensanguentada, de sorte que, quando lá foram no dia seguinte, provavelmente julgaram que ambas haviam sido assassinadas.

—«Duvido, senhor; indios e jesuitas fazem uma liga, a quem é bem difficil occultar a verdade.» Assim continuaram elles a conversação, notando

que tanto vossa paternidade ignorava o caso, que havia estado quasi á morte com a desappareição de Ina.

O padre Paiva, ao ouvir esta narração, riu-se com aquelle fino sorriso de jesuita, que mais ou menos quer dizer: «Melhor rirá quem rir por ultimo».

Depois de pequena pausa, continuou elle, falando ao menor :

—Disseste-me que viste Ina ?

—Sim, senhor; depois que os dous homens acabaram de conversar, sahiram ambos e eu os segui de longe: era já noite cerrada. Acompanhei-os e ví-os numa casa que fica por detraz daquella encosta em que está edificada a igreja, e onde pretendem assentar a artilharia. E' solida a casa e defendida por um enorme muro.

—Sei, não é a fazenda do capitão Lacerda ?

—Creio que sim. Como o portão ficasse aberto, entrei após elles. Tiveram a cautela de fechar a porta da rua logo que entraram, de sorte que não n'os pude acompanhar. Estive algum tempo no terreiro e ia voltar, quando vi abrir-se uma das janellas do andar superior, e atravez do vidro divulguei um dos embuçados, que havia subido, e dahi a pouco o vulto de Ina, que eu provavelmente não conheceria, se não fosse a conversa que tinha ouvido.

Voltei sobre meus passos e, indagando aqui e alli, cheguei ao conhecimento de que elles, para evitarem que Ina se matasse, a haviam persuadido, por meio de uma carta que fingiram de vossa paternidade, de que se ella lá estava era por ordem vossa, e para maior segurança.

O menor calou-se; o padre despediu-o com um gesto, cerrou após d'elle a porta e parou no meio do quarto. Sua physionomia expandiu-se então:

—Ella vive, meu Deus! . . . E', pois, bem certo que vossa providencia não abandona nem mesmo ao pobre orpham do selvagem?

Talvez lhe passassem pelo espirito os pensamentos seguintes: comquanto ella não esteja morta, não está comtudo segura, porque esses em cujo poder ella se acha são capazes de todas as infamias, e ella é innocente e fraca; quem a defenderá?

Que importavam, porém, estas considerações, se ella estava viva? Não era isso que elle tão ardentemente pedira a Deus, quando pelas longas noites de insomnia e agonia chorava a sorte daquella desgraçada e bella filha dos ermos? Ajoelhou-se, pois, deante daquelle crucifixo que elle alguns mezes antes havia regado com lagrimas de sangue, e começou a agradecer ao Senhor.

Expliquemos agora ao leitor o destino da indiana, que a conversação acima transcripta já nos deixou antever.

Conforme deixámos escripto, desapareceu ella sem que se pudesse saber para onde. Pelo que resulta do dialogo que transcrevemos, quem a havia roubado era Pero Lopes. Este homem feroz tinha-se sentido com uma grande paixão pela moça, mas nada se atrevia a fazer contra ella, porque receava o poder do padre Paiva.

E' verdade que, naquelles tempos, roubar uma india, ou mesmo matal-a, era cousa absolutamente indifferente; mas essa era protegida por um padre da Companhia e não era qualquer que, já nessa epoca, ousava affrontar os jesuitas.

Aconteceu que um fidalgo portuguez, estabelecido em Santo André, vindo um dia a S. Paulo, quiz visitar as diversas colonias que tinham os jesuitas. Pedindo ao provincial uma pessoa que o acompanhasse, deram-lhe por guia o tal Pero Lopes.

Quando chegaram á aldeia dos Pinheiros, este ultimo, que já havia exaggerado ao fidalgo a belleza da moça, conduziu-o á cabana.

Tão dissoluto como Pero Lopes, Lacerda determinou desde logo arrebatara a moça, e ao guia communicou sua intenção; este se offereceu para auxiliá-lo na empresa, comtanto que ficasse tudo no mais profundo segredo e que, se o jesuita viesse a sabel-o, lhe dêsse asylo em Santo André. Assim aconteceu.

O jesuita, depois de orar longamente ao Senhor, ergueu-se dos pés da cruz; os ultimos raios do sol poente douravam-lhe a vasta frente. Quem o avistasse naquelle momento, veria que elle tinha remochado, porque sua figura se havia desencurvado e seus olhos retomaram o antigo brilho de aguia.

—Malditos os que se sustentam com as lagrimas dos orphans, porque Deus é contra elles!

Passeou de um lado do quarto para outro e seu andar era firme.

—Oh! Não tivesse eu jurado ser cavalleiro da Cruz, de vós só, ó meu Deus, porque então era o sangue, o impuro sangue desses vermes da immundicie, que me lavaria o insulto lançado na frente, as torturas, a longa agonia por que passei. . . Mas não! Perdão, senhor meu Deus! Sinto que blasphemei. Perdão para mim, porque eu lhes perdôo tambem. . .

O suave e sagrado poder do Evangelho havia-lhe extinguido a sêde da vingança.

Ina tinha apparecido; mas que era feito de Caá-Ubi?

Passemos agora a ver os preparativos da guerra que se faziam em S. Paulo de Piratininga, os ritos selvagens e poeticos dos filhos da floresta.

---

## CAPITULO VI

O' guerreiros da taba sagrada,  
O' guerreiros da tribu tupi!  
Falam deuses nos cantos do Piaga,  
O' guerreiros, meus cantos ouvi!

G. DIAS

(O *Canto do Piaga*)

São os indios de seu natural muito levados a superstições, como acontece a todos os povos em que é ardente a imaginação. E, depois, sua vida errante, suas primitivas crenças e tradições levam-nos a isso.

Preparavam-se os de S. Paulo para o combate e esses preparativos eram sempre precedidos de algumas cerimoniaes.

Havia, entre outras, a seguinte: ao poço mais profundo do rio atirava-se uma pedra, com um signal qualquer; os mergulhadores afundavam, cada um por sua vez; se conseguiam tiral-a do fundo d'agua, então era feliz o resultado da guerra; se, porém, apesar dos esforços dos grandes mergulhadores, ella lá ficava, é que havia sido arrebatada pelo Anhangá, genio do mal, que lhes era contrario.

Estando, pois, para guerrear, dirigiram-se elles para o sitio em que o rio dos Pinheiros faz barra



com o Tieté. Era então esse lugar de uma profundidade espantosa. Com a entrada das aguas dos Pinheiros, que batiam de encontro a um lagedo escavado de outro lado do Tieté, volviam-se ellas num grande sorvedouro e tornavam assim difficilississimo o passo para quem não fosse robusto e valente nadador.

A agua negra do rio, coberta de largas espumas brancas, a escuridão que a espessa floresta derramava naquelle lugar, a tradição de que era aquelle o poço em que habitava o genio mau, tudo concorria para augmentar o mysterio da solidão.

A isto vinha juntar-se uma nova fama, que se havia espalhado, a principio, pelos pescadores, depois pela aldeia dos Pinheiros e, finalmente, por todos os indios circumvizinhos, e era a seguinte: de tarde, ao cahir da noite, subia pela agua acima uma canôa preta, na qual ia uma figura que se não podia distinguir bem, se era um homem, se uma sombra. Trajava as vestes da floresta, mas eram pretas as pennas que adornavam seu cocar: representava ser ainda joven; seu corpo era lançado e robusto e seus cabellos negros desciam como uma nuvem sombria sobre as espaldas, cobertas com uma pelle de tigre negro. Accrescentavam que seus olhos rasgados e bellos dardejavam uma luz sinistra e que em seu rosto se lia uma tristeza indelevel. Diziam alguns que era o genio da America, o Curupira; outros, que era a sombra de Tubyra, que vagava mansamente por aquelles logares, onde em vida tanto gostava de andar.

Fosse, porém, como fosse, o certo é que, quando o viam passar, os homens não se animavam a olhal-o, mas as donzellas, medrosas e a furto, escondidas por entre as folhas e flôres per-

fumadas daquelle sitio, admiravam tremendo tão formosa figura de mancebo. O que deu mais vulto a essas superstições foi este facto: um dia, em que se achava lá um padre jesuita, passou a tal canôa negra, e elle, apesar da fortaleza de suas crenças, benzeu-se, ao ver o vulto mysterioso, e conservou-se immovel, até que as pennas negras do cocar do sombrio navegante desapareceram na floresta.

Os indios reuniram-se sobre a areia e tiraram á sorte os tres primeiros que mergulhariam para arrancar a pedra do fundo do rio,—honra que era julgada em grande estima. Só nove guerreiros deviam mergulhar, e estes em grupos de tres. Se porventura nenhum delles conseguisse tirar a pedra, escolhia-se então, dentre todos, um que tivesse maior fama de nadador, para que tentasse o ultimo esforço; terminava, então, a cerimonia, fosse qual fosse o resultado.

O padre Paiva dirigia a solemnidade. Como atraz observámos, esses homens grandes e profundos não combatiam senão lenta e indirectamente as crenças dos povos e, as mais das vezes, serviam-se dellas para attingir o seu fim. Assim é que, na Africa, tomavam o habito de magos; na India, o de derviches; na Persia, o de bonzos, e na China, o de mandarins. Habeis navegantes nos mares da vida, sabiam enfunar suas velas com todos os ventos; ninguem mais do que elles sondou ou praticou aquella sabia maxima de Alcebiades: —«em Athenas, sou atheniense; mas em Sparta, spartano».

O jesuita approximou-se com ar solemne da borda do vasto poço, no lugar em que um lagedo cortado a pique fazia uma alta ribanceira; desceu um joelho em terra, benzeu a pedra que já levava preparada, levantou-se e arremessou-a ao meio da

voragem: as aguas abriram-se e formaram circulos concentricos, que se foram dilatando, até ganhar toda a superficie.

Passados alguns instantes, os indios deram um grito unisono, que repercutiu ao longe, e tres dentre elles desappareceram debaixo das ondas escuras e mysteriosas. Alguns minutos depois, surdiu um, logo depois outro e, finalmente, o terceiro: nenhum delles havia encontrado a pedra! Respiraram alguns instantes, librando-se sobre as aguas, e afundaram de novo... Seguiu-se o mesmo silencio; surdiram depois, mas sem resultado. Tentaram novos esforços, até que, extenuados, sahiram para a praia.

O jesuita abençoou o segundo grupo, e de um pulo desappareceram os tres no poço; a ancia era crescente, mas estes como os outros surdiram diversas vezes e diversas vezes tornaram a afundar, até que, extenuados, bracejaram para a terra e saltaram taciturnos na praia, onde se deitaram quasi sem forças.

Os indios estavam tristes: lia-se bem claramente em seus semblantes um mau presentimento; porém mais triste ainda do que elles estava o jesuita, que sabia qual seria o effeito de não se encontrar a pedra; não deixariam os *Guayanás* de combater, porque julgavam que era isso uma infamia; mas perderiam de certo a victoria, porque na guerra julgariam combater espiritos invisiveis.

No terceiro grupo havia um mancebo, delles o mais joven: teria dezoito annos, de longos cabellos, rosto feminino e construcção torneada, bem que robusta; era sua tez morena, coberta de uma penugem como a do pecego; sua physionomia era scismadora, olhos negros e voluptuosos, labios deli-

cados e côr de rosa, por cima dos quaes se extendia um buço negro como o velludo.

Era irmão de Caá-Ubi; o jesuita, ao abençoal-o, deixou cahir sobre elle duas lagrimas, porque, comquanto sua physionomia não apresentasse os traços energicos e selvagens de seu irmão, tinha comtudo alguma semelhança com elle, e, depois, era um menino tão docil e tão bom, que todos os padres o amavam. Julgavam-no fragil como uma donzella, porque passava quasi sempre solitario e amava a musica até ao delirio.

As indias mais moças enterneceram-se quando o viram dobrar em terra os joelhos, porque, tão bello e tão moço, era pena morrer! Fazia ainda mais dó aos velhos, porque sabiam que Caá-Ubi o amava como um doido e, pelas saudades que tinham do outro, amavam a este. Os jesuitas, ao baptisal-o, haviam-lhe dado o nome de João, mas os indios lhe chamavam *Tainá-cerame*, que quer dizer *menino moreno*, nome pelo qual apparece elle nas tradições.

—Tainá, não tendes medo de morrer? perguntou-lhe o jesuita.

O moço ergueu para elle seus olhos calmos:

—Não. Payabuna <sup>(1)</sup>, Tainá nunca teve medo de morrer,—e, tomando a mão do jesuita, levou-a ao coração.

O padre encostou-a instinctivamente e sentiu que o coração do moço era calmo como se estivesse elle em sua cabana, ouvindo algum canto agradável.

Os tres indios arremessaram-se a um tempo ao pégo. Era profundo o silencio, e os olhos da

---

(1) Nome pelo qual os guayanás tratavam os jesuitas.

multidão estavam fitos na superficie sombria por onde haviam afundado os mergulhadores; dahi a pouco, subiu uma bolha de agua e, após ella, um delles: nada trazia. O mesmo silencio continuou; surdiu o segundo: nada... Todos estavam offegantes, a bocca entreaberta e, curvados sobre a agua, pareciam querer divisar o que encerravam os sombrios antros em que rolavam aquellas ondas; nada mais viam, porém, do que as arvores e o céu que nellas se espelhavam.

Os dous mergulhadores tinham afundado de novo e de novo surdiram.

—Tainá! bradaram os indios, vendo que só o moço não tinha surdido. Onde está Tainá?

Um tremor nervoso percorreu a multidão, os olhos negros e avelludados de uma donzella que assistia a esta scena humedeceram-se e seu peito moreno arquejou... Alguns indios precipitaram-se immediatamente nas ondas, não para buscar a pedra, mas para salvar o moço. O abysmo, porém, assim como havia devorado a primeira, escondia o segundo. Eram horriveis e dolorosas as ancias de todos...

Os mergulhadores surdiram desta, como das outras vezes, sem poder tocar ao fundo.

—Morto! gritaram alguns, apontando para um rebojo sombrio, que fazia o rio um pouco abaixo. Todos os olhos para lá se voltaram num momento e viu-se um corpo boiar e depois desaparecer. No mesmo instante, o hervaçal da margem abriu-se e uma escura sicuryú<sup>(18)</sup> afundou no lugar em que tinha desaparecido o corpo.

---

(18) O nosso *sicuryú* ou *sicury*, como dizem alguns, alcança ás vezes o tamanho de sessenta palmos. Tem a côr pardo-escuro, tirante para a azcítonea. Algumas têm a barriga mos-

Um grito, dirieis antes um rugido, feriu os ares: um homem vigoroso e de longos cabellos negros saltou no barathro, com um punhal atravessado nos dentes. Quem era elle? Ninguem havia podido distinguir sua physionomia e nem podido ver de onde elle sahira, pois que todos tinham os olhos fitos no logar em que a medonha cobra se havia abysmado. O que alguns indios notaram com terror foi a sua cabelleira sombria, que muito se assemelhava á do ser mysterioso que vagava na canôa negra.

Uma lista de sangue tingiu a superficie da agua; viram a cobra estortegar-se e apparecer meio morta, com o punhal embebido junto á cabeça; no mesmo instante, surdiu o nadador, trazendo nas costas o mancebo; atirou para traz, com uma magestade de rei, a basta cabelleira e, sacudindo os nervosos braços, atravessou para a margen frenteira, depondo na praia Tainá desfallecido; atirou-se de novo á agua, mergulhou e desapareceu, sem que o pudessem conhecer.

Dizem que o padre Paiva, quando os vira na praia, cahiu de joelhos, exclamando:

—Vivo! vivo! Louvado Deus!

Mas não se sabia a quem se referiam aquellas palavras, se ao joven, ou se ao seu salvador.

Alguns indios atravessaram o rio, trouxeram o moço desfallecido e deitaram-no de novo sobre a areia branca; nessa posição, seus bellos membros,

---

quecada de escamas amarellas e o dorso coberto de largas manchas, mais negras do que o resto da côr. A bocca é armada de uma duplice fileira de dentes, alvos como perolas. Os indios matavam-nas com facilidade, mas muitos delles eram victimas dessas gigantes serpentes. Quanto á existencia dellas nos rios da provincia de S. Paulo, vejam-se as *Viagens*, do dr. Lacerda.

perfeitamente contornados, seus olhos semi-cerrados, seus labios entreabertos por um sorriso fugidio, davam idéa de um desses deuses gregos sonhando junto dagua com a bella naiade que o amava. Em pouco tempo, o moço deu signaes de vida; foi então que notaram em uma de suas mãos a pedra que fôra arremessada ao abysmo. Um dos indios tomou-a e ergueu-a ao ar. Os sustos, a ancia por que todos haviam passado deram logar ao grito de enthusiasmo:

—*Mocerane! mocerane! parana yupinon rece!*  
«Victoria! victoria! sobre as ondas do grande rio!»  
—exclamaram mais de quatro mil boccas.

O echo repetiũ pelos antros das serras aquelle grito de alegria e Tainá, ainda desacordado, foi conduzido em triumpho até S. Paulo.

Dous indios velhos, que pela sua edade não podiam acompanhar os moços, ficaram mais atraz. Eram homens de experiencia e iam conversando em sua lingua o que em portuguez é mais ou menos o seguinte:

—Então, Baiacaba, você não conheceu quem era aquelle nadador?

—Não; pareceu-me que era o Curupira <sup>(19)</sup>.

—Qual Curupira! Você não estava commigo naquella tarde em que as onças atacaram a aldeia, ha cinco annos atraz?

—Estava sim, e porque?

—Não se lembra daquelle grito que deu Caá-Ubi, quando viu que uma dellas estava para matar a Ina? Este grito de hoje me pareceu o mesmo.

(19) *Curupira*—um dos genios da mythologia dos Guayanás.

Os dous indios calaram-se e seguiram seu caminho.

Antes de subirem o morro que precede a cidade, encontrou-os o padre Paiva, que tinha vindo adiante, e que os chamou, dizendo em sua lingua natal:

—*Tenqué* <sup>(20)</sup>, quem foi aquelle guerreiro que salvou Tainá?

—Pois o Payabuna não conheceu que era Caá-Ubi, o que sumiu ha tanto tempo?

—*Rúba*, onde morará elle?

—Só Tupan <sup>(21)</sup> póde saber.

Os indios seguiram de novo o seu caminho. O jesuita, apesar da noite, voltou para traz e, no dia seguinte, embarcando em uma canôa, desceu pelo rio, afundando-se no sertão.

---

<sup>(20)</sup> Quer dizer—*velhos*.

<sup>(21)</sup> Senhor Deus.



## CAPITULO VII

Mas tu, ó musa, que piedosa choras,  
Curvada sobre a urna do passado;  
Tu, que jamais negaste ao infortunio  
Um canto expiatorio, eia! consola  
Do pobre indiano os erradios manes  
E sobre a ingloria cinza dos proscriptos,  
Com teus cantos ao menos uma lagrima  
Faze correr de compaixão tardia.

B. GUIMARÃES

*(Cantos da Solidão)*

---

A algumas leguas distante de S. Paulo, descendo-se pelo Tieté, existe um bello lugar. Do lado direito do rio, são montes altos e cobertos, pela maior parte, de coqueiros e palmeiras silvestres, que ora se ajuntam em formosos grupos, ora nascem solitarios no pincaro dos rochedos e, pendendo para o abysmo, sacodem ao vento do deserto sua cabeça solitaria. Na margem esquerda, são campinas vastas e indefinidas, que vão perder-se ao longe, em distancia de muitas leguas, nos rasos horisontes em que parece o céu achatar-se para se confundir com a terra. Junto de uns rochedos alcantilados, e numa gruta selvagem, formada pelo recesso de uma lapa branquicenta, estão dous homens: um delles

traja o sombrio habito dos padres da Companhia; o outro, o dos guerreiros indianos. O primeiro parece levar a conversação lenta e pausadamente, como quem receia produzir uma impressão muito viva; o outro aperta uma das mãos ao peito e parece suffocar a custo as pancadas do coração.

O olhar do velho padre nos é bem conhecido, porque existe nelle aquelle fulgurar de diamante que ordinariamente denota o espirito fino e a vontade de ferro.

—Mas, meu filho, os guerreiros esperam-vos lá, para irdes leval-os ao combate; vós esqueceréis que, quando ameaçam as cabanas da patria, todo o homem que é valente deve esquecer-se de suas dores, para ir socorrer os velhos e infirmes?

—Sim, Payabuna, mas olhae: antes um pouco que vós chegasseis, aquelles montes que estão lá longe estavam claros e tão bonitos que quem os visse havia de querer ir lá perseguir os veados; agora está tudo escuro, fazem medo, porque parecem sombras do Anhangá, e isso porque o sol morreu. Aqui tambem (e, dizendo isto, apontou para o peito) tudo está triste, e era tudo alegre. Não, Pay, não irei! Tupan não quiz ouvir os gemidos de seu filho, deixou que matassem sua mulher e nem ao menos lhe ensinou no sonho de quem se devia elle vingar; seu filho tambem não escuta os gemidos do logar onde estão as cabanas em que elle nasceu.

—Mas, meu filho, que fazeis vós aqui, que tendes feito, que fareis?

—Tupan tem visto, padre. Quando mataram Ina, eu procurei no fundo do rio, a ver se achava o seu corpo. Achei unicamente o de sua mãe, que estava ferida no logar do coração, e a ferida va-

rava de um lado para outro. Julguei que os guerreiros do deserto a houvessem roubado, como já tem acontecido outras vezes. Embarquei e procurei pelas praias: mas na areia só vi o rasto das onças. Procurei nas matarias e gritava... mas só o Curupira respondia aos meus gritos. Procurei em toda parte, até que cheguei a um logar em que o rio é tão grande, que vai até ao céu: gritei... gritei... mas lá não havia nem uma cabana! Cahi doente, padre, e fiquei tão fraco, que não podia caçar, e só comia uns peixinhos, que a custo apanhava; uma tarde, em que eu estava na beirada do rio, quasi a morrer de fome e doente, levantou-se do meio do poço uma sicuryú e arrastou-me para o fundo da agua: eu não queria morrer no fundo da agua, porque, senão, ficava quieto: ganhei forças e matei a cobra, tirando-a d'agua com muita dificuldade. Ella me havia ferido no braço e com o sangue que se derramou fiquei são, alimentando-me tres dias com sua carne. E depois fiquei aqui morando. Quando é de tarde, eu fico tão triste, que subo o rio e vou amanhecer junto da cabana onde morava Ina...

O jesuita ouviu esta narração simples e seus olhos encheram-se de lagrimas. Elle tinha tambem soffrido e pelo seu soffrimento devia aquilatar qual não seria a desolação do pobre selvagem, em quem as paixões são ardentes como fogo, quando, esperando encontrar Ina no meio dos desertos, só ouviu o echo responder a seus chamados, e na areia, em vez dos vestigios da moça, os rastos das onças bravias ou o largo lastro das medonhas cobras.

Não convinha, porém, revelar ao indio quem havia sido o arrebatador da moça, porque então não havia prudencia que o contivesse; e estavam em

tempo de guerra e em circumstancias tão espinhosas, que todo o calculo e frieza eram necessarios.

—Mas, meu filho, ouvi dizer que Ina está viva.

—Onde?

—Isso não sei, mas é provavel que consigamos sabel-o.

O indio abanou a cabeça e com esse sorrir de incredulidade e tristeza que nos aponta sobre os labios quando percebemos que nos querem enganar, para nos alimentar alguma esperanza, elle continuou, apontando para o coração:

—Não, Pay, Ina está morta, porque aqui eu o sinto.

O leitor naturalmente já sabe que dos nossos interlocutores um é o padre Paiva e outro Caá-Ubi: que este ultimo era o guerreiro mysterioso que viam algumas tardes subir pelo rio dos Pinheiros e que tomavam por uma sombra; e, finalmente, que foi elle quem salvou Tainá, conforme descrevemos no capitulo antecedente.

O padre Paiva procurou convencer o moço de que todas as esperanças não estavam perdidas, mas o indio ficou persuadido de que as palavras do jesuita eram um engano calculado para fazel-o voltar a S. Paulo.

Depois de ter pedido ao jesuita que lhe não falasse mais na moça, e insistindo este, Caá-Ubi tomou seu arco e flechas e sahiu disposto a fugir para o deserto.

O jesuita viu que não havia outro remedio senão dizer-lhe a verdade toda:

—Conheceis Pero Lopes?

O indio estremeceu de cima abaixo, como se fôra tocado por uma pilha galvanica; conservou-se calado e passou-lhe pelo espirito aquelle olhar que Pero Lopes lhe havia lançado na vespera do desapparecimento da moça.

—Pois bem, continuou o jesuita; Ina está viva e em poder delle...

O indio, como movido por força estranha, recuou dous passos e, arrancando convulso o punhal que tinha á cinta, deu um grito feroz, dirieis antes um rugido, e, erguendo o braço para o céu, pareceu ameaçar a colera de Deus.

—Contende-vos, meu filho, disse o padre. Paciencia! Tambem eu soffri muito e...

—Ella viva! Viva e no poder do imboava!... O' Tupan, dae ao vosso filho o prazer de beber o sangue desse branco e depois tirae-lhe a vida, que elle morre feliz!

Voltando-se depois para o jesuita, continuou, com a voz tremula e meio suffocada e com os olhos injectados de lagrimas de sangue:

—Agora sim, padre, eu vi que falastes verdade. Vamos para lá! E, tomando o jesuita nas costas, depositou-o na canôa. Depois começou a remar com tal vigor, que o leve batel ia deixando após de si um sulco branquicento de espuma.

A cerração da noite ia forte e humida; em pouco, os dous navegantes, como dous seres mysteriosos, desappareceram no meio da neblina, como uma visão de Hoffmann.

---

## CAPITULO VIII

Doce filha de languida tristeza,  
Ergue a fronte pendida—o sol fulgura!  
Quando a terra sorri-se e o mar suspira,  
Porque te banha o rosto essa amargura?

C. DE ABREU

(Moçidade)

---

Em torno de uma grande mesa estão alguns convivas; um delles é o capitão Lacerda, dissoluto como um mouro e vil como um cão; o outro é Pero Lopes, que ficou reduzido a seu *factotum* desde o rapto de Ina: especie de sir John Falstaf, aconselhava elle a seu amo todas as villezas possíveis. Eram os outros alguns moços da mesma tempera; a conversação ia alegre, o dia estava chuvoso e o vinho enchia os copos em abundancia.

—A' vossa saúde, capitão Lacerda; á saúde do mais tímido cavalheiro que veio de Portugal!

—Porque? Não acceto a saúde antes que expliqueis o vosso pensamento.

—E nem eu faço difficuldade para isso. Supponde que um cavalheiro deseja uma noite uma mulher do povo, que consegue furtal-a e que a tem em casa um par de mezes, virgem como uma moça

que os pardaes ainda não viram; que é este cavalleiro?

Uma gargalhada geral e unisona respondeu ás perguntas do moço; todos entenderam claramente a referencia á Ina, que o capitão tinha em seu poder havia já bem tempo.

—Não acceto a saúde, disse elle, um pouco confuso.

—Haveis de accetal-a, meu caro; diz o dictado que quem é tolo deve pedir a Deus que o mate...

—Apoiado; não ha duvida! Trincae e bebei!

O moço, confuso, não teve remedio senão callar-se. Pero Lopes continuou:

—Eu já tenho dito ao sr. capitão que, se o negocio fosse commigo, a juriti estava já depennada; mas elle tem não sei que receios...

—Devéras, Lacerda? Pois tendes medo dessa escrava indiana? Se quizerdes, ide á minha fazenda, que eu vos darei uma lição do modo por que se trata essa gente. Quiz? Muito bem: tudo vai em paz. Resiste? Força-se, é a cousa mais simples do mundo. Deixae para os padres da Companhia aquellas doçuras com que elles estragam essa cambada de brasis, que afinal se persuadem de que são grandes cousas.

—Por falar em jesuita: dizem que o diabo do padre Paiva quasi morreu, quando furtastes a moça...

—E' verdade.

—Então o tal *sotaina* tinha suas pretensões sobre a pequena?

—Parece que sim.

—Que patife! E, depois, venham-me azoinar os ouvidos com a virtude desses hypocritas...

—Mas Lacerda... sois mesmo um asno; é ridiculo, é incrível o vosso proceder: daqui a uns dias, os padres sabem do paradeiro da india, tiram-na do vosso poder e ficais nadando em sêcco.

—Lá por isso não vos incommodeis; a casa é solida e ha guarnição forte, a pretexto de que estamos em guerra com os de Piratininga.

—Esperae, senhores! Agora vou eu fazer uma saúde. Bebeis, Lacerda?

—Conforme.

—Não admitto conformes; haveis de beber á saúde de quem hoje

*Dorme junto suspirando  
Ao pé da bella formosa*

—Viva! Viva! gritaram os outros. Bôa idéa, não ha duvida! E' de virar o copo!

O moço acceitou a saúde e a conversação dissoluta continuou ruidosa.

Ina, que estava encerrada num dos quartos superiores, ouvia com terror aquelle alarido, que lhe chegava aos ouvidos já um pouco amortecido.

Quem a visse, sentiria uma tristeza indefinivel, deante de sua attitude. O quarto era pequeno, mas bem mobilado para aquelles tempos. Estava ella, no momento desta scena, em pé, o olhar fito no chão: parecia uma estatua. Tinha um vestido branco e, na cintura flexivel e voluptuosa, uma faixa vermelha. Seus cabellos, soltos e negros, cahiam-lhe sobre os hombros e a luz, que dava de chapa



sobre a face, deixava ver o assetinado de sua pelle morena e o brilho ardente de seus olhos, rasgados e humidos. A não ser o leve offegar do seio, dirieis que estava petrificada.

Pobre escrava! Entregue á lascivia brutal do dono da casa, naquelles tempos em que um portuguez rico era mais que um rei, solitaria e indefesa, que seria della?

O rumor da orgia pareceu approximar-se da escada; decorridos alguns instantes, ouviram-se passadas perto do quarto. A moça estremeceu, quando viu a porta abrir-se e entrar Pero Lopes armado com uma corda; o portuguez herculeo ria com aquelle rir antipathico que a um tempo traduz sensualidade e ironia.

Pelo habito em que estão os nossos indios de constantemente defender-se dos animaes bravios e dos constantes perigos em que sempre se vêem, adquirem uma perspicacia admiravel para adivinhar os riscos a que estão expostos.

A moça indiana leu nas feições do hercules toda a malvadez que lhe ia n'alma; pelos seus olhos avelludados e bellos, passou um relampago de colera: foi, porém, passageiro, porque tinha a consciencia de sua fraqueza. Duas lagrimas desceram-lhe pelas faces pallidas e cahiram-lhe sobre o seio como duas perolas: deante daquella imagem da formosura a da dôr, qualquer outro que não fosse Pero Lopes se sentiria desarmado. A pobre moça recuou, tremula, para um angulo da sala e ergueu as mãos supplicantes ao céu; seus olhos entreabriram-se e ella murmurou, talvez, uma supplica ao Deus dos fracos e opprimidos.

Pero Lopes approximou-se della, dirigindo-lhe dous ou tres cumprimentos brutaes, e, agarrando-

lhe as duas mãos, passou-lhes a corda, atando-as pelas costas. Depois, deu-lhe um beijo. Uma estrepitosa gargalhada dos convivas que haviam chegado á porta do quarto saudou a brutalidade sensual do portuguez. A moça, porém, estremeceu como o cadaver que é submettido á acção de uma pilha galvanica; seus olhos seccaram-se e por sua physionomia tão doce e tão pura passou como que uma nuvem de dôr. Mas seus labios permaneceram cerrados, porque os nossos indios são altivos e, quando offendidos, sabem vingar-se, nunca supplicar; seu peito arquejou, como que suffocado, e contrahiram-se-lhe os musculos do pescoço; tentou arrebentar a corda; seus braços, porém, eram fracos demais para isso, mas o esforço foi tão violento, que a corda se entranhou na carne e o sangue roxeou o chão.

—Olá! Quer matar-se, minha bella? Tenha paciencia, que o caso não é para isso, disse-lhe Pero Lopes.

Tomou-a nos braços e depositou-a sobre o leito. A moça estava desfallecida.

Os moços que estavam á porta entraram então e, longe de entristecerem-se com aquelle espectaculo, seus olhos incendiaram-se de concupiscencia, advinhando por sob as alvas roupas as fórmãs seductoras daquelle ser tão perfeito e tão puro.

Um delles, para vel-a melhor, chegou a luz á face da moça: sua bocca estava entreaberta e seus labios, cobertos de uma leve pennugem assestinada, deixavam entrever as extremidades dos dentes alvos e brilhantes; seus cabellos negros e abundantes cahiam-lhe em desordem pelo rosto e pelo collo, realçando o moreno do seu colorido ardente.

Que differença, nesse dia, naquella mesma que alguns mezes antes se recostava calma e cheia de vida ao peito do guerreiro mais valente da tribu dos *Guayanás*, o heroico Caá-Ubi!

Caá-Ubi!... E por que razão não estava elle alli, para soccorrel-a? Quem sabe quantas vezes, no meio daquella triste solidão em que a collocaram, não murmuraram seus labios o nome do querido amante? Quantas vezes, nas noites de insomnia e terror, sua imaginação ardente lhe não desenhou naquelle quarto a figura sympathica, energica e franca do guerreiro indiano que tanto a havia amado?

O moço, que approximára a luz de suas faces, depois de havel-a contemplado em silencio alguns minutos, ergueu um lenço que lhe cobria o peito e encostou-lhe os labios...

Um grito feroz, como o rugir de um tigre, abalou o ambiente do quarto; o corpo do moço rolou no chão, banhado no sangue que jorrava em catadupas de uma larga ferida feita sobre as costas.

—Caá-Ubi!... murmuraram os outros, pallidos e tremulos.

—Sim, elle mesmo!

Dizendo estas palavras, o indio, tendo ainda na mão o punhal fumegante, rolou sobre elles os torvos olhos injectados de sangue e, com um leve sorrir, como que esperava que ousassem atacal-o. Um a um, podia elle alli matal-os a todos; mas, ou fosse que os não conhecesse, ou que não tivesse visto Pero Lopes, ou que no seu grande coração falasse essa generosidade selvagem e grandiosa dos nossos indigenas, o certo é que se approximou do leito da moça e, tomando-a nos braços, desapareceu pelas escadas abaixo.

O capitão Lacerda, Pero Lopes e os convivas estiveram pasmos por longo tempo: tinha sido aquella apparição tão inesperada, sobretudo julgando elles que Caá-Ubi havia morrido, que ficaram completamente atordoados. Parecia-lhes um sonho, um pesadelo de sangue aquella scena que tinham deante dos olhos. Pouco a pouco, porém, passou o primeiro terror, as idéas combinaram-se e o raciocinio fez a luz no chaos do seu espirito.

Como estivessem promptos os cavallos, porque os convivas da orgia tinham de retirar-se, foi facil prepararem-se para perseguir o indio; em pouco tempo, pois, seis cavalleiros perfeitamente armados deixavam o pateo da grande fazenda, acompanhados de alguns negros.

Era já noite cerrada e, comquanto fosse tempo de lua, contudo o céu, coberto de negrume, tornava sombrio o espaço e protegia assim a fuga dos dous amantes.

Entre os primeiros colonos da America, havia um costume, algum tanto barbaro, mas de alguma fórma desculpavel naquella quadra aspera e difficil: —era o de doutrinarem cães, para seguirem a pista dos indios. Este uso, que se pratica ainda hoje em alguns logares para perseguição dos negros fugitivos, era geral naquelle tempo. Existia na fazenda referida duas trelas desses animaes ferozes, porque eram (como ainda hoje o são os empregados nesse mister) dessa raça a que chamam *atravessados* e que tem a pelle mosqueada como a dos tigres.

Os cães, logo que os cavalleiros sahiram do pateo, deram, ladrando, o signal de que haviam sentido o rasto dos fugitivos: os cavalleiros seguiram-nos, munidos de alguns fochos, para poderem guiar-se no meio das trevas.

Voltemos um instante, para mostrar ao leitor como Caá-Ubi appareceu no momento em que ficou dito.

No capitulo antecedente, deixámol-o singrando ao longo do Tieté, em companhia do padre Paiva.

No dia seguinte, chegaram elles, ao meio-dia, á aldeia dos Pinheiros. Debalde o jesuita mostrou ao indio a necessidade de esperar, para mais cautelosamente poderem obter Ina; debalde mostrou que era facilissimo que o matassem e que assiu perdia a moça o unico apoio que tinha no mundo. O indio ouvia-o calado, mas remando sempre, com todo o vigor.

Quando chegaram aos Pinheiros, no lugar em que ficava a poetica cabana em que Ina havia morado, o indio abicou a canôa e saltaram ambos em terra. O indio parou junto á porta, cruzou os braços e esteve em meditação alguns minutos: sua physionomia não apresentava mais aquelle aspecto feroz que lhe nótamos, quando elle soube do rapto; pelo contrario, triste e abatido, parecia resignado ao soffrimento. O padre Paiva, vendo-o assim, disse-lhe:

—Vamos para S. Paulo, meu filho; dentro em breve sereis consolado.

O indio abanou a cabeça, em signal de irresolução e duvida. O jesuita continuou:

—Vamos, porque sósinho sois muito fraco para ataca-os; esperae em Deus e elle nos enviará soccorro.

—Não, Payabuna; Caá-Ubi já não pôde esperar.

O indio disse estas palavras tão repassadas de desespero, que o jesuita não poude conter as lagrimas. Comprehendia perfeitamente aquelle de-

sespero, porque elle tambem havia soffrido e desesperado. Calou-se, pois, e o indio continuou:

—Esperar... não! Não posso mais! Aqui, neste mesmo lugar, eu pedi muitas vezes a Tupan que me enviasse a morte, ou que fizesse apparecer Ina. Meu peito doía, Pay, e meu sangue sahia pela bocca. Esperar, como? se eu já esperei tantas luas aqui sentado e olhando lá para o céu!...

—Mas agora que Deus permittiu, meu filho, que a descobrisseis, quereis perdela por imprudencia?

—Quem a guardou até agora, hade continuar a guardal-a. Vós ensinai que Tupan proteje a justiça; elle me hade proteger.

Quem o ouvisse assim falar tão mansa e docemente ao jesuita, julgal-o-ia talvez uma dessas victimas resignadas que nos offerece a historia dos primeiros tempos do Christianismo e cuja força estava na mansidão. Era quasi impossivel adivinhar que naquelle peito a meio curvado batia o coração de um leão. O jesuita calou-se, o indio tomou o remo e começou de novo a subir com tal presteza, que sua leve canôa ia lançada como uma setta, fazendo espumar as aguas negras do rio deante de sua cortadora prôa. Foi assim que, como presago, chegou no momento em que o leitor o viu acima.

O padre Paiva dirigiu-se para S. Paulo, para armar alguns indios á pressa, que fossem ajudar a Caá-Ubi, naquella temerosa empresa.

Antes, porém, de sahir da aldeia dos Pinheiros, encontrou Tainá, aquelle irmão de Caá-Ubi que, num dos capitulos antecedentes, havia tirado a pedra fatidica da guerra do fundo do poço.

O joven dormia então debaixo de um coqueiro, a cuja sombra se resguardava da calma do meio-dia. O jesuita acordou-o e em breves termos narrou-lhe o occorrido. A physionomia bella e melancolica do moço expandiu-se e um riso alegre descerrou-lhe os labios de nacar, como se estivesse na contemplação de um sonho divino.

Passado o primeiro momento de alegria e felicidade, veiu-lhe o sentimento de que seu irmão estaria dentro em pouco em grande perigo. Comunicando-lhe o jesuita que tencionava ir a S. Paulo, para ver soccorro, o moço observou-lhe que chegariam tarde e que mais importava um pequeno soccorro a tempo do que um fortissimo depois de acontecido o mal.

Trataram, pois, de obter mais um companheiro, o que conseguiram não sem difficuldade e perda de tempo, porque áquella hora do dia quasi todos os indios estavam embrenhados pelos mattos, a caçar ou em suas diversas occupaões.

Uma hora mais ou menos depois da partida de Caá-Ubi, embarcaram elles.

Dados estes esclarecimentos, continuemos a nossa narração.

---

## CAPITULO IX

Fiando a vida aos animosos braços,  
De um alto precipicio ás negras ondas  
Outra vez se lançou, e foi de um salto  
Ao fundo rio visitar a areia.

J. BASILIO DA GAMA

(*O Uruguay*, canto II)

Comquanto estivesse tudo prompto para a perseguição de Caá-Ubi, comtudo os obstaculos que offerecia a noite não eram tão poucos que pudessem ser vencidos immediatamente. E, de mais, estava humido o chão e em algumas partes alagado; e seguindo os cães com difficuldade o rasto, quando o terreno por que passam é humido, por duas vezes perderam a pista dos fugitivos.

Deixemos os cavalleiros seguindo o caminho e approximemo-nos de Caá-Ubi.

O espaço que vai entre Santo André e os Pinheiros é formado de outeiros, separados por profundos valles; existe, no fundo de quasi todos, sobretudo na estação pluvial, ou uma torrente ou paúes atoladiços, a que chamavam banhados.

Cançado como estava o indio, pelo excesso de fadiga dos dous dias antecedentes, não podia correr muito, principalmente atravez daquella escadaria de



morros, que se iam successivamente achatando, á proporção que se approximavam do rio.

Depois de ter andado duas leguas sem parar, succumbindo ao cansaço, e ao chegar ao pino de um dos outeiros, assentou-se e depositou a moça junto de si. Só então viu que seus braços estavam amarrados e dilacerados pela corda.

A moça, logo que os sentiu livres, ergueu-se assustada, como quem não tivesse comprehendido ainda aquelle acontecimento, que lhe parecia um sonho; olhou depois para o moço e, cahindo-lhe nos braços, murmurou baixinho: Caá-Ubi? O moço murmurou tambem seu nome e estreitou-a nos braços.

Quem pudesse ver no meio daquella solidão o grupo que formavam elles e ler-lhes nos olhos essa linguagem ardente e pura que se chama o amor e que não tem expressões no nosso pobre vocabulario humano, comprehenderia quanto é o coração do selvagem susceptivel dessas grandes paixões.

Nossos primeiros viajantes, levados talvez pela enganadora apparencia de sua vida quasi sem leis e de seus costumes em grande parte ferozes, esforçaram-se por pintar seu character rude, destituido das paixões que ennobrecem o homem ou que o tornam poetico. Quando, porém, referiam os factos e descreviam as luctas renhidas que tiveram com elles os europeus, contradiziam-se, sem o pensar talvez... Porque as grandes paixões nunca apparecem isoladamente. Esses guerreiros energicos, que marchavam, no meio de cantos, a atacar os europeus; que sabiam, apesar da inferioridade de suas armas, arrostar o predominio estrangeiro e

trazel-o quasi sempre batido; esses homens, que, vencedores, eram generosos, e vencidos, preferiam a morte ao captiveiro, não eram certo corrompidos e degradados, como o têm pretendido alguns escriptores.

O grupo de Ina e Caá-Ubi era, a um tempo, terno e doloroso. O vento do deserto, que passava humido e carregado de perfumes, açoitava-lhes os cabellos e as faces e ao mesmo tempo reanimava-os, communicando-lhes pelos poros essa força vital de nossa valente natureza.

Estavam elles calados; e necessitavam porventura, de palavras para exprimir a sinceridade de seus sentimentos? Não conheciam, por essa admiravel intuição que têm os amantes, a longa e dolorosa historia dos pesares que cada um havia soffrido naquella triste separação?

A lua, que até então se conservára encoberta, rompeu por entre as fraldas de duas sombrias nuvens e derramou sobre a terra seu clarão frio e merencoreo. Lá, no meio das solidões do céu, brilhando entre nuvens sombrias, apresentava uma fiel imagem da vida humana, sempre turvada pelas tristezas, mas constantemente sustentada por uma esperança que a maior parte das vezes não comprehendemos bem e que, apesar disso, constantemente nos arremessa para o futuro, doirando-nos seus horizontes.

Estiveram algum tempo naquella posição, quando no cimo de um dos montes fronteiros appareceram uns fachos e o silencio da noite foi interrompido pelo ladrar tristonho e feroz dos cães.

O indio ergueu-se immediatamente e quiz tomar sua amante nos braços; ella, porém, não o

consentiu e juntos correram ao longo dos trilhos tortuosos.

Se, por um lado, a claridade da lua facilitava mais a sua fuga, por outro augmentava-lhes o risco, porque os cavalleiros, com ella, podiam galopar mais desimpedidos.

Com effeito, depois de um quarto de hora, mais ou menos, redobraram de vehemencia os latidos. Ouviu-se então a voz de Pero Lopes, que, galopando á frente, animava os cães com gritos.

Era extrema a anciedade do indio, porque sabia que daquella gente não podia esperar quartel: tinha de vencer ou morrer. Parou um instante para resfolegar e fez signal a Ina, para que continuasse a fugir. A moça obedeceu-o, com a ligeireza de uma corça. Pareceu elle reflectir por instantes e, voltando para traz umas sessenta braças, seguiu um trilho paralelo áquelle por onde tinha vindo e occultou-se atraz de uma moita. Fazia isto, porque, experiente como era nas caçadas, sabia que os cães seguiriam pontualmente o caminho por onde elle tinha vindo, para chegar ao ponto em que se achava, e, enquanto faziam a curva, podia elle atacar pela rectaguarda os que o perseguiam e produzir assim, no meio delles, grande confusão, da qual poderia, talvez, aproveitar-se.

Era esse passo arriscado, porque, se por acaso os cães o sentissem, deixariam a pista, para ataca-lo. Naquelle momento, porém, eram impossiveis os raciocinios e, demais, os nossos selvagens são mais amigos de obrar do que de pensar.

Os cães marchavam apressadamente pelo caminho por onde havia elle vindo. O indio suffocava a respiração, porque era de agonia aquella

hora. Os tres primeiros passaram sem o sentir, mas, infelizmente, o ultimo parou defronte da moita, estendeu o focinho e soltou um uivo prolongado. O indio conservou-se quieto; os cavalleiros estavam perto.

Conforme observámos, Pero Lopes vinha á testa delles; viu o cão defronte da rasteira moita, olhou-a e, nada distinguindo, tocou o animal. Este tornou a uivar e deu dous grossos latidos, como que investindo. Pero Lopes parou e dirigiu um olhar mais investigador para o logar em que estava Caá-Ubi. Os olhos do indio, parados e luzentes, devoravam de sua estreita guarida a figura do portuguez: é assim que o tigre escondido na caverna fixa raivoso o caçador que o ataca e parece abraza-lo com os olhos.

Os outros cães, que seguiam adeante, pararam indecisos no logar em que o indio se separára de Ina e, encontrando dous rastos, estiveram algum tempo irresolutos; finalmente, um delles tomou o trilhho pelo qual Caá-Ubi havia voltado; os outros o acompanharam, sempre a latir.

Pero Lopes, nada podendo divisar na moita e ouvindo o barulho que faziam os outros cães, esporeou o cavallo e partiu, acompanhado dos cavalleiros. O indio, logo que elles deram costas, fez ouvir um grito agudo e penetrante, signal de que ia atacar, e, saltando como uma panthera no meio delles, fez o punhal descrever um semi-circulo luminoso entre os inimigos; um delles deu um grito agudo e cahiu.

Foi terrivel a lucta que se travou; no dia seguinte, quem visitasse aquelle logar pensaria antes que touros alli se haviam batido, do que homens.

O indio, ora recuando, ora atacando, sustentou por algum tempo a tremenda lucta; estava, porém, extenuado de fadiga e, de mais, a força inimiga era muito superior á sua. Pero Lopes, aproveitando-se de um falso bote do indio, approximou-se d'elle por detraz e estreitou-o nas fortes roscas de seus athleticos braços: Caá-Ubi deu um rugido feroz, fez um ultimo esforço impotente e cahiu junto com o portuguez.

A posição de Pero Lopes era infinitamente superior á do indio, porque, segurando-o por detraz, lhe tolhia todo movimento. E, demais, segundo já observámos, comquanto Caá-Ubi fosse muito mais valoroso e agil do que o lusitano, este o excedia bastante em forças.

Os outros approximaram-se immediatamente: o indio estava subjugado; nada mais havia que temer.

Um delles encostou-lhe o joelho sobre o peito e, erguendo o punhal, perguntou aos companheiros se o devia matar.

Pero Lopes observou-lhe que seria mais divertido levar o indio preso, para fazel-o morrer nos açoites, e que seria um grande prazer apoderar da india e gosar-a na presença do seu amante.

Este pensamento infinitamente perverso foi acolhido com enthusiasmo pelos dissolutos companheiros, que, com a idéa dessas novas crueldades, se esqueciam do outro, que deixaram morto em casa, e do que estava ferido gravemente a alguns passos.

Tinham osjesuitas um habito original: quando soffriam algum revez, riam-se mansamente e diziam baixinho: «Melhor rirá quem rir por ultimo». Quem

sabe se, se alli estivesse presente algum jesuita, não daria elle esse sorriso?

Nossa vida tem alguma semelhança com o mar: raras vezes calma, ora é agitada por um vento, ora por outro. Quem ha ahi, por todo este mundo, que conte com segurança no bom rosto da oscilante Fortuna?

Pero Lopes, o capitão Lacerda e seus companheiros eram senhores absolutos da vida daquelle homem e da de Ina, que brevemente alcançariam; eram elles os mais fortes, e os mais fortes repetem sempre o dito de Brenno, o feroz chefe dos gauzezes: *Vae victis!*

Esqueciam-se, porém, de que acima delles havia alguém que podia mais do que podem todas as gerações humanas que têm errado sobre a superficie dilatada do globo, e que esse alguém penetra tambem no deserto e assim como cedo ou tarde vinga a morte do justo, assim tambem protege a rude mas generosa existencia dos filhos do sertão.

Depois de amarrado o indio, começaram a insultal-o com palavras e pancadas. Elle continuava calado.

—Onde está Ina? perguntou-lhe Pero Lopes.

O indio conservou o mesmo silencio.

—Ah!... Tu não queres falar, perro? Eu te vou já fazer a lingua mover-se.

Tomou então da faca e, apoiando-a no braço do selvagem, foi enterrando-a e repetindo sempre a pergunta: onde está Ina?

Quando a lamina tocou o osso do braço, o selvagem deu um rugido prolongado e doloroso.

Os cães ladraram e tres vultos, como se tivessem surgido do seio da terra, saltaram sobre elles.

Provavelmente, o leitor não se esqueceu de que o jesuita, ficando na aldeia dos Pinheiros, procurou arranjar um soccorro que viesse valer ao indio, e partiu, mais ou menos uma hora depois, em companhia de Tainá e de mais outro. Podiam ter chegado muito antes, porque todas estas scenas que temos descripto gastaram mais de tres horas. Transviaram-se, porém, atravez dos campos, porque os trilhos que guiavam da margem do rio dos Pinheiros á villa de Santo André eram numerosos e differentes. Com o auxilio, porém, dos fachos de que se serviam os companheiros de Pero Lopes e com o latido dos cães, que durante o silencio da noite vibra muito ao longe, sobretudo em campinas rasas como são as que descrevemos, facilmente se orientaram.

Tainá, conforme já o descrevemos, era um moço de dezoito annos, extremamente bello e de uma natureza scismadora e indolente. Nascido em logar mais adeantado, seria talvez um grande poeta. Sua indolencia, porém, desapparecia, quando estava em frente de qualquer perigo: mostrava então que era verdadeiro irmão de Caá-Ubi.

Foi elle quem deu o grito do ataque e feriu gravemente a Pero Lopes.

No primeiro momento de confusão, os que rodeavam Caá-Ubi e que havia pouco se alegravam com as torturas por que ia elle passar, deram-se pressa em fugir.

O padre Paiva, aproveitando-se disto, approxiou-se do primeiro, cortou-lhe as cordas e disse-

lhe: «correi e salvae Ina!»! O indio não se fez rogar.

Lacerda, Pero Lopes e os outros, passado o primeiro momento de terror panico, viram que os assaltantes eram apenas tres e, por conseguinte, que eram ainda muito inferiores em numero a elles.

Vendo, pois, fugir Caá-Ubi e escapar-lhes assim, precipitaram-se sobre elle e, como já estavam a pé, o indio levava alguma deanteira, mas ia fortemente accossado pelos cães.

Tainá apoderou-se então de um dos cavallos e, dando-o ao jesuita, disse-lhe: «Foge, Pay, porque Caá-Ubi está salvo»... Seria verdade?

Ina, logo que, como acima vimos, deixou o chefe indiano, poz-se a correr, a ver se ganhava a margem do rio. As enchentes haviam, porém, alargado a varzea, de tal sorte que, só para os que conheciam perfectamente aquellas lagoas, era praticavel algum caminho. Parou, portanto, á sua margem, e de lá, em ancias, ouviu todo o barulho da lucta e aquelle grito desesperador que o indio havia soltado. Voltou, pois, para traz: que lhe valeria a vida sem aquelle homem?

Na nossa sociedade civilisada, póde a mulher viver sem o amor; existem as mil seducções dos prazeres e esses pequenos triumphos com que se ufana a femil vaidade. No meio dos bosques, o amor é tudo, porque sem elle a vida nada mais é do que uma infinita cadeia de luctas contra a Natureza e contra os animaes bravios. Essa paixão energica, que, no nosso mundo, não passa de um luxo e que só existe numa ou outra alma escolhida, é para o selvagem uma realidade constante, que de toda parte o anima; é com ella que comprê-



hendem elles a Natureza, que interpretam a linguagem das paizagens formosas, dos echos das florestas e solidões, de paz e socego, das crystallinas fontes que correm em seus profundos valles.

Foi, pois, já algum tanto distante da lagoa que Caá-Ubi a encontrou. Ella lhe disse o que havia; o indio pensou um pouco e, tomando para a esquerda, seguiu uma lingua de terra que se entranhava pelos brejos e que ia ter a um poço immenso, terminando por uma barranceira elevada de pedra.

Os perseguidores seguiram-nos e contavam-nos presos, se não ambos, ao menos Ina, porque, além da altura da ribanceira, era aquelle poço e brejos adjacentes afamados pela grande porção de enormes jacarés<sup>(22)</sup> que nelles existiam.

Com effeito, o chefe indiano, ao chegar ao alto do penedo, recuou deante de dous desses monstros, que, escorregando pelas circumvizinhas charnecas, fizeram esse barulho proprio aos animaes que se arrastam sobre folhas sêccas o quebradiças e que ordinariamente tanto terror infundem.

Os cães approximaram-se, e logo após elles os perseguidores, cuja ira ia accesa, á proporção da resistencia. Tainá e seu companheiro haviam ficado atraz; o combate seria, pois, ou o captivo ou a morte. . . O indio considerou certamente estas cousas, porque parou irresoluto, como quem duvi-

---

(22) Estes reptis gigantescos têm quasi desaparecido hoje dos rios vizinhos a S. Paulo; é, porém, falsa a affirmação dos que dizem que elles não existem; eu já vi dous nas margens dos Pinheiros; e que elles eram abundantes, provam-no os nomes de alguns logarés junto de Santo Amaro, como *Jacaré-uva*, que quer dizer *abundancia de jacarés*, e outros.

dava se devia atirar-se sobre os inimigos, ou precipitar-se no meio do escuro abysmo, que occultava talvez muitos dos monstros que elle havia visto. Recuou dous passos da borda do poço, tomou Ina nos braços e, fiando a vida ao largo peito, precipitou-se de um salto no escuro abysmo, bradando: —*Tupan! Tupan! pyryçonçará conemin çupe!* Deus, ó Deus, salvae a vosso filho!

Quando chegaram os perseguidores ao pino da rocha, a agua reflectiu o avermelhado clarão dos fachos. Fitaram por longo tempo a vista sobre aquella mysteriosa superficie, mas só viram os circulos concentricos que nos poços se formam quando ha algum baque, os quaes foram successivamente extendendo-se, até que ganharam todo o ambito das escuras aguas.

Retiraram-se pouco depois. As trevas ganharam de novo o seu imperio: seria necessario que se tivesse a vista extraordinariamente aguda, para divisar alguma cousa que singrava mansamente o rio.

O silencio e a solidão da noite não foram mais interrompidos senão pelo longinquo tropear dos cavallos e pelo luzir dos fachos, que em breve desapareceram, ao dobrar da mais alta encosta que dominava o horizonte.

.....

---

## CAPITULO X

Incultas varzeas per espaço immenso  
Enfadonhas e estereis acompanham  
Ambas as margens de um profundo rio.  
Todas estas vastissimas campinas  
Cobrem palustres e tecidas cannas  
E leves juncos do calor tostados,  
Própria materia de voraz incendio.  
O indio habitador, de quando em quando,  
Com estranha cultura entrega ao fogo  
Muitas leguas de campo: o incendio dura  
Enquanto dura e o favorecê o vento.

J. B. DA GAMA

(O Uruguay, canto III)

O povo remoinhava alegre pela aldeia de S. Paulo, no dia seguinte á noite que ficou atraz descripta.

Havia-se já espalhado pelos habitantes a noticia do que referimos.

Não obstante, uma vaga tristeza sombreava os diversos grupos: era ella o resultado da incerteza em que se achavam sobre o final da fuga de Caá-Ubi.

De repente, no meio da multidão, correu uma voz: «Caá-Ubi ahi vem!» Todos se voltaram para

uma das esquinas que iam dar no pateo do Collegio. Dahi a pouco, approximaram-se alguns indios, que conduziam um andor. A multidão abriu-se em duas alas, no mais profundo silencio:—as folhas de palmeira que forravam aquelle vehiculo gottejavam de sangue; era quasi um cadaver o que vinha sobre ellas.

No cimo do monte em que se assenta hoje a ala oriental do palacio do governo, que é o mesmo convento dos jesuitas, segundo já observámos, existia um edificio quadrado, que os padres da Companhia destinavam aos colonos.

Essa casa foi destinada ao moço. Por fóra do edificio correu logo a noticia de que Caá-Ubi estava vivo. A multidão alegrou-se. As donzellas escutavam, com os olhos cheios de lagrimas, o recitar phantastico, que se fazia por toda parte, das aventuras do heroe. Sua mysteriosa desappareição, sua coragem sobrenatural, a salvação de Ina, contadas na lingua sonora do Brasil, faziam com que essas conversações tomassem as proporções de um poema epico.

Ao povo apinhado na portaria foi permittida a entrada: todos queriam vel-o. Entremos tambem.

Elle está deitado numa cama: suas faces estão lividas, seus olhos fechados. Os cabellos, como a juba do leão, sombreiam a face do energico guerreiro.

Junto d'elle, como junto da robusta peroba a fragil sensitiva, está Ina.

E' impossivel pintar-se a expressão com que os olhos avelludados da moça cahiam sobre o chefe. Só a vista podia comprehender aquelle mixto de amor, pena e admiração que se reflectia no limpido

olhar da filha do deserto. Como era bello seu moreno seio arfando de ancia, que indefinivel raio de esperanza lhe illuminava as faces, quando Caá-Ubi entreabria os olhos! Como era puro e divino o seu sorriso, quando suas vistas se encontravam? E' assim que nas tardes calmosas e nos dias da mocidade sonhamos nossas amantes; é assim que a imaginação faz passar junto ao nosso peito esses seres mysteriosos, que nunca vimos no mundo, que nunca havemos de ver, e que são,—quem sabe?— a recordação de um mundo passado, em que viveu nosso espirito, ou um chamado de Deus para uma vida melhor...

Depois de longas incertezas, depois de pairar algum tempo, como que indeciso, sobre a vida e a morte, o indio começou a ganhar força e em pouco tempo se restabeleceu.

Não era só Ina que se expandia, quando, pelo meio dos jovens *Guayanás*, passava aquelle guerreiro, tão bello e tão agil! Quando havia algum jogo de agilidade, difficil e arriscado, quando Caá-Ubi, arquejando de cansaço, depunha sobre a fronte a corôa que assignalava a victoria, via-se numa janellinha do convento a figura austera e sympathica de um sacerdote, e quem estivesse de mais perto notaria duas lagrimas de alegria boiarem por um instante em seus olhos vivos e descerem-lhe sobre as faces como duas perolas liquidas. Era o padre Paiva.

E como não seria assim, se a felicidade daquelles rudes filhos da Natureza era obra de suas mãos?

O padre Paiva estava no auge da alegria, porque a realisação de seus desejos se approximava.

No logar onde está hoje edificada a igreja da Penha, havia já naquelle tempo alguns colonos, e numa das casas, num nicho que dava para fóra, uma imagem da Mãe de Deus, que passava por milagrosa.

No momento do grande perigo por que passou Caá-Ubi, o jesuita fez um voto a essa Senhora: era o de ir com os dous selvagens, a pé, de S. Paulo até lá, e adornarem o nicho com diversas offrendas.

Para realisarem este voto, partiram um dia de madrugada. Ia o jesuita acompanhado de outro padre e os dous indios.

Só quem já atravessou essa bella estrada plana, com sua amante pelo braço, póde fazer idéia do effeito maravilhoso, da indefinivel sensação que produzem no espirito, ao amanhecer, essas encantadoras paizagens. A estrada segue para o nascente. Ao norte avistam-se os montes da Cantareira, cujo colorido azul-escuro contrasta agradavelmente com o verde-claro das extensas varzeas e profundos valles, ordinariamente cobertos a esta hora de vastos lenções de neblina.

Vós, quem quer que sejais, pequeno ou grande, rico ou pobre, moço ou velho, e que me ledes neste momento, já atravessastes alguma vez os nossos valles silentes, ao raiar do dia, sentindo bater junto ao vosso peito aquella por quem o coração palpita, e cujo nome só pronunciaes em segredo, e cuja vista é bastante para vos elevar dos maiores abatimentos moraes ao mundo ideal da esperança?

Então cada estrella que empallidece no céu, ao approximar da luz, parece innocular em nossos corpos uma gotta de vida; no ar fresco e levemente

alumiado pela aurora, os cirios nocturnos vão morrendo a cada raio de sol que invade o espaço; a sonhada harmonia dos mundos é, então, uma realidade: esse echo profundo do deserto, o róncar longinquo das cachoeiras, o gemer das florestas seculares, o grito perdido da panthera, o canto magico dos passaros selvagens, fundem-se num côro immenso, que parece atravessar o espaço, galgando de astro em astro, até chegar aos pés do Eterno. A' proporção que a luz se diffunde, as côres vão-se vivificando, os objectos perdem sua fórmula phantastica, as palmeiras desenham no chão suas sombras extendidas, as cachoeiras ao longe fulguram como rochas de diamante, o sol nasce, a vida invade o mundo... E' nestes momentos solemnes que a alma comprehende sua immortalidade. As molas da materia parecem estalar; leva-se a mão ao peito, para comprimir a vida; a respiração é dura e offegante; sente-se o espirito arcar com o corpo; parece querer, quebrando o carcere de barro em que se encerra, voar pelos espaços inundados de luz e de perfumes, atravessar as nuvens diaphanas, e—pobre desterrado,—ir buscar a patria da vida immortal, o logar onde os sonhos são realidades, onde as alegrias se não misturam com as lagrimas, onde a morte não acosta a vida.... Direis talvez: são illusões da mocidade. Mas que importa que sejam illusões, se ellas são tão bellas?.... E, demais, quem é que nos diz que são enganos? Acostumados a ver tudo atravez da fórmula limitada deste mundo de miserias, nosso espirito acabrunhado pelas realidades do presente descrê das futuras. Ha, porém, momentos solemnes na vida, em que nossa natureza se abala tão profundamente, que todo esse mundo de esperanças infinitas se ergue em nosso espirito com côres tão vivas, que, mau grado os

frios raciocínios da razão, o sentimento a elle se liga. Sim! Desses planetas solitarios que vagam por esses espaços azulados, algum deve existir destinado para o homem ser nelle feliz!

Os indios voltaram á noite e o padre Paiva, contente de haver realisado sua promessa, seu voto para com a Mãe de Deus, vinha ouvindo os monosyllabos doces que entre si pronunciavam os dous amantes.

O pobre velho sorria, quando via aquelles dous seres tão innocentes e puros, assim curvados um ao lado do outro, raras vezes conversando, mas dizendo-se com os olhos tanta cousa bella! . . . . Havia nas poucas palavras que lhes sahiam dos labios o accento de uma felicidade tão grande, de um tão profundo abandono, que o jesuita se orgulhava internamente; era a felicidade de seus filhos a que elle tinha deante dos olhos; era obra de suas mãos aquella ventura . . .

O luar estava magnifico, quando chegaram ao convento. Era, porém, uma dessas noites frias, de céu tão puro, que se avistam até aquellas estrellinhas miudas que nas outras noites se somem e que nestas apparecem como uma poeira de diamantes . . .

No largo que ficava em frente do convento, estava accesa uma grande fogueira. O crepitar do fogo era confortavel e para junto della se chegou o velho padre. Alguns jesuitas formavam um pequeno circulo em torno delle, e a conversação ia tão calma e serena, que quem a ouvisse de parte idearia um desses festins antigos, onde os patriarchas de Homero se reuniam á tarde, para refazer-se das fadigas de um dia de batalha.



Nos extendidos brazeiros, os índios assavam as carnes de veado e porcos selvagens ou, então, fructos e batatas, e iam assim preparando para seus robustos estomagos uma nutrição ao mesmo tempo agradável e sadia. Os portuguezes nesse tempo amavam o som da viola, e nessa noite, talvez pela belleza do luar, estavam muitos delles assentados á porta de suas casinhas, entoando esses cantos melodiosos da terra de Bernardim Ribeiro. Tudo respirava paz e solidão; em torno, tudo era calmo e bello, como o aspecto daquelles vastos sertões, adormecidos ao clarão da noite.

Quem estivesse menos absorto na mystica contemplação daquella scena, teria visto alguns vultos approximarem-se cautelosamente do pateo e pouco a pouco tomarem as diversas saídas que havia. Mas os que estavam em torno do fogo ou nas portas das casas achavam-se tão longe do mundo naquelle momento, que nada sentiram. Causou, pois, um profundo espanto a aproximação repentina de tres homens no meio delles, armados á militar, um dos quaes, em voz alta, pediu silencio em nome do rei.

Todos emmudeceram e o militar, que não era outro senão Pero Lopes, começou a ler em voz alta :

«Em nome d'El-Rei nosso senhor etc., está preso como réo de morte o cacique Caá-Ubi Cerame, por ter morto o fidalgo Joaquim Antonio de Lacerda e Almeida, na noite de...

«E quem o pretender occultar, ou subtrahir por qualquer modo, ás justiças reaes, fique responsável pelo crime de lesa-magestade e por elle morra etc.».

Uma metralha atirada no meio daquella pacifica aldeia não produziria um effeito mais doloroso e surprehendente.

Depois da noite em que Caá-Ubi salvou Ina, muitas cousas se haviam passado em S. Vicente. Os moços, de cujas garras elle a arrebatou, movidos de despeito e odio, dirigiram-se incontinentemente ao general Mem de Sá, homem bom e prudente, mas de uma bôa-fé extremamente credula. Ouvindo os factos coloridos e narrados pelos offendidos, indignou-se de tal sorte, que immediatamente instaurou processo, não só contra Caá-Ubi, mas ainda contra Ina.

Debalde o padre Nobrega, que se achava em S. Vicente nessa data, procurou mitigar a colera do general.

O processo foi instaurado e concluido dentro de seis dias e Caá-Ubi condemnado á morte.

Quanto á Ina, as cousas correram mais brandamente, porque ella encontrou uma inesperada protectora em Angelica, filha amada do governador. Suas lagrimas e supplicas abrandaram-lhe o rigor. Era tão bella e tão obediente a seu pae, que o velho fidalgo portuguez não pôde resistir áquelles olhos negros e cheios de lagrimas da virgem de quinze annos. Ina foi só sentenciada a doze annos de prisão.

Dados estes esclarecimentos, indispensaveis para a intelligencia do facto que referimos, prosigamos em nossa narração.

—Meu filho, disse o jesuita, baixinho, a Caá-Ubi, logo que Pero Lopes terminou a leitura, é preciso fugir.

O indio abaixou a cabeça e, depois de alguns minutos, respondeu:

—Fugir, Pay? Não! Antes morrer! Tupan é contra mim; eu irei para onde elle está.

—Não, meu filho: Deus não é contra nós, mas os maus genios. E' preciso não perder tempo e fugir... Lembrae-vos de Ina!

A moça, que estava junto delles, ergueu os olhos supplicantes para o guerreiro:

—Sim, Caá-Ubi; foge pelo amor que me tens; eu te irei procurar no meio do deserto e lá faremos nossa choupana, onde os brancos nos não poderem perseguir.

O guerreiro levantou a cabeça, olhou para as quatro sabidas do pateo e viu-as atulhadas de homens d'armas. O jesuita viu-as igualmente, mas, longe de empallidecer, riu-se com aquelle sorriso ironico que nós já lhe conhecemos: aproximou-se do ouvido do indio e murmurou-lhe umas palavras rapidas.

Tudo isto se passou enquanto Pero Lopes procurava distinguir no meio da multidão o infeliz sentenciado.

Deve ser terrivel o olhar que o leão lança ao tigre, quando se encontram no meio dalguma das estreitas veredas das serras africanas; deve ter a mesma expressão que os do chefe indiano e do portuguez, quando se encontraram.

.....

Ina estava já presa.

Caá-Ubi ia recuando constantemente e procurava ganhar um angulo da parede, no qual o jesuita permanecia em silencio, com os olhos re-

lampejando como uma lava. Os seis soldados acos-savam-no como furiosos, mas sua agilidade o foi defendendo, até ao 'angulo em que estava o jesuita.

Pero Lopes julgou-o seguro; as paredes im-pediam o indio de recuar. O feroz portuguez er-gueu, então, a longa espada sobre aquella nobre fronte e a folha lampejou ao luar...

Ouviu-se um ranger, enquanto saltaram fais-cas de fogo da espada, que batera de encontro á pedra:—a parede abrira-se e fechara-se de repente e, atravez della, o jesuita e o indio haviam desap-parecido como uma sombra...

O baralho tinha falseado o jogo, no momento em que o julgaram ganho, e mais uma vez a preta sotaina triumphava da armadura e da espada de aço dos cavalheiros!

---

## CAPITULO XI

Perdoae-lhe, Senhor! Elle era um bravo!

A. DE AZEVEDO

*(Pedro Ivo)*

Duas semanas depois do que ficou escripto, quem descesse para S. Vicente sentiria a serra do Cubatão, ou Paranapiacaba, restrugir de cantos selvagens. Pela estreita vereda que então existia e que bordejava abysmos da fundura de cem e mais braças, descia uma multidão de indios e portuguezes.

Do pincaro da gigantesca serra, divisava-se um panorama verdadeiramente brasileiro, desses que a imaginação não pôde crear, quando os olhos o não têm visto.

A serra é formada de montes successivos, que vão subindo, como uma escada gigantesca. Ao longe, os paúes chatos e selvagens orlam o oceano, que se estende até aonde a vista alcança.

João Cardoso de Menezes e Souza descreve numa bellissima poesia todo esse grandioso painel: são della os dous fragmentos seguintes:

Horriveis despenhadeiros,  
 Profundos, vertiginosos,  
 São os degraus altaneiros  
 De teus tergos magestosos.  
 Às vezes de horrendo tombo  
 Se escuta o surdo ribombo  
 Que ao longe resôa a espaços...  
 E' despegado rochedo  
 Que ao erriçado fraguado  
 Se vai fazendo em pedaços.  
 Além, que plaino azulado  
 Se prende no azul dos céus!  
 E' o mar, que, encapellado,  
 Ergue os moveis escarcéus!  
 Então a vista desmaia  
 No espaço que além se espraia  
 A perder-se no infinito:  
 E esse immenso panorama  
 Do Eterno o nome proclama  
 Na face da terra escripto.  
 .....  
 De teu pico o sol doirado  
 Se balança a fulgarar,  
 E o seu clarão desmaiado  
 Verte a lua sobre o mar:  
 Outro céu de anil scintilla  
 Na superficie tranquilla  
 Desse espelho tremulante;  
 E embaixo a vaga chorosa  
 Beija a arca preguiçosa,  
 Morrendo em flor alvejante.

Tres padres da Companhia de Jesus, envolvidos nos seus sombrios capotes, desciam a serra. Os possantes cavallos em que montavam iam a passo lento, porque á borda dos despenhadeiros o menor tropeço podia ser fatal. As torrentes murmuravam pelas profundas grutas e de quando em quando um dos milhares de arroios que existem na serra

transpunha a estrada, como uma cobra de prata, para precipitar-se nos barathros.

Não se esqueceu ainda o leitor de que as duas povoações de S. Paulo e Santo André estavam em guerra e que os jesuitas luctavam com toda a força de sua politica para fazer com que os indios depuzessem as armas. Viam claramente que essa guerra ia trazer a morte da disciplina e das practicas religiosas que elles a tanto custo haviam introduzido entre os selvagens.

Na quadra em que estamos, chegaram de Portugal alguns navios com gente armada, de sorte que o general se viu mais no caso de impedir as hostilidades.

Mas como conhecia o caracter vingativo dos indios, delibrou, de concerto com os jesuitas, que as duas povoações escolhessem alguns de seus afamados guerreiros, para luctar em diversos jogos, nos quaes mostrassem agilidade e força, e que assim teriam os *Guayanás* occasião de vingar-se das affrontas que haviam recebido.

O padre Nobrega, que era o geral dos jesuitas no Brasil, achava-se em S. Vicente; propoz e obteve do general que, das duas povoações, a que vencesse seria elevada a villa.

Já notámos atraz que era impossivel prosperarem as duas povoações, de Santo André e de S. Paulo. Os jesuitas desejavam, pois, destruir a primeira. O dia dos jogos e luctas era para elles uma questão de vida e morte. Era essa e não outra a razão pela qual os tres jesuitas Nobrega, Paiva e Nunes iam tão tãcituinos.

O padre Nobrega, como que seguindo uma conversação interrompida, perguntou ao padre Paiva:

—Dissestes que elle veio, não?

—Sim, padre meu, assim era mister.

—Apesar disso, porém, podemos perder, e se perdermos... Ah! irmãos meus! Quanta esperança se não sóme, por quanta oppressão e miseria não têm de passar estes pobres indianos, a quem creá-mos como filhos?... Preparámos, com tanto calculo e prudencia, com tanto trabalho e esforço, aquella povoação de S. Paulo, quizemos que ella fosse uma das poderosas raizes da nossa Ordem e, no emtanto, eis-nos a ponto de perdela!...

O padre Nobrega pronunciou estas palavras em um tom de abatimento profundo e, olhando para o céu, como quem invocava o auxilio do Senhor.

—Espero que Deus nos hade valer e amparar, assim como o tem feito té o presente,—disse o padre Paiva.

Os indios *Guayanás* desciam por milhares a serra abaixo; mas, em vez de seguir a estrada grande, parte delles se havia embrenhado pelos mattos e gargantas da serra, afim de perseguir os animaes bravios que ahí abundavam e que ainda hoje existem em porção. Os canticos selvagens confundiam-se com os latidos dos cães e as pene-dias concavas, repetindo-os ao longe, davam áquelle deserto um ar de festa desacostumado.

Só quem tem tido occasião de viajar pelos logares onde existem indios pôde fazer uma idéa precisa da facilidade com que varam elles os nossos mattos. Para o brasileiro, mesimo para o que se tem dado ao exercicio da caça, existem mil obstaculos, que impedem a cada passo o transitio: aqui é uma torrente, que desce funda entre margens escarpadas de rochedos; adeante, é um rochedo



escalvado, que desce a pique sobre um abysmo; além, um pantanal, em que a terra cede ao peso do corpo; mais adeante, são esses bosques baixos compostos de arvores de espinhos e de tecidas cannas, formando uma rêde infernal. Para o indio e mesmo para muitos de nossos sertanejos, estas difficuldades desaparecem. Quando chegam ao pé das torrentes, estando quasi nús, vadeam-nas, transpõem-nas nadando ou guindam-se sobre as arvores das margens e, suspendendo-se sobre os galhos, vão passando de uns aos outros, até se collocarem na margem opposta. Quasi todos os nossos rochedos são pelas fendas cobertos de arbustos e nomeadamente de um, a que os indios dão o nome de *imbé*, cujas raizes se alastram por sobre a penedia em largas distancias; dependuram-se os selvagens sobre ellas e servindo-se, ora dos galhos das arvores, ora das protuberancias e cavidades das pedras, descem pelas serras abaixo, com uma presteza igual á das osgas. Nas margens e paúes atoladiços elles caminham de rastos e assim suppreem com industria e agilidade o defeito de solidez que encontram na terra.

Ao cahir da tarde, chegou a comitiva a S. Vicente. Ao atravessar a toska, mas solida cadeia, duas lagrimas desceram pelas faces do padre Paiva... Numa das janellas mais altas do edificio, elle tinha visto um rosto pallido e com a expressão desse profundo abatimento que leva o homem ao suicidio: era a bella e infeliz Ina...

Os jogos e luctas tinham de ser dahi a dous dias: transponhamos este espaço de tempo.

As praças de S. Vicente, destinadas para arena, são de um aspecto selvagem e verdadeiramente bello. No meio dellas, surgem de espaço

a espaço solitarios penedos, por sobre os quaes os coqueiros, que ainda até hoje são designados pelo nome indigena de *gerivas*, se erguem melancolicos, como as sentinellas da solidão. A areia é branca e de noite é bello ver as ondas rolaem sobre ellas seus seios alvos e mugidores. Bandos de gaivotas misturam seu pio estridente e triste ao ronco do oceano.

Não descreveremos todos os bellos e vigorosos exercicios que se realisaram nesse dia. Nos valles repercutiu muitas vezes o grito—*Mocerane!*—palavra de victoria com que os *Guayanás* annunciavam os seus triumphos.

Apesar disso, porém, os de Santo André conservaram equal numero de premios até ao fim.

O ultimo exercicio ia decidir tudo. Consistia elle no seguinte: havia-se afinado uma bandeira numa das pedras do mar, junto á praia; o general, os fidalgos portuguezes, militares e jesuitas dirigiam-se para um navio de guerra, que para a solemnidade do dia estava alli ancorado. As canôas deviam partir de junto do navio e correr para a penha em que estava a bandeira. Iamo-nos esquecendo de dizer que Angelica, a filha do general e a protectora de Ina, era quem distribuia os premios.

Da parte dos de Santo André veiu um indio, de nome Tatuê,—valente e de estatura herculea; da parte dos *Guayanás*, era Tainá Cerame, o irmão de Caá-Ubi, a quem os nossos leitores já conhecem e cujo semblante doce, feminino e bello encobria uma alma de fogo e um coração heroico.

O mar que banha S. Vicente é extremamente profundo, e na barra em que estava o navio exis-

tiam essas ilhas submarinas formadas de cascas de ostras, mexilhões e outros molluscos. Essas ilhas, que os marinheiros designavam pelo nome de *corôas*, são perigosísimas para quem cai ao mar, porque, constituindo em si ôcas cavernas, as aguas por ellas penetram, formando sorvedouros.

Os dous lidadores, antes de começar o combate, receberam a benção do padre Nobrega, que se sentava ao lado direito do general e de sua filha.

Quando Tainá encostou o joelho no chão, houve quem observasse que seus olhos negros e apaixonados pairaram um instante na formosa physionomia da fidalga portugueza. Notaram egualmente que esta corou e que seu peito de jaspe offegou, como se lhe tivesse faltado de repente a respiração; era—quem sabe?—a primeira pagina de um sonho, a primeira revelação

*Daquelle engano d'alma ledo e cego  
Que a fortuna não deixa durar muito* (23)

.....

Duas settas que partissem velozes do arco de brejaúva não romperiam mais ligeiramente os ares do que as duas leves canôas dos lidadores. Os espectadores estavam debruçados sobre a borda do navio. Angelica, a meio suspensa sobre a guarrição da beirada, com os olhos ardentes, a bocca entreaberta e a respiração suspensa, parecia querer com a força do espirito dominar a sorte da lucta.

A principio, Tatuê levou vantagem, pois era muito mais robusto que Tainá. A agilidade, po-

---

(23) Camões.

rém, deste ultimo, no leve e bem lançado de sua canoinha negra, já bem conhecida no rio dos Pinheiros, foi ganhando pouco a pouco o espaço que perdera. O logar do combate fôra, porém, mal escolhido, porque as ondas eram bravias e se quebravam de encontro ao penedo...

Um grito unisono partiu das praias vizinhas e atroou as gargantas da serra:—Victoria! Victoria aos Guayanás!

Tainá tinha vencido; sua canôa viera, porém, com tal força e uma onda, que lhe deu pela pôpa, arremessou-a com tal impeto sobre o penedo, que ella se quebrou em mil pedaços. O joven indio tinha saltado em cima da rocha: seu olhar victorioso dominou a multidão e suas pupillas dilataram-se, porque ao longe um lençinho branco se havia agitado no navio...

Em pé, sobre a rocha, foi bella um instante a figura de Tainá. Mas de repente seus labios tingiram-se de sangue, a bandeira vacillou na sua mão e elle rolou e cahiu desacordado na areia humida.

No navio, houve alguém que tambem empalideceu, vendo o moço rolar ensanguentado; esse alguém tambem vacillou e quando o general gritou, desesperado: «Minha filha!...», todos os olhares se voltaram para a beirada do navio.

Angelica havia cahido ao mar.

Conforme atraz dissemos, a moça encostára-se a meio suspensa na guarnição do navio; quando a canôa de Tainá se despedaçou, julgou-o morto, vacillou um instante, agitando o lenço, e quando viu o moço rolar de cima da pedra, desfalleceu e cahiu.

Todos se approximaram da beirada donde a moça havia cahido e muitos saltaram ao mar. O terror e a confusão ganharam todos os semblantes. á excepção do do padre Paiva, que permaneceu como sempre: triste e severo. Tirou de debaixo da escura sotaina um assobio de aço, approximou-o dos labios e arrancou um desses sons finos e vibrantes que repercutem mais longe do que qualquer outro som.

Pouco distante do navio, a costa envergava-se para o mar e, formando um angulo que chegava á distancia de quinze braças do lugar em que estavam, terminava em um penedo, coberto de cannas tecidas e na apparencia inacessivel.

Quando o jesuita assobiou, as sebes agitaram-se, como se lá estivesse alguém. Todos estavam attentos para o lado em que Angelica havia cahido, de sorte que ninguem observou que o padre Paiva se dirigia para outro flanco do navio e que pronunciara algumas palavras numa lingua estranha, como que falasse com as ondas...

Os nadadores surdiram e um delles, o mais esforçado, annunciou que no lugar em que Angelica havia cahido existia um sorvedouro submarino, formado por uma *corôa*.

A desolação augmentou.

—Todos os meus castellos e feudos de Portugal, Africa e Brasil a quem salvar minha filha! —bradou o pobre pae, erguendo as mãos aos céus.

O padre Paiva approximou-se dos outros: seu olhar fulgurava, mas sua physionomia era fria e severa.

No meio do espanto geral, viu-se formar uma bôlha na superficie das ondas e sobre ella erguer-se

um braço nervoso... Um homem, que trazia sobre o dorso uma pelle de tigre negro, bracejou para o navio e, gottejante de agua, depositou ao pé do general a querida filha desfallecida.

Foi bem sincero o grito de espanto e alegria com que o saudaram, mas elle permaneceu immovel e com o rosto meio occulto pelo couro de onça.

O general, depois de ter abraçado repetidas vezes a sua filha quasi cadaver, voltou-se para o valente mergulhador:

—Senhor, de amanhã em deante sereis possuidor de toda a minha fortuna, porque me restituistes a mais preciosa.

O padre Paiva, que estava perto deste, respondeu por elle ao general:

—Elle vos agradece a vossa fortuna, sr. general; é um guerreiro que sabe morrer, quando é necessario, independente de recompensas. Mas... mancharam sua vida com uma calunnia, um portuguez perseguiu-o: elle pede que lhe lavem a nodoa de um falso crime que lhe attribuiram e pede vingança contra quem o fez...

—Sim, interrompeu o general, eu o perdoaria, ainda mesmo que elle fosse Caá-Ubi.

O jesuita levantou com ar solemne a especie de viseira que cobria a face do mysterioso personagem. O mancebo ergueu a cabeça, sacudiu para traz os cabellos e lançou os olhos sobre a multidão com a magestade de um rei, enquanto todos, attonitos, exclamavam:

—E' Caá-Ubi Cerame!

O jesuita riu-se, então, com um rir intimo, que apenas lhe assomou aos labios; o jogo tinha

sido longo e porfiado, a sorte o havia illudido por vezes, mas, enfim, a ultima parada estava ganha. Olhou para Pero Lopes, que havia pouco se sentava orgulhoso ao lado do general, em companhia do capitão Lacerda e dos outros amigos seus, e pelo espirito do padre passou talvez aquella maxima tão sua predilecta:—melhor rirá quem rir por ultimo.

.....

Alguns dias depois do que deixámos escripto, o general, cumprindo a sua promessa, ordenou que o peloirinho passasse para S. Paulo. O peloirinho, naquelles bons tempos, era a insignia em virtude da qual se conhecia que uma povoação tinha a categoria de villa, porque demonstrava a presença de justças reaes no lugar em que se achava.

Nesse dia, o padre Paiva lançou no livro dos registros do collegio o assento seguinte:

#### 1560, MULTA PAUCIS

O que quer dizer, em linguagem menos lacônica: neste anno de 1560, com exiguos recursos, conseguimos solidificar o nosso dominio em S. Paulo, edificamos o nosso reinado na America do Sul.

.....

No lugar em que hoje existe a praça de peloirinho em S. Paulo, havia, na epocha em que estamos, uma immensa figueira, cuja copa esgallhada e coberta de annosas barbas fazia uma larga sombra.

Supponha o leitor que, em vez das casas que ahi hoje existem, avista elle essa figueira. Um pequeno altar está erguido debaixo da arvore. Immensa multidão, composta de soldados europeus e de indios, formiga por sobre esse campo.

O anjo da alegria parece dominar do alto dos céus esse povo e derramar sobre elle risos e felicidades.

Havia-se levantado o peloirinho com toda a solemnidade, mas parecia que esperavam outra festa ainda. De repente, fez-se um profundo silencio e a multidão abriu-se em duas metades: um indio, vestido com o brilhante trajar dos caciques, vinha conduzido por um sacerdote; outro sacerdote conduzia uma india morena e bella, como um sonho de poeta.

O leitor adivinha que os indios eram Caá-Ubi e Ina e os sacerdotes o padre Paiva e o padre Manoel Nunes.

Do rustico altar, a bençam do Deus dos christãos cahiu sobre o par indiano, sanando com a felicidade daquelle dia a cadeia triste dos passados males.

A essa cerimonia religiosa seguiram-se as danças e festejos de que usavam os filhos da nossa floresta; e foram tão grandes, que ainda se conservam hoje nas tradições populares.

.....

O viajante que passasse pela estrada dos Pinheiros notaria que a cabana, que ficava á borda da agua, havia remoçado. O hervaçal, que dias antes ganhava o recinto, o aspecto lugubre e tristonho das parasitas que nasceram pelos intersticios das paredes, tinham desaparecido: a alegria pairava de novo no theatro da indiana tragedia que atraz deixámos descripta.

Tudo era cheio de vida naquelle mesmo logar em que, dias antes, parecia erguer-se o livido phantasma da tristeza. As palmeiras, que existiam em



torno da casa, pareciam mais verdes e, quando açoitadas pelas ventanias do Sul, murmuravam mais animadas, como exprimindo a alegria do deserto, por ver alli o valente rei das florestas—Caá-Ubi, o generoso.

Tainá viera morar em companhia de seu irmão. Estava já restabelecido das feridas que havia sofrido no dia em que ganhára a victoria em S. Vicente.

Seu coração, porém, não gosava da mesma saúde de que gosava o corpo; era essa a razão por que o viam muitas vezes viajando pelas costas abaixo da serra de Paranapiacaba. Dizem que a filha do capitão general e o bello moço... Algum dia, em que possamos dispôr das nossas tardes, havemos de escrever tambem a historia desses amores puros...

A vida alli no deserto era encantada e deliciosa para o par indiano. Durante o dia, Caá-Ubi e Tainá viviam occupados na caça, na pesca e nos diversos exercicios selvagens, proprios dessas nações. De tarde, reuniam-se no terreiro; o padre Paiva, quando lá estava, assentava-se no seu antigo banco de pedra, reuniam-se algumas familias indianas, cantavam, dançavam, passeavam pelo rio acima ou, entretidas em alguma conversação calma, assistiam ao magestoso morrer do dia no meio daquellas alpestres campinas.

Nos domingos, ou vinham a S. Paulo, ou reuniam-se, partiam de madrugada para alguma excursão de caça, escolhiam algum sitio formoso, preparavam lá suas comidas e deitavam-se, quando o sol era ardente, sobre a herva fresca e matizada de flores, debaixo das sombras das murmurantes figueiras.

A calma e o silencio da Natureza eram raras vezes perturbados pelo rinchar longinquo de algum carro que os colonos guiavam pelas raras estradas, ou pelo cantar do gallo em alguma das choupanas que existiam dependuradas pelos cimos dos montes, canto esse que é tão grato ao viajante que erra pelos nossos sertões e que parece uma voz amiga chamando o extenuado caminhante ao descanso num tecto hospitaleiro.

Nove mezes correram assim calmos, como pela superficie de um lago azulado e tranquillo o vô das alvas garças. Deus, que havia experimentado o coração daquelles seus filhos, com tantos soffrimentos, cumulava-os agora de alegrias, umas sobre outras. Ina deu á luz um menino tão bello e tão robusto, que Caá-Ubi quasi que enlouqueceu. Na tarde desse dia, o padre Paiva sentou-se como de costume no banco de pedra da cabana.

Era o mez de outubro; a Natureza renascia com todo o vigor, e as faces do velho tinham esse colorido vermelho e leve que dá aos anciãos um aspecto tão veneravel e que ao mesmo tempo designa uma saúde robusta.

Seus olhos estenderam-se atravez das campinas; via-se, porém, que uma leve nuvem de tristeza lhe embaçava o brilho. Qual seria a razão dessa dôr? As recordações do passado viriam porventura derramar alguma gotta amarga na taça de mel daquelles dias felizes? Sim; era, em verdade, uma recordação do passado que lhe pungia dolorosamente o coração. O espirito do homem é difficil de contentar-se...

Tinha elle tudo quanto havia desejado; mas quando olhava para a mais alta das palmeiras, que

murmuravam sobre sua cabeça, tinha uma saudade imensa de um companheiro de outr'ora, de quem o leitor já se não lembra: era um amigo do pobre velho, que costumava cantar outr'ora sobre aquella arvore, quando no começo desta historia o jesuita ia visitar a cabana; era, emfim, o pardo sabiá de que atraz falámos.

—Que é feito da pobre avezinha? Terá já morrido, victima de alguma ave de rapina ou de alguma setta dos indigenas, ou ter-se-á desgarrado pelos bosques, esquecida do seu velho amigo?

Eis as perguntas que o ancião dirigia a si mesmo e que os entristeciam. Faltava-lhe alguma cousa para encher o calice da felicidade, e elle tinha direito de pedil-a a Deus, porque o calice de suas amarguras tinha sido completo.

Nessa tarde, a alegria era tanta com o nascimento do filho de Ina, que o velho se esqueceu por um pouco da tristeza que lhe causava a ausencia do amigo de outr'ora. Mas quando se sentou no seu banco e encostou o bordão ao lado, seus olhos distrahidamente se dirigiram para a flecha mais alta em que costumava pousar o pardo cantor do deserto. Seus olhos encheram-se de lagrimas e seus labios murmuraram:

—Será, pois, verdade, meu Deus, que as alegrias do homem nunca são completas?

E sua cabeça pendeu tristemente para o peito.

Nesse instante, uma sombra ligeira atravessou o chão e um pio rapido se fez ouvir. O velho ergueu a cabeça; a ave que pousára na palmeira voou de novo para a floresta, sem que elle a pudesse reconhecer. Não obstante, o pio não cessou nas arvores; dahi a pouco os sabiás pousaram na

palmeira. Um delles, que tinha nas pennas pardas o signal de longos annos, adejou um pouco em torno do velho, como quem o procurasse reconhecer, e depois, piando docemente, pousou no hombro do jesuita. Os outros desceram egualmente; um delles era tambem velho, e dous, apennados. O jesuita conheceu que era a prole que o casal amigo vinha como que apresentar-lhe. O passaro começou depois a trinar e dos olhos do sacerdote correram abundantes lagrimas: elle era completamente feliz.

Depois desse dia, o casal vinha com os dous filhos animar com seu canto de saudades aquellas scenas de amor e de ventura.

Oh! quem pudera contar-vos toda a historia desse viver rustico? Quem pudera desenvolver deante de vós a cadeia dourada desses dias encantados em que viveram? Não; ninguem o poderia fazer. A linguagem do homem foi feita de certo por seres que soffriam: serve para pintar a dôr, para produzir as ancias do espirito, ou para exprimir as relações frias e geladas do trato commum da vida; é, porém, erma de meios para traduzir esses momentos raros e fugidios da vida humana, em que a creatura se eleva ao Creador, nas azas brancas das paixões da mocidade. . . . Quantas vezes nós mesmos não temos presenciado essas scenas de paz e felicidade, no meio de nossos sertões, sem que as possamos pintar? Quantas vezes, no scismar de alguma tarde, a imaginação nol-as não desenha no espirito, animadas com a vida do passado, perfumadas com a saudade que alenta sempre os dias já volvidos, sem que a rude expressão as possa fixar?

Não tentaremos, pois, descrever essa existencia, tão bordada de flôres. Vós, ó pallida lua, astro da

solidão, do amor e da saudade, cujo clarão lhes illuminou tantas vezes os bellos semblantes! fazei-o pela linguagem mysteriosa de vossos raios frios! Ensinæ aos corações sensiveis e á humanidade soffredora que a vida póde ser um bello livro, toda vez que o amor não degenerar num sonho de moeda, num laço vil de interesse. ou na torpe lascivia do materialista!

---

NOTAS

POR

José Couto de Magalhães



(Os Guayanás, pag. III)

A primeira edição deste livro (1860) appareceu com o titulo *Os Guayanazes*, que o general Couto de Magalhães alterou, muitos annos depois, para *Os Guayanás*, quando *O Commercio de São Paulo* o publicou em folhetins (1897).

O dr. João Mendes de Almeida, em sua monumental obra *Algumas notas genealogicas* (S. Paulo, Typ. Baruel, Pauperio & C., 1886), diz que se deve escrever *guayanás*, «porque assim o escreveram os chronistas, desde a descoberta de Piratininga, 1531. O nome exacto é *goiá-ná*, isto é, proximos ou parentes dos *goiá*. Os *goiá* eram tribus procedentes do archipelago de Bahama ou, melhor, Antilhas, e perseguidas pelos *caribs*. As que cruzaram com *tupis* denominaram-se *goiá-nô*, que por isso eram tambem *tupi-nô-ki*. Por egual, *tupi-nô*, parentes de tupi.»

Quando se fundou a Capitania de S. Vicente, era essa região habitada por tres nações indigenas,—a dos *guayanás*, a dos *tupis* e a dos *carijós*.

Os *guayanás* viviam na parte austral da Capitania, desde *Ocaraucú*, ou Angra dos Reis, até Cananéa do Sul, occupando, no littoral, cêrca de cincoenta leguas e, no interior, o espaço que lhes permittiam os *payaguás* e outras nações aborigenes dominadoras das terras centraes.



Leiam-se a esse respeito os *Apontamentos historicos, geographicos, etc. da provincia de S. Paulo*, de Azevedo Marques, v. I, pag. 184, e o *Quadro historico da provincia de S. Paulo*, por J. J. Machado de Oliveira, que existe em manuscrito na bibliotheca da Faculdade de Direito (n. 4053 do catalogo).

Todos os escriptores que se têm occupado desses indios são accordes em affirmar que eram homens simples, de muito bôa fé, inclinados a acreditar facilmente em tudo quanto se lhes dizia.

Frei Antonio de Santa Maria Jabotam, em seu *Novo Orbe Serafico* (edição impressa por ordem do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, vol. I, pag. 28), diz-nos que esses selvagens faziam bôa companhia á gente branca; «com estes teve pouco que fazer Martim Affonso de Souza, em S. Vicente, na fundação desta Capitania».

Gabriel Soares, em seu *Tratado descriptivo do Brasil*, que elle escreveu, como se sabe, em 1587, diz que os *guayanás* «não são maliciosos, nem refalsados, antes simples e bem acondicionados e facillimos de erer em qualquer cousa... Não matam aos que captivam nas guerras... São grandes flecheiros e inimigos de carne humana... Se se encontram com gente branca, não fazem nem um damno, antes bôa companhia... Não costumam fazer guerra a seus contrarios fóra de seus limites, nem os vão buscar em suas vivendas».

Seus chefes eram Tibiriçá e Caá-Ubi, ao tempo em que foi fundada a Capitania de S. Vicente.

(*Mas tu, ó musa... pag. III*)

Amigos de Bernardo Guimarães publicaram em 1852 um volume de versos do festejado poeta, sob o titulo *Cantos da Solidão*. E' rarissima essa edição e só a conhecemos pela referencia que lhe faz o general Couto de Magalhães em seu estudo sobre os poetas academicos (1859—*Revista da Academia*).

Bernardo Guimarães publicou mais tarde um volume de todas as suas poesias, alterando sensivelmente alguns versos dos *Cantos da Solidão*.

Na primeira edição d'*Os Guayanés*, o auctor transcreveu a estrophe *Mas tu, ó musa*, etc., que resolvemos corrigir de acôrdo com as alterações feitas depois pelo illustre poeta mineiro.

Esta estrophe era assim redigida:

Mas tu, ó musa, que piedosa choras,  
 Curvada sobre a urna do passado;  
 Tu, que jamais negaste ao infortunio  
 Um canto expiatorio, eia! consola  
 Do pobre indiano os erradios manes  
 E sobre a ingloria cinza dos proscriptos  
 Faze correr ao menos uma lagrima  
 De compaixão tardia.

Os dous ultimos versos foram alterados:

Com teus cantos ao menos uma lagrima,  
 Faze correr de compaixão tardia.

(*Homem de Mello*, pag. 1)

E' o sr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, barão Homem de Mello. Foi collega e companheiro de *republica* do general Couto de Magalhães, na antiga rua da Forca, em S. Paulo. Nasceu em Pindamonhangaba, a 1.º de maio de 1837, e formou-se em Direito, em 1858. Tres annos depois, foi nomeado professor de historia do antigo Collegio D. Pedro II. Durante o Imperio, occupou a presidencia das provincias de São Paulo, Ceará, Rio Grande do Sul e Bahia; foi deputado geral por S. Paulo, em duas legislaturas, e ministro do Imperio, no gabinete de 28 de março de 1880. Proclamada a Republica, foi nomeado lente do Collegio Militar, membro da Intendencia da capital federal e lente da Escola de Bellas-Artes.

Como escriptor, tem publicado muitos trabalhos de historia e geographia, entre os quaes nos lembramos dos seguintes: *Estudos historicos brasileiros*, *Esboços biographicos*, *A Constituição perante a Historia*; *Escriptos historicos e litterarios*; *Subsidios para a organização da carta physica do Brasil*; *Excursões geographicas* e *Atlas do Imperio do Brasil*.

*(S. Paulo de Piratininga, pag. 8)*

Logar outr'ora occupado pelos indios *guayanás*, assim descripto por frei Gaspar da Madre de Deus :

«Em cima da serra de Paranapiacaba e debaixo do tropico austral, pouco mais ou menos, demora um paiz delicioso, a que os portuguezes no principio davam o nome de *Campo*, por distincção das terras de beira-mar, que acharam cobertas de arvoredo mui alto, quando aqui chegaram, e por isso differentes daquellas mais vizinhas a *S. Paulo*, as quaes sem artificio não produzem arvores altas senão em pequenos bosques, distantes uns dos outros e dispersos por toda a campanha, a qual é um terreno desigual, cuja producção espontanea e mais ordinaria consiste em feno e arbustos rasteiros. Pelo dito campo dos Antigos faz seu curso um rio famoso, a que os titulos e cartas mais antigas dão o nome de *Rio Grande*; o de *Anhambí*, as sesmarias concedidas no principio do seculo passado, e hoje, todos, vulgarmente, o de *Tyeté*. Nelle faz confluencia um ribeiro, a que os indios da terra intitulavam *Piratininga*, ou *Piratinim*, como acho escripto em alguns documentos antigos, e o logar dessa confluencia fica longe da cidade cousa de meia legua. Em uma das margens do tal ribeiro estava situada uma aldeia, cujo nome era *Piratininga*, onde residia *Tebyresá*, soberano dos *Guayanazes*: ella tomou o nome do ribeiro, o qual se communicou a todo o paiz, e este se chamou *Campos de Piratininga*.» (*Memorias para a historia da Capitania de S. Vicente*, por frei Gaspar da Madre de Deus, pags. 105-106—Lisboa, 1797).

Os Campos de Piratininga, no dizer do padre Simão de Vasconcellos, merecem o nome de Elyseos, ou bem afortunados, não só porque ahi se estabeleceu o primeiro seminario da conversão do gentio, como tambem pela fertilidade do solo.

Os jesuitas, uma vez nos *cubiçados campos*, e escolhido o local, trataram de fundar o seu estabelecimento e, graças ao auxilio de Tibiriçá e de seus indios, levantaram em pouco tempo uma pequena casa coberta de palha, que serviu por quasi um anno de igreja e de collegio, o qual se denominou de *S. Paulo*, por haver

sido rezada nelle a primeira missa a 25 de janeiro de 1554, quando a Egreja commemora a conversão do apostolo desse nome.

Data desse dia a fundação de *S. Paulo de Piratininga*, elevada a villa, em 1560, e a cidade, com o nome de *S. Paulo*, em 11 de julho de 1711

*Piratininga* se decompõe em dous vocabulos tupis: *pirá*, peixe, e *tinga*, sêcco.—*peixe sêcco*.

Creemos que esta traducção está de accôrdo com o que se observa nas margens do Tieté; estas são planas em quasi toda a extensão do rio, no longo trecho em que elle banha a cidade, de sorte que, por occasião das enchentes, as aguas, transbordando, formam nas varzeas como que um pequeno mar; os peixes, nessas occasiões, entram nas varzeas, ou para a desova, no tempo proprio, ou á procura de insectos, com que se alimentam, ou para fugir aos seus perseguidores, os peixes grandes, que quasi nunca abandonam as aguas mais profundas.

Com a mesma facilidade com que o rio sahia do leito, tornava a voltar para elle; nas lagôas das varzeas ficava então grande quantidade de peixes, condemnados, com a evaporação completa das aguas, a morrer ao sol.

O facto já tem sido observado por nós algumas vezes, quando em pescarias na Ponte Grande, nos annos de 1883 e 1884. Nesse tempo era extraordinaria a abundancia de peixe nas varzeas, depois das enchentes do rio.

(*Egreja do Collegio*, pag. 9)

O leitor encontrará nessa pagina a seguinte nota do general Couto de Magalhães:

«A egreja que existe hoje não é a mesma que nessa data foi fundada pelos jesuitas, em 1553, mas está no mesmo lugar.»

Realmente, quando este livro foi escripto existia ainda a egreja a que se refere o auctor e que mais tarde foi demolida por ordem do dr. Jorge Tibiriçá, presidente do Estado, mas não sem protesto do então bispo d. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho,

do Cabido, do Clero e de brasileiros interessados pela conservação do velho edificio, que constituia uma verdadeira reliquia historica.

O facto deu logar a muita discussão pela imprensa e a procedimento judicial da illustre auctoridade diocesana, que requereu e obteve mandado de manutenção de posse da egreja, sendo nomeado depositario della o rvmo. padre Adelino Montenegro. O mandado foi concedido a 18 de fevereiro de 1891; na noite de 13 para 14 de março do anno seguinte, desabou o tecto principal do edificio, arrastando comsigo uma parede interna, varios altares e um canto da torre.

Fallecendo d. Lino, substituiu-o d. Joaquim Arcoverde, que entrou em accôrdo na questão com o dr. Bernardino de Campos, que por sua vez havia substituido o dr. Jorge Tibiriçá na presidencia do Estado. Em virtude desse accôrdo, foi nomeada uma commissão de cinco membros, conegos Ezechias Galvão da Fontoura e José Valois de Castro e engenheiros Luiz Gonzaga da Silva Leme, Theodoro Sampaio e Antonio de Toledo Piza, para remover da egreja os objectos sagrados, recolher as reliquias encontradas, demolir o resto do edificio, salvando das ruinas tudo quanto tivesse algum valor artistico ou historico, levantar a planta do edificio com photographias da parte externa e do que restava da parte interna, estudar as inscrições sobre os tumulos e remover para a crypta da Sé os ossos que fossem encontrados nas sepulturas.

Demolida a egreja, o governo mandou levantar no mesmo logar um edificio, em continuação ao do Palacio do governo, que é hoje occupado: o lado direito e todo o fundo, pelo presidente do Estado e sua familia; o lado esquerdo, pelo secretario do Interior e seu official de gabinete; o pavimento terreo, na frente, pelas diversas secções da Secretaria do Interior e corpo da guarda do Palacio; o centro fórma um jardim e nos fundos funciona a Repartição de Estatistica e do Archivo do Estado.

Dissemos que a questão da egreja do Collegio deu logar a muita discussão pela imprensa. Foi o dr. Antonio de Toledo Piza, illustrado director da Repartição de Estatistica e do Archivo, quem, sob o ponto de vista historico, mais escreveu a respeito do

velho templo. Seus magistraes artigos sobre o assumpto, publicados no *Estado de S. Paulo*, foram reunidos depois no volume 59 da *Revista* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, parte II, pags. 58 a 149.

Vamos aproveitar-nos desses artigos, para um ligeiro resumo historico da fundação da egreja do Collegio.

Quando os jesuitas vieram, em fins de 1553, aos Campos de Piratininga, onde está hoje a cidade de S. Paulo, estabeleceram-se num dos melhores pontos, pois ficava sobre o planalto onde está hoje o centro da cidade, na beira de um aspero declive que desce para o Tamanduatehy, cujo leito fica duzentos metros abaixo da borda do despenhadeiro. Este local, por sua altitude e pela configuração dos terrenos vizinhos, domina toda a extensa varzea daquelle rio, hoje em grande parte occupada pelo bairro do Braz, e era de facil defesa por este lado, pelo escarpado da rampa, que sóbe da barranca esquerda do riacho.

Escollido o local, os jesuitas deram começo á fundação do seu estabelecimento, no que foram auxiliados por Tibiriçá e seus indios; em poucos dias ficou prompta a capellinha, na qual foi dita a primeira missa em 25 de janeiro de 1554.

Este primeiro estabelecimento era de madeira e palha, que pouco a pouco foram substituidas por taipas e telhas, e constava de tres partes:—a primeira era a Egreja, ao lado sul, construida sobre a borda do precipicio, começada de paus roliços com tecto de capim; successivamente, devido a importantes donativos, foi augmentada e melhorada até se tornar um templo muito regular e decente; as outras duas partes eram o Convento, onde residiam os irmãos regulares e leigos, e o Collegio, onde se ensinavam, a principio, os indios e, depois, os meninos oriundos de todas as classes sociaes. Na Egreja, em logar saliente, era dada sepultura aos seus bemfeitores.

Em 1640, em consequencia de desavenças travadas entre os jesuitas e os paulistas, por causa da caçada e escravisação dos indios, a que aquelles se oppunham, foram os primeiros obrigados a abandonar S. Paulo, ficando a Egreja, o Collegio e o Convento abandonados até 1653. Neste anno, mediante accordo e por inter-

venção de varios paulistas illustres, os jesuitas voltaram a S. Paulo; com treze annos de completo abandono, reclamava o edificio grandes concertos, que foram levados a effeito com os valiosos auxilios dos mesmos paulistas que se haviam empenhado pela volta dos jesuitas. O templo em geral foi embellezado e augmentado; fizeram-se a torre e a fachada. A lumieira da porta principal, que era de madeira, foi substituida por uma de pedra, em 1681.

Expulsos os jesuitas do Brasil em 1759, foram seus bens confiscados e annexados á corôa portugueza; não havendo, então, governo autonomico em S. Paulo, a Egreja e o Convento desta capital e os outros bens dos jesuitas ficaram sob o dominio immediato do capitão-general do Rio de Janeiro, que se descuidou, bem como, mais tarde, o vice-rei, de zelar desses proprios nacionaes.

O Convento dos jesuitas ficou abandonado desde 1759, até que, restaurada a Capitania em 1765, foi elle transformado em Palacio do governo. Estabeleceu ahí sua residencia, em 1766, o novo governador d. Luiz Antonio, que teve, não sómente de reparar os estragos occasionados pelo tempo, como tambem de remodelar o predio, para adaptal-o ás novas necessidades do seu governo.

As reformas foram grandes, de sorte que, terminadas as obras, pouco ou quasi nada restava internamente que recordasse o velho Convento e Collegio; sómente a parte externa foi conservada intacta quanto á fórma.

Quanto á Egreja, continuava a servir para a celebração do culto catholico, sendo nella tudo conservado como era no tempo dos jesuitas; sómente a torre foi retocada por d. Luiz Antonio e por varios governos e dentro se fez substituir por soalho de taboa o calçamento de tijolo.

No seculo XIX, o Convento soffreu novas modificações, aconselhadas pelos acontecimentos politicos de 1822 e 1834. Deste ultimo auno até 1881, ainda o edificio tinha á esquerda a Egreja, aberta ao culto divino e com a qual se communicava por janellas ou tribunas interiores, donde os presidentes e suas familias ouviam missa, e á direita a extensa ala perpendicular ao corpo principal,

na qual funcionavam as repartições fiscaes da antiga provincia e o correio, sendo a parte central occupada pelo presidente e pela assembléa provincial com as suas respectivas secretarias.

Em 1881 foi essa ala arrasada por ordem do presidente da provincia, senador Florencio de Abreu, ficando o espaço por ella occupado annexado ao jardim do Palacio. O corpo central tambem foi remodelado poucos annos depois pelo presidente senador João Alfredo, recebendo um frontispicio de estylo moderno e outras alterações, que fizeram desaparecer os ultimos vestigios da obra primitiva dos jesuitas.

Tal é, em rapidas linhas, a historia do Convento e da Igreja do Collegio, a que se refere neste livro o general Couto de Magalhães. (*Vide a nota sobre o padre Manoel de Paiva*).

(*Padre Manoel de Paiva, pag. 9*)

Este personagem do romance do general Couto de Magalhães é historico. Trata-se do padre Manoel de Paiva, que veiu ao Brasil com mais tres padres da Companhia de Jesus, Affonso Braz, Salvador Rodrigues e Francisco Pires, enviados por Ignacio de Loyolla para a conversão do gentio.

A armada que os trouxe era composta do galeão *O Velho*, navio capitanea, e outras embarcações menores; chegou á Bahia em 1550, com gente e mantimentos mandados por El-Rei para soccorro da nova cidade de S. Salvador.

No anno anterior, haviam chegado ao Brasil, em companhia do primeiro governador Thomé de Souza, e por ordem de Loyolla, os padres Manoel da Nobrega, superior, João Aspilcueta Navarro e Leonardo Nunes, e dous irmãos, Diogo Jacome e Vicente Rodrigues.

Nomeado vice-provincial do Brasil, o padre Manoel da Nobrega tinha para si que todo o espirito dos missionarios se devia reduzir a dous pontos—*mortificação e obediencia*, e desde logo tratou de exercitar na pratica dessas virtudes os missionarios que haviam chegado.



O padre Manoel de Paiva foi um dos escolhidos por Nobrega para dar em publico o exemplo desses actos. Com pretexto da pobreza em que viviam, mandou vender pelas praças da Bahia o padre Paiva, que era assim apregoado: «*Quem quer comprar este homem, que é já sacerdote e pôde servir em muitos usos?*» Continuando o prégão por alguns dias, o povo persuadiu-se de que a Companhia desejava desfazer-se do religioso. Thomé de Souza, tendo conhecimento do facto, communicou-o ao ouvidor Pero Borges, accrescentando: «Eu nunca vi vender sacerdote de missa, mas como vejo que os padres o fazem, não ousou condemnal-o.» E o facto é que não faltou quem quizesse comprar o padre Paiva, chegando alguns a lançar por elle cem cruzados; os moradores de Villa Velha, que o queriam para capellão, subiram o lanço. O pregociro era o padre Vicente Rodrigues. Afinal, no dia em que devia ser resolvida a *venda*, explicou o padre Nobrega ao governador e mais amigos da Companhia o espirito que lhe dictara esse procedimento e que não fôra outro senão o exercicio de mortificação e obediencia.

Outra vez, indo o padre Nobrega com o padre Paiva por um monte ingreme, querendo o príncipio provar a obediencia do segundo, ordenou a este que se lançasse pelo morro abaixo:—o religioso obedeceu immediatamente.

Eram muito communs essas provas de obediencia e mortificação, a que alguns chamavam *excessos*, e com ellas se exercitavam constantemente os jesuitas.

Em principios de janeiro de 1554, o padre Nobrega mandou o padre Manoel de Paiva, com treze ou quatorze padres e irmãos debaixo de sua direcção, fundar um collegio nos Campos de Piratininga, o qual, depois, foi o maior de toda a provincia.

A primeira edificação feita sob a direcção do padre Paiva, com o auxilio de Tibiriçá e dos seus indios, foi uma casinha de palha, assim descripta por Anchieta: «aqui se fez uma casinha de palha, com uma esteira de canas por porta, em que moraram algum tempo bem apertados os irmãos; mas este aperto era ajuda contra o frio, que naquella terra é grande, com muitas geadas. As camas eram redes, que os indios costumam; os cobertores,

o fogo, para o qual os irmãos communmente, acabada a lição da tarde, iam por lenha ao matto e a traziam ás costas para passar a noite. O vestido era muito pouco, e pobre, sem calças nem sapatos, de panno de algodão. Para mesa usaram algum tempo de folhas largas de arvores, em logar de guardanapos; mas bem se escusavam toalhas onde faltava o comer, o qual não tinham donde lhes viesse, senão dos indios, que lhes davam alguma esmola de farinha e algumas vezes (mas raras) alguns peixinhos do rio e caça do matto. Muito tempo passaram grande fome e frio; e coratudo proseguiram seu estudo com fervor, lendo ás vezes a lição fóra ao frio, com o qual se haviam melhor, que com o fumo dentro da casa.»

Em carta ao padre Ignacio de Loyolla, de agosto de 1554, Anchieta escreveu, com pequenas mudanças, a mesma cousa. Dizia elle então que a casinha era de torrão e palha e tinha quatorze passos de comprido e doze de largo.

Nesta casinha se abriu a segunda classe de grammatica que teve o Brasil (a primeira fóra inaugurada na Bahia); era frequentada pelos irmãos e por grande numero de estudantes brancos e mamelucos das aldeias vizinhas.

Augmentando dia a dia o numero dos que procuravam o Collegio, resolveu o padre Nobrega, «com conselho do padre Luiz da Gram e mais adjuntos seus, formar em perfeito Collegio o que só era inchoado em Piratininga, pelas razões, que já apontámos, de ser o logar o coração da gentildade daquella Capitania, donde mais facilmente podiam acudir á grande multidão do gentio, que habitava aquelles arredores, e porque era mais abundante a terra para, segundo a pobreza daquelles tempos, passarem a vida humana.»

A execução das obras para esse fim teve começo em janeiro de 1556 e, graças a ellas, se accomodaram mais em ordem as classes de leitura, escripta e latim. Os indios, nas horas que os estudos lhes deixavam vagas, traziam ás costas cestos de terra e potes de agua, para a construcção. Foi mestre e obreiro das taipas e da carpintaria o padre Affonso Braz.

Em julho de 1562, o padre Manoel de Paiva voltou á Bahia, em companhia dos irmãos Manoel de Chaves, Gregorio Serrão e Diogo Jacome. Falleceu na Capitania do Espirito Santo, em 23 de dezembro de 1584, depois de haver dedicado trinta e quatro annos de sua vida á conversão e doutrina dos selvagens.

Foi o ultimo e duodecimo discipulo de José de Anchieta, «de quem dá testemunho seu mestre que acabou alli de estudar latim e ficou nelle consummado, sendo justamente superior dos mais e dando exemplo a todos na cultura da salvação dos indios. De tão raro fervor nas prêgações, que succedeu prégár muitas horas uma paixão toda de joelhos, sem que a força de espirito lhe dêsse logar a sentir o trabalho do corpo. Que por tirar de occasião de peccados aos homens, soffreu por muitas vezes affrontas e injurias grandes com animo e valor apostolico. Que com graves perigos nas guerras dos nossos contra os *tamoyos*, onde diversas vezes se achou, andava intrepido entre nuvens de flechas, com uma cruz na mão, com espanto dos que pelejavam, ainda inimigos, sem d'anno algum.»

(*Padre Manoel Nunes*, pag. 9)

Trata-se, ao que parece, do padre Leonardo Nunes, que foi geral de S. Vicente. Chegou ao Brasil com os padres Manoel da Nobrega e Aspilcueta Navarro e irmãos Diogo Jacome e Vicente Rodrigues, em 1549.

«Varão de grande satisfação e provada virtude», foi mandado a S. Vicente pelo padre Nobrega, que lhe deu por companheiro o irmão Diogo Jacome. Partiu da Bahia a 1.º de novembro de 1549, fez escala pela povoação do Espirito Santo, onde recebeu para noviço o irmão Matheus Nogueira, ferreiro, e lançou ferro no porto da villa de S. Vicente.

Sacerdote virtuoso e medico de fama, foi o padre Leonardo Nunes recebido com grande enthusiasmo por grandes e pequenos; «uns lhe beijavam o bordão, outros a roupeta, outros lhe pediam a benção.»

Desde logo, interessou-se não só pelos portuguezes, como pelos indios.

«Era o padre Leonardo Nunes,—escreve o padre Simão de Vasconcellos—varão descarnado de todos os affectos humanos, mortificado, pobre, humilde, prudente, paciente e, sobretudo, dotado de grande zelo de espirito. Os moradores da villa viam-no passar por suas portas, pedindo de esmola o de que havia de sustentar-se, em pobres vestidos, e talvez descalço, ou com alpargatas de cardos; e era este um espertador, que lhe batia juntamente á porta e ao coração. Viam-no pelas praças, pelos campos, ensinando a doutrina e explicando a obrigação de christãos, a seus filhos e escravos, e á volta destes aos senhores; e envergonhavam-se do mal que tinham correspondido nesta materia. Viam-no na casa do pobre, do rico, do justo, do peccador, do sensual, do que affrontou, do que espancou, do que salteou, e que acabava grandes effectos nas emendas das vidas, alcançava perdões, fazia amizades; e compungiam-se aquelles que achavam em si defeitos eguaes, e não viam effectos semelhantes. Viam-no subir ao pulpito, falar da outra vida, do premio dos bons e castigo dos maus, da fealdade do peccado e seus grandes perigos; e diziam que era um S. Paulo ou um propheta mandado de Deus a converter aquelles povos. Viam por fim aquella caridade solícita, com que acabava de dizer missa e prégar a um povo, e na mesma manhã tornava a dizer missa e prégar a outro, distante duas e tres leguas, por acudir a todos, na grande falta que havia de sacerdotes; e era tal o espirito e pressa com que corria os logares circumvizinhos, apezar de frio, neves e calmas excessivas, que vieram a pôr-lhe por nome, na lingua do Brasil, *Abaré Bébé*, que quer dizer *Padre que vóa*».

Dá testemunho o veneravel Anchieta, contemporaneo seu, do muito que alcançou o padre Leonardo Nunes, conseguindo tirar os homens da cegueira em que viviam, desarreigando-os da sensualidade, casando-os, obrigando-os a actos de humanidade para com os indios e ensinando-lhes o respeito aos preceitos da Egreja.

O padre Leonardo Nunes recebeu alguns noviços que sabiam bem a lingua brasilica ou a podiam aprender facilmente. Não havendo junto ao mar povoações de indios, para convertel-as á Fé, partiu o padre Nunes em companhia de um dos irmãos, que

era *bom lingua*, e, atravessando fragosas serranias, chegou a aldeias de selvagens, dos quaes conseguiu, com rara eloquencia, que lhe entregassem os filhos pequenos, para educal-os na Casa de São Vicente.

O padre Nunes castigava os homens maus, rebeldes a bons conselhos. Conta-se que o celebre João Ramalho, estando uma vez na Igreja, o padre mandou pedir-lhe cortezmente que se retirasse, pois não podia celebrar a missa em sua presença. Dous filhos de João Ramalho juraram tirar uma desforra da affronta feita ao pae; esperaram o padre á porta da Igreja e, á chegada deste, um delles preparou um golpe contra o religioso, que cahiu de joelhos, para apural-o. O braço do filho de João Ramalho ficou, porém, suspenso, e dessa, como de outras, sahiu illeso o virtuoso padre.

Por esse tempo, os portuguezes estavam em guerra com os *tamoyos* e estes tinham tomado daquelles algumas mulheres, para amantes, e escravas: o padre Nunes, em companhia do irmão Pedro Correia, dirigiu-se ás aldeias daquelles indios, prégou-lhes a Fé e com tanta eloquencia o fez, que os converteu, conseguindo retirar do seu poder as mulheres captivas.

Conseguiu depois amansar os indios dos Patos, salvando da morte diversos fidalgos hespanhoes que com suas familias navegavam para o Rio da Prata.

Quando o padre Nobrega, em 1553, visitou pela primeira vez a Capitania de S. Vicente, o padre Leonardo Nunes já a tinha de todo convertido,—attesta-o Anchieta.

Tendo o padre Nobrega resolvido mandar buscar á Bahía mais missionarios, foi incumbido dessa diligencia o padre Leonardo Nunes, que de lá voltou, trazendo bom soccorro de obreiros: Vicente Rodrigues, que já então era sacerdote, e mais quatro religiosos, dos que vieram de Portugal, e entre estes o irmão Joseph de Anchieta.

Os missionarios foram surprehendidos por violenta tempestade nos Abrolhos; conseguiram os naufragos chegar á terra, onde soffreram os tormentos da fome; concertado o navio, proseguiram viagem ao porto do Espirito Santo, onde embarcaram com-

sigo o padre Affonso Braz e ahí deixaram o padre Braz Lourenço; chegaram, finalmente, ao desejado porto de S. Vicente em 24 de dezembro do mesmo anno de 1553.

O padre Leonardo Nunes foi depois escolhido para ir a Roma informar dos negocios da Provincia ao padre geral, Ignacio de Loyolla, e, com esse fim, embarcou em junho de 1554, tendo antes pedido a Anchieta que o abençoasse em nome da Mãe de Christo.

«São, porém, differentes as traças de Deus e dos homens—escreve o padre Simão de Vasconcellos, que nos serve de guia para estes apontamentos—porque o navio em que ia fez lastimoso naufragio e acabaram nelle as vidas quasi todos que embarcaram, e com elles o padre Leonardo.

Escaparam mui poucos, mas bastantes para testificar o grande zelo com que aquelle servo de Deus, neste ultimo conflicto e despedida da vida mortal, empenhou seu trabalho em ajudar os companheiros a levar com animo christão trago tão violento, e confessando, animando e prégando em voz alta com um Crucifixo na mão até a ultima broqueada. Assim morreu por obediencia sobre as ondas do oceano aquelle que, entre os sertões do Brasil, foi a vida de tantos.»

(Tieté, pag. 10)

Rio que nasce das vertentes da serra do Mar, é o *Anhemby* ou *Anhamby* dos indígenas e *Rio Grande* dos antigos. Contam pessoas idosas que, a uns dez ou quinze metros, para baixo, dos pilares da actual Ponte Grande, que então não existia, havia um extenso banco de areia, que permittia a passagem, pelo rio, de uma margem a outra, de carros de bois, carregados de madeira, lenha, pedra, etc., que eram conduzidos da Serra. Referem ainda essas pessoas que o canal actual do rio não é o antigo, hoje denominado *Tieté-quêra*, isto é, *Tieté velho* ou *Tieté de outr'ora*. O canal que existe hoje e que, partindo da Ponte Grande e deixando á margem direita o *Tieté-quêra*, vai até ao logar denominado *Coróa*, proximo de uma ilha de nome *Peçaquera*, des-

crevendo mais ou menos uma eclipse, foi aberto, depois de 1842, por um sr. Teixeira ou Teixeiraão, como era conhecido, o qual empregou nessa obra grande numero de escravos.

*Tieté*, segundo Martius, na sua obra *Glossaria Linguarum Brasiliensium* (Leipzig, 1867, pag. 529), é:—*tié* v. *tijé-eté*, —*ave Tanagra brasilia frequens*.

Para o dr. João Mendes, *Tieté é rio grande*, relativamente aos outros da mesma região. De *ti*, agua, *eté*, para exprimir superlativo.

Para o dr. Theodoro Sampaio, é *curso d'agua verdadeiro, caudal, consideravel*.

(*Mosteiro de S. Bento*, pag. 10)

O actual mosteiro de S. Bento, que se vê hoje no largo deste nome, nesta capital, teve origem por *uma* ermida dedicada á Senhora de Monserrate, que em 1598 foi erecta por devoção do governador dr. Francisco de Souza e por fr. Mauro Teixeira, que da Bahia veio mandado pelo provincial para fundar o mosteiro e para o qual foram concedidas, pelo capitão-mór Jorge Correia, a 4 de julho de 1598, duas sesmarias, como se vê do livro 2.<sup>o</sup> do registro dellas, existente na Thesouraria da Fazenda; mas só em 1600 foi realisada a fundação por fr. Matheus da Ascensão. (AZEVEDO MARQUES, *Apontamentos historicos etc. da provincia de S. Paulo*, vol. II, pag. 82).

(*Paranapiacaba*, pag. 11)

Serra da cordilheira maritima, que serve de divisa entre os municipios de Santos e S. Paulo.

*Paranápiacaba* se decompõe em tres vocabulos tupis: *paraná*, mar; *apiac*, ver; *caba*, logar. Portanto, *logar donde se vê o mar*.

*(Villa de Santo André, pag. 11)*

João Ramalho residia em S. Vicente, até que Martim Affonso visitou o campo de Piratininga, onde se achou aos 10 de outubro de 1532.

Formando idéa muito vantajosa sobre o terreno, resolveu, logo que voltou a S. Vicente, prohibir que os brancos, sem sua licença, se dirigissem ao dito lugar. João Ramalho, exceptuado da prohibição, veio situar-se meia legua distante da Borda do Campo, no lugar onde existia a capella de S. Bernardo.

Martim Affonso, com essa prohibição, teve dous fins: evitar guerras com o gentio de Piratininga e fomentar a povoação da costa.

Em 1544, porém, d. Anna Pimentel, procuradora do donatario seu marido, revogou a prohibição deste; franqueada a entrada do *Campo*, armaram-se os indios contra os portuguezes, prejudicando, assim, o desenvolvimento da Capitania; os habitantes do littoral embrenharam-se pelo sertão, ficando sem morador algum as terras de beira-mar ao Norte da Bertioga e ao Sul de Itanhaem.

Fundam os jesuitas, nesse tempo, a povoação de Piratininga; João Ramalho já se achava de ha muito, com os seus, na povoação de Santo André, por elle fundada com o concurso de alguns europeus da villa de S. Vicente, á margem direita do ribeirão Guapituba, na paragem chamada *Borda do Campo*, territorio que pertenceu depois ao mosteiro de S. Bento e que distava uma legua a Suêste de S. Bernardo.

Nesta povoação supportaram seus moradores repetidos encontros dos *tamoyos*.

Achando-se na Capitania o primeiro governador geral Thomé de Souza, mandou crear na povoação uma villa, com a condição, porém, de a fortificarem com uma trincheira e quatro baluartes, onde se cavalgasse artilharia. Sendo cumprida essa condição por João Ramalho, que á sua custa fez a trincheira, baluartes, igreja, cadeia e mais obras publicas necessarias, foi



levantado peloirinho na povoação, aos 8 de abril de 1553, em nome do donatario Märtim Affonso, que lhe deu o nome de *Villa de Santo André*, da qual ficou sendo alcaide-mór o dito João Ramalho, que já exercia o cargo de guarda-mór do *Campo*.

Até 1560 os jesuitas conservaram-se em S. Paulo de Piratininga, e os portuguezes na Villa de Santo André; declarando-se a rivalidade entre as duas villas, o padre Manoel da Nobrega conseguiu de Mem de Sá que os moradores de Santo André passassem para Piratininga, o que de facto se deu com a extincção daquella villa pelo terceiro governador geral do Brasil.

Ouçamos o que diz a esse respeito frei Gaspar da Madre de Deus, em suas *Memorias para a historia da Capitania de S. Vicente*:

«Attrahidos pelos religiosos, foram concorrendo para S. Paulo muitos indios do sertão, e logares circumvizinhos, com sentimento grande de João Ramalho, e seus filhos, cujos intentos eram diametralmente oppostos aos dos padres. Estes queriam augmentar a sua aldeia, e aquelles a sua villa; e como os incrementos de qualquer dellas atrazavam os progressos da sua competidora, nem os jesuitas podiam tolerar a subsistencia de *Santo André*, nem os Ramalhos soffrer a de S. Paulo. Uns e outros convidavam indios e portuguezes, desejosos de attrahir grande numero de povoadores que se unissem a elles, e daqui nasceram as contendas, que tanto exaggera o chronista da companhia do *Brasil*, lançando toda a culpa aos filhos de João Ramalho. Vasconcellos não explica que as diligencias foram reciprocas: cala as solicitações de seus socios: e pinta as dos Ramalhos por estylo, que os repete sediciosos, ou rebeldes ao estado quem lê a chronica de sua provincia.

«A vista dos padres era muito mais penetrante que a de seus emulos: elles olhavam para aquella villa como para um obstaculo aos progressos da nova aldeia; e, vendo que ambas não podiam existir, desviaram o golpe fatal, que ameaçava a sua povoação, dispondo as cousas de sorte que a es-

pada fosse descarregar sobre a inimiga. Tentaram persuadir aos do governo que era conveniente ao estado, e util á religião, mudasse para a aldeia de *S. Paulo* o peloirinho e moradores de Santo André, e juntamente o fôro da villa.

«Ponderavam que esta, por ficar vizinha ao matto, estava exposta ás invasões repentinas dos barbaros, nossos contrarios, e que por falta de sacerdotes não havia nella quem administrasse os sacramentos; concluindo, finalmente, que os mencionados inconvenientes ficariam remediados com a transmigração da villa para junto ao Collegio, onde assistiam sacerdotes, que supprissem a falta de parochio, e não podiam chegar os inimigos sem serem sentidos, por ficar *S. Paulo* em logar descoberto e livre de arvores, que occultassem as marchas aos exercitos contrarios.

«Depois de contenderem alguns annos por este modo, chegaram finalmente os padres a cantar a victoria; porque, achando-se em *S. Vicente* o governador geral Mem de Sá em 1560, taes razões lhe propoz o padre Nobrega, a quem elle muito venerava, que, persuadido dellas, mandou extinguir a villa de Santo André, e mudar o peloirinho para de frente do Collegio: executou-se a ordem no mesmo anno, e dahi por deante ficou a povoação na classe das villas, com o titulo de *S. Paulo de Piratininga*, que conservava desde seu principio. Os *guaianazes* oriundos de *Piratininga*, e mais indios alli moradores, vendo que iam concorrendo portuguezes e occupando suas terras, desampararam *S. Paulo* e foram situar-se em duas aldeias, que novamente edificaram, uma com o titulo de Nossa Senhora dos Pinheiros, e outra com a invocação de *S. Miguel*.»

(*Caá-Ubi*, pag. 11)

Um dos chefes dos indios *Guayanás*, morava ou tinha sua aldeia á margem direita do rio *Gerivatyba* ou *Gerivatuba*, que dava nome á aldeia. E' o actual rio dos Pinheiros.

Quando para aqui vieram os primeiros jesuitas, *Caá-Ubi* já era bastante avançado em idade; fez-se christão, recebendo o nome de João.

Caá-Ubi, segundo Baptista Caetano, quer dizer: *matto verde, matto azul e folha azul, anil.*

(*Tibiriçá*, pag. 11)

Chamava-se assim o sogro de João Ramalho. Era o chefe dos *guayanás* de Piratininga e muito auxiliou Martim Affonso para a prosperidade da Capitania de S. Vicente.

Quando os jesuitas resolveram deixar S. Vicente e fundar em Piratininga o seu Collegio, Tibiriçá veio levantar suas casas onde está actualmente o mosteiro de S. Bento, tanto que os antigos chamavam, por isso, á actual rua de S. Bento, rua *Martim Affonso*, nome que Tibiriçá recebera em baptismo, por muita amizade ao donatario da Capitania.

Falleceu a 25 de dezembro de 1562, em avançada idade. A respeito de seu enterro, escreveu o padre Anchieta, a 16 de abril de 1563:

«Foi enterrado em nossa egreja, com muita honra, acompanhando-o todos os christãos portuguezes com a cêra de sua confraria. Ficou toda a Capitania com grande sentimento de sua morte, pela falta que sentem, porque era o que sustentava todos os outros, conhecendo-se-lhes muito obrigados pelo trabalho que tomou de defender a terra; mais que todos, creio que lhe devemos nós os da Companhia e por isso determinou dar-lhe em conta não só de bemfeitor, mas ainda de fundador e conservador da casa de Piratininga e de nossas vidas. Fez testamento e falleceu com grandes signaes de piedade e de fé, recommendando á sua mulher e filhos que não deixassem de honrar sempre a verdadeira religião que abraçaram.»

(*João Ramalho*, pag. 11)

Quando Martim Affonso chegou, em 1532, a S. Vicente, já encontrou ali dous portuguezes,—Antonio Rodrigues e João Ramalho, que havia muitos annos viviam entre os selvagens; os historiadores não conseguiram determinar ainda, com precisão, a data em que vieram para o Brasil.

João Ramalho era casado com Bartira, que recebeu depois o nome de Isabel, filha do famoso Tibiriçá, e Antonio Rodrigues era genro de Piqueroby, outro chefe indio.

Ambos prestaram bons serviços a Martim Affonso, conseguindo para os portuguezes a franca e dedicada amizade dos *guayanás*.

João Ramalho foi quem fundou, com seus filhos, a villa de Santo André da Borda do Campo, perto de S. Bernardo, na qual exerceu os cargos de capitão, alcaide-mór e vereador; a instancias dos jesuitas, essa villa foi extincta por Mem de Sá, em 1560. Passou depois João Ramalho para a villa de S. Paulo de Piratininga, sendo nomeado em 1562, pela Camara pelo povo de S. Paulo, para capitão da gente que teve de ir ao sertão fazer guerra aos indios do Parahyba, que tinham posto em cerco e atacado a villa.

Segundo Azevedo Marques, no livro de vereanças da Camara de S. Paulo, que serviu pelos annos de 1562 a 1566, lê-se (sessão de 15 de fevereiro de 1564) que João Ramalho declarou «não poder accetar o cargo de vereador, para que fôra eleito, por ser homem velho, que passava de 70 annos.»

Referem os historiadores que João Ramalho se mostrou ingrato ao seu sogro e revelou mau character. Casado com a filha de Tibiriçá, amancebrou-se depois com diversas indias, entregando-se a uma vida dissoluta. Foi por isso excommungado e prohibido de frequentar as egrejas. (Veja-se a *Nota* sobre o padre Leonardo Nunes). «Costumava sahir seguido da numerosa caterva dos filhos bastardos, *mamelucos*, gente ruim e desalmada, que se derramavam a fazer alvoroços e a injuriar e calumniar os padres jesuitas.»

Sua prole legitima desapareceu obscuramente, ha tres seculos.

(*Provincial Nobrega*, pag. 12)

Trata-se do padre Manoel da Nobrega, que foi o primeiro provincial da Companhia de Jesus no Brasil. Com An-

chieta e Paiva, prestou grandes serviços na catechese dos indios da Capitania de S. Vicente. Falleceu no Rio de Janeiro, a 18 de outubro de 1570, contando 58 annos.

(*Anhangabahú*, pag. 13)

Afluente do rio Tamanduately, pela margem esquerda, atravessando a cidade de S. Paulo em grande parte.

O general Couto de Magalhães traduziu *Anhangabahú* como *rio da arvore de Anhanga*.

Parece-nos mais aceitavel a interpretação: *Anhangaba*, diabrura, maleficio, e *u*, que está em logar de *ig*, agua, pois em dicções tupis, confôrme a lição de Baptista Caetano, se encontra frequentemente aquella vogal em vez de *i*, e, assim, *u* por *ig*, agua; *u* por *ib*, arvore, etc. Temos assim: *agua* ou, por extensão, *rio* ou *ribeiro do maleficio*.

(*Tamanduately*, pag. 13)

Afluente do Tieté pela margem esquerda, banha a face septentrional da cidade de S. Paulo e recebe o ribeirão Anhangabahú. E' formado pelo ribeirão chamado dos *Couros*, que corre em S. Bernardo, com affluencia de outros regatos.

Frei Gaspar da Madre de Deus diz que este rio é o Piratininga dos antigos; escreve elle que Piratininga ou Piratinim é um ribeiro e se mette no Rio Grande dos antigos, hoje conhecido pelo nome de *Tyeté*, e consta do auto de demarcação das terras de Braz Cubas, feito em S. Paulo no anno de 1633, por ordem do provedor-mór Sisne, o qual se acha no archivo do Carmo de Santos (maço 15, n. 63); consta ainda de uma carta de sesmaria, passada por Jorge Ferreira, aos 9 de agosto de 1567, e que está registrada no cartorio da Provedoria da Fazenda.

O dr. Theodoro Sampaio, no seu interessante livro *O tupi na geographia nacional*, traduz *Tamanduately* (ant. *Tamanduatahy*) como *rio do tamandua grande*.

O dr. João Mendes de Almeida, na obra posthuma *Diccionario geographico da provincia de S. Paulo*, escreve:

«*Tamanduatehy*—Affluente do rio Tietê, pela margem esquerda. Banha a cidade de S. Paulo pela face léste e separa as duas freguezias da Sé e do Braz. E' o mesmo rio Piratininga. *Tamanduatehy*: corruptela de *T-mã-ndaetê*, «muitos rodeios». De *t*, relativo; *amã*, rodeio, volta; *ndaetê*, muitos. Allusivo a ser muito sinuoso este ribeirão. No significado é quasi o mesmo do nome Piratininga.»

Baptista Caetano dá a palavra *tamã* abs. de *amã*, rodear, que se acha em comparativo com *tamandeté*, voltas, rodeios, etc.; dahi, *tamandetahi*, rio de muitas voltas, meandro.

Temos como mais accetavel a interpretação: *tamandué-tê-y*. *Tamandué*, nome de varios quadrupedes da ordem dos desdentados e que se alimentam de formigas; conhecemos as especies tamanduá-cavallo (*myrmecophaga tetradactyla*), tamanduá-bandeira (*myrmecophaga jubata*), tamanduá-mirim (*myrmecophaga didactyla*); *tê*, grande, com a interpretação de verdadeiro, real; *y*, agua, rio.

Nas varzeas de S. Paulo havia antigamente grande numero de formigas; ainda hoje, nas margens do rio dos Pinheiros, na parte denominada varzea de Santo Amaro, onde está situado o Matadouro Municipal, existem muitos *cupins*, que, como se sabe, são as casas das *térmitas* (formigas brancas). Dahi, a abundancia dos tamanduás, que se alimentam desses insectos *hymenópteros*. Abundavam os tamanduás nas margens do *Tamanduatehy*, porque vinham ahí, de preferencia, buscar sua alimentação.

Mas—perguntar-nos-ão—porque os indios não deram a esse rio uma denominação que significasse a abundancia de formigas? A resposta é facil:—esses insectos existiam tambem em outros sitios e só nesse é que abundavam os *tamanduás grandes*, animaes de real utilidade para os indios, que aproveitavam, além da sua pelle, suas unhas, para artefactos diversos.

(*Debaixo do tranquillo céu dos ermos...* pag. 25)

O verso

Do valle solitario eu escutava

foi alterado na edição das *Foesias* por este:

Do valle solitario ouvir cuidava

(*Pinheiros*, pag. 25)

Afluente, pela margem esquerda, do rio Tietê, no municipio de S. Paulo. E' o antigo *Gerivatuba* ou *Jerivatyba*, nome que se decompõe em *Gerivá*, palmeira commum em S. Paulo, e *tuba*, abundancia. Allusivo á abundancia dessas palmeiras em suas margens.

A aldeia desse nome, a que se refere o general Couto de Magalhães, estava situada á margem direita do rio. Seu maioral era Caá-Ubi.

(*Imboava*, pag. 32)

*Terra dos imboavas*, ou *emboabas*, era como os indios designavam a Europa.

A esse respeito escreve o illustrado dr. Theodoro Sampaio, no seu já citado livro *O tupi na geographia nacional*:

«O nome *emboaba* não terá vindo de uma simples corruptela de *amoába* ou *amboaba*? E' bem provavel; tanto mais que só se o applicava ao estrangeiro ou ao portuguez principalmente, porque este era quasi o unico na colonia, onde só entravam os de outras nacionalidades com licença especial.

«Este nome, que se tornou celebre na historia do descobrimento das minas, designando com um cunho nativista o elemento estrangeiro que affluu numeroso dos portos do littoral para disputar aos paulistas o ouro por elles descoberto em

Minas, não exprime, de facto, senão o despeito do nacional contra o forasteiro. Dizer—*guerra dos emboabas*—vale o mesmo que dizer—*guerra contra o estrangeiro* ou *o intruso*.

Outra hypothese admissivel é a que faz derivar o nome *emboaba* do tupi *mbóaba*, de que se faz por corruptela *boava* e significa *vestido, coberto*, em allusão a se apresentarem os portuguezes ou estrangeiros trajando roupas desconhecidas e calçando largas botas para se protegerem contra os espinhos e os reptis.»

(*Dorme em silencio o echo das montanhas*, pag. 39)

O verso

Se embala agora em indolente rêde

foi alterado para este:

Na preguiçosa rêde se embalança!

(*Silveira de Souza*, pag. 46)

E' o poeta João Silveira de Souza, filho de Santa Catharina, diplomado, em Direito, na Academia desta capital, em 1849. Publicou um volume de versos, *Minhas canções*.

Silveira de Souza foi lente de Direito em Pernambuco e occupou a presidencia de uma provincia do Norte.

O general Couto de Magalhães refere-se a elle no estudo sobre os *Poetas academicos*.

(*Payabuna*, pag. 57)

Corruptela de *pay-oba-una*. Quer dizer: padre de vestes negras, o jesuita.



(Curupira, pag. 60)

N' *O Selvagem*, II parte, pags. 123-124, escreve o general Couto de Magalhães que o systema geral da theogonia tupi parece ser este: existem tres deuses superiores: o *Sol*, que é o creador de todos os viventes; a *Lua*, que é a creadora de todos os vegetaes; e *Perudá* ou *Rudá*, o deus do amor, encarregado de promover a reproducção dos seres creados. Cada um destes tres grandes seres é o creador do reino de que se trata e cada um delles é servido por tantos outros deuses, quantos eram os genios admittidos pelos indios; estes, por sua vez, eram servidos por outros tantos seres quantas eram as especies que elles reconheciam; e assim por diante, até que cada lago ou rio, ou animal ou vegetal, tem seu genio protector, *sua mãe*.

Os deuses submettidos a *Jacy*, ou lua, que, é a mãe geral dos vegetaes, são: o *Saci Cereré*, o *Mboitátá*, o *Urutúu* e o *Curupira*.

O *Curupira* é o deus que protege as florestas. As tradições representam-no como um pequeno *tapuio*, com os pés voltados para traz e sem os orificios necessarios para as secreções indispensaveis á vida, pelo que a gente do Pará diz que elle é *muçico*. O *Curupira*, ou *Currupira*, como nós lhe chamamos no Sul, figura em uma infinidade de lendas, tanto no Norte como no Sul do Imperio. No Pará, quando se viaja pelos rios e se ouve alguma pancada longinqua no meio dos bosques, os remeiros dizem que é o *Curupira* que está batendo nas sapupemas, a ver se as arvores estão sufficientemente fortes para soffrerem a acção de alguma tempestade que está proxima. A funcção do *Curupira* é proteger as florestas. Todo aquelle que derrubar, ou por qualquer modo estragar inutilmente as arvores, é punido por elle, com a pena de errar tempos immensos pelos bosques, sem poder atinar com o caminho da casa, ou meio algum de chegar entre os seus. (*O Selvagem*, cit., pags. 138-139).

(Pay, pag. 65)

O mesmo que sacerdote, pae, etc.

(*Horriveis despenhadeiros* . . . pag. 99)

Da bellissima poesia *A serra de Paranapiacaba*, do dr. João Cardoso de Menezes e Souza, depois barão de Paranapiacaba, o general Couto de Magalhães transcreveu os fragmentos que se lêem na pagina 99 deste livro. Infelizmente, na primeira edição d' *Os Guayanás*, foram omittidos estes dous versos :

E' o mar, que, encapellado,  
Ergue os moveis escarcéus.

A poesia vem reproduzida, na integra, no livro *Annos Academicos*, de Pessanha Póvoa (Rio de Janeiro, Typ. Perseverança, 1870).

(*Tatuetê*, pag. 103)

Como substantivo commum, quer dizer *tatú verdadeiro*: de *tatú* (casco encorpado ou denso), mammífero da ordem dos desdentados (*dasypus*), e *tê*, adjectivo, com a significação de *verdadeiro*.

## ERRATA

Escaparam á revisão alguns erros. Convém corrigir estes:

Pag. XXXI: *bemfeitorias* leia-se *feitorias*

Pag. 119: *Constituição* leia-se *Constituinte*

# INDICE

	Pags.
DEDICATORIA . . . . .	V
PREFACIO . . . . .	IX
CARTA A HOMEM DE MELLO . . . . .	3
OS GUAYANÁS:	
<i>Capitulo I</i> . . . . .	7
<i>Capitulo II</i> . . . . .	17
<i>Capitulo III</i> . . . . .	25
<i>Capitulo IV</i> . . . . .	39
<i>Capitulo V</i> . . . . .	46
<i>Capitulo VI</i> . . . . .	53
<i>Capitulo VII</i> . . . . .	62
<i>Capitulo VIII</i> . . . . .	67
<i>Capitulo IX</i> . . . . .	77
<i>Capitulo X</i> . . . . .	88
<i>Capitulo XI</i> . . . . .	98
NOTAS . . . . .	117